REVISTA DA SEMANA

HOMENS INDOMÁVEIS
OS MELHORES DE 52
COMO SE FAZEM OS CATARINAS





LEIA!

o empolgante e imortal romance de H. SIENKIEWICZ

"QUO VADIS"? — O AMOR DE VINICIUS, JOVEM PATRICIO ROMANO, POR LIGIA, A FORMOSA CRISTÃ ATIRADA À ARENA — A FÔRÇA PRODIGIOSA DE BRUTUS — O DELIRIO DE NERO, O CRUEL IMPERADOR DO MUNDO ROMANO — TUDO MARAVILHOSAMENTE ILUSTRADO, À CÔRES, POR F. MATANIA.

NO LIVRO MAGICO DOS MIL ASSUNTOS:

ALMANAQUE EU SEI TUDO

PARA 1953

PREÇO 25,00

À VENDA NOS JORNALEIROS — PEDIDOS À CIA. EDITORA AMERICANA — RUA MARANGUAPE, 15 — LAPA — RIO DE JANEIRO — POR MEIO DE VALES OU REEMBÔLSO POSTAL



A luta se caracterizou pela maior violência e os dois corpos rolaram no solo de cimento numa fúria de loucos em busca de um título.

SANGUE, SUOR E CONFUSÃO

QUE BARBARIDADE! ESPETACULO DEPRIMENTE ★ NO CHÃO DURO DE CIMENTO ★ ALÉM DE QUEDA, COICE!

Reportagem de ADIR VIEIRA

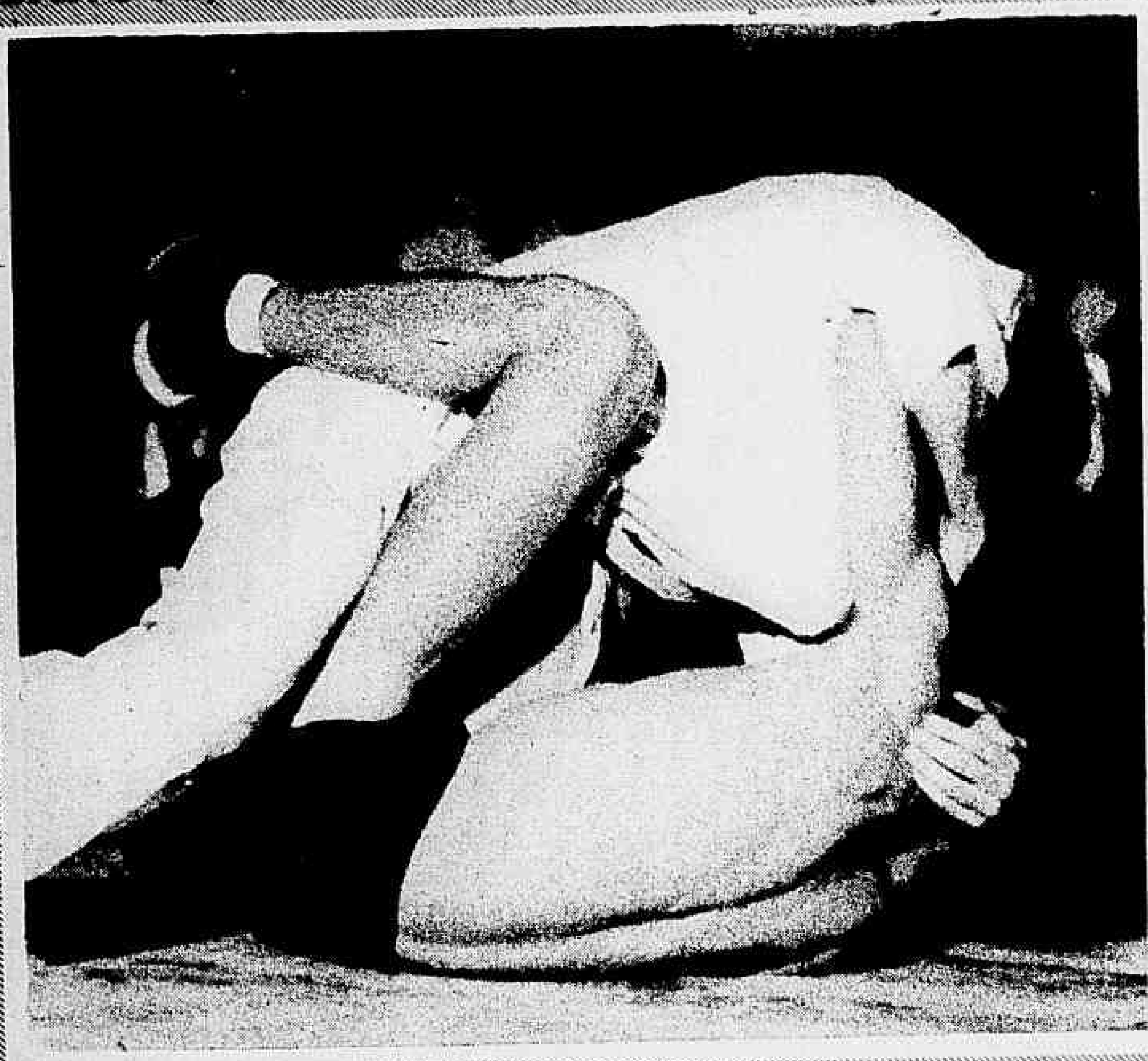
PROMOVIDO pela crônica esportiva carioca, teve lugar, na semana passada, no cimento duro da quadra de basquete do C. R. Vasco da Gama, um espetáculo inédito: uma autêntica «briga de rua», com entradas pagas, grande público e garantia da polícia... Tudo isso a título de ajuda aos nossos irmãos flagelados do nordeste. Tomaram parte nesse triste espetáculo, de selvageria pagã, alunos de uma academia que se tornou famosa no ensino e na prática do «jiu-Jitsu» contra alguns rapazes «atrevidos», que gostam de se «espalhar» com muita arrogância e valentia por êsse Rio de Janeiro afora...

Tudo começou, uma semana antes, com um «desafio» lançado pela Academia, contra os «valentões» da Cidade, para uma luta «vale tudo», desde pontapé na canela até sôco no ôlho, onde não haveria juízes e que só deveria terminar pela desistência de um dos adversários.

Os «valentões» não apareceram no número desejado, mas três jovens decididos, de muita fibra e coragem, sem nenhum preparo físico e sem conhecimento algum de lutas esportivas, apresentaram-se aceitando o «desafio»: Manoel Nascimento, Rodolfo Hermanny e Luís Aguiar, o último muito conhecido no bairro de Copacabana pela alcunha de «Cirandinha».

A Polícia, presente para «decidir» a última parada e arrefecer os ânimos da «torcida», garantiu o início da noitada, com o encontro entre Manoel Nascimento x Robson Gracie. Luta rápida, que não durou 2 minutos, terminando pela aplicação de uma «chave de braço» seguida à primeira boletada vibrada por Monoel Nascimento. A segunda «luta» foi mais séria: Guanair Vial, 73 quilos, 25 anos, e Rodolfo Hermanny, 67 quilos, 20 anos. De nada valeu a técnica de «jiu-jitsu» de Guanair contra a agilidade do seu adversário que, depois de conseguir acertar várias joelhadas no peito, o derrubou, entrando num corpo-a-corpo, no chão de cimento, que se prolongou por 1 hora e 20 minutos... E durante todo êsse tempo Guanair foi vítima de verdadeiro «massacre»: imobilizado, por cima de Hermanny, não esboçou reação, deixando-se bater, durante mais de 1 hora, no rosto, no pescoço e na altura dos rins, em compassados socos, cuteladas e pontapés, aplicados em ritmo lento e que lhe valeram sérias contusões, a ponto do público reclamar pela «finalização» da luta... O «apartador» de emergência interrogava os contendores sôbre a paralisação da «briga», mas Hermanny preferia a continuação. Foi por solicitação de um dos diretores do «espetáculo» que decidiram terminar a «luta». Resultado: Guanair desmaiou e Hermanny, levado em

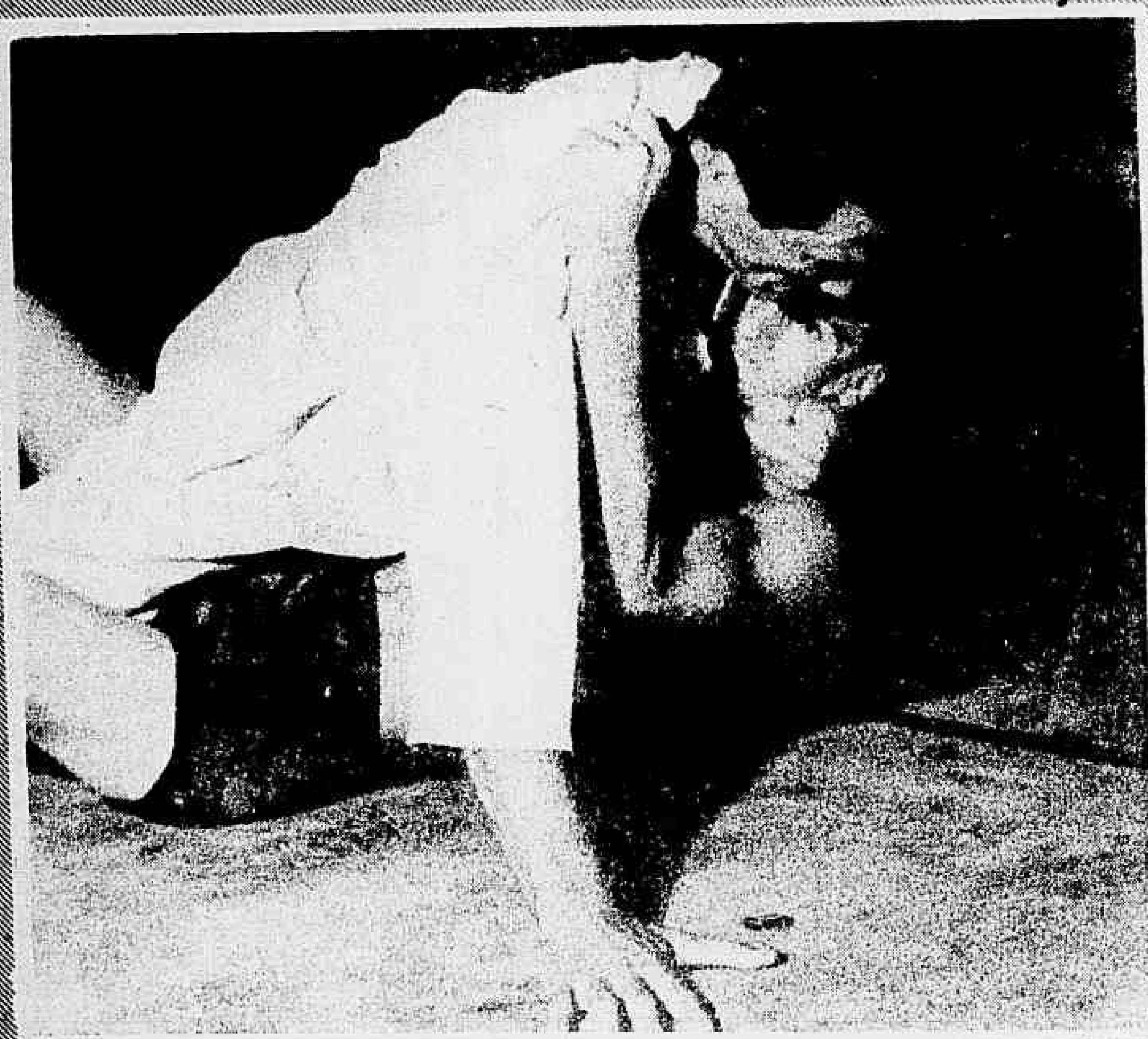
SANGUE, SUOR E CONFUSAO



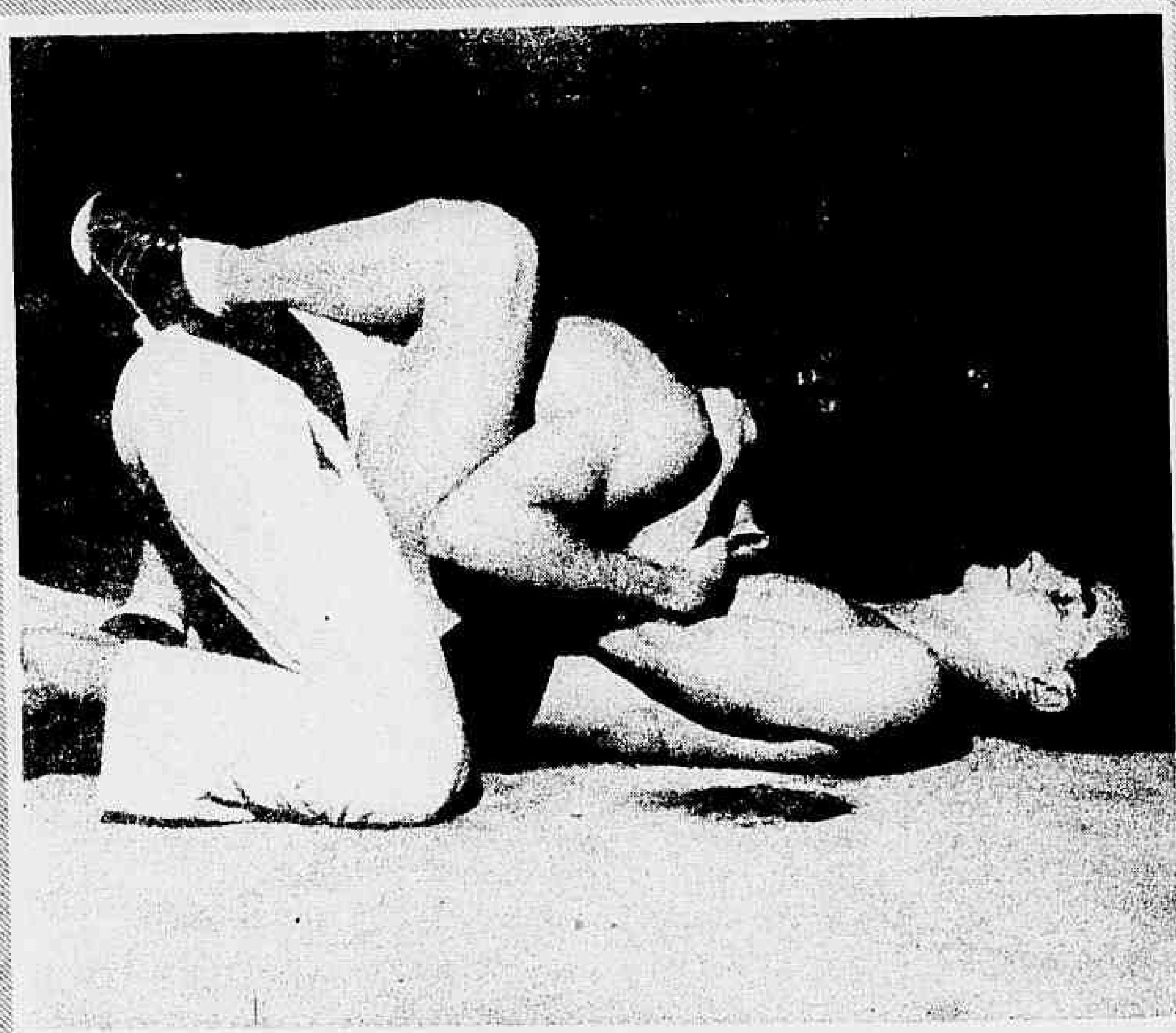
O «rôlo» que durou nada menos de 1 hora e 20 minutos, no cimento.



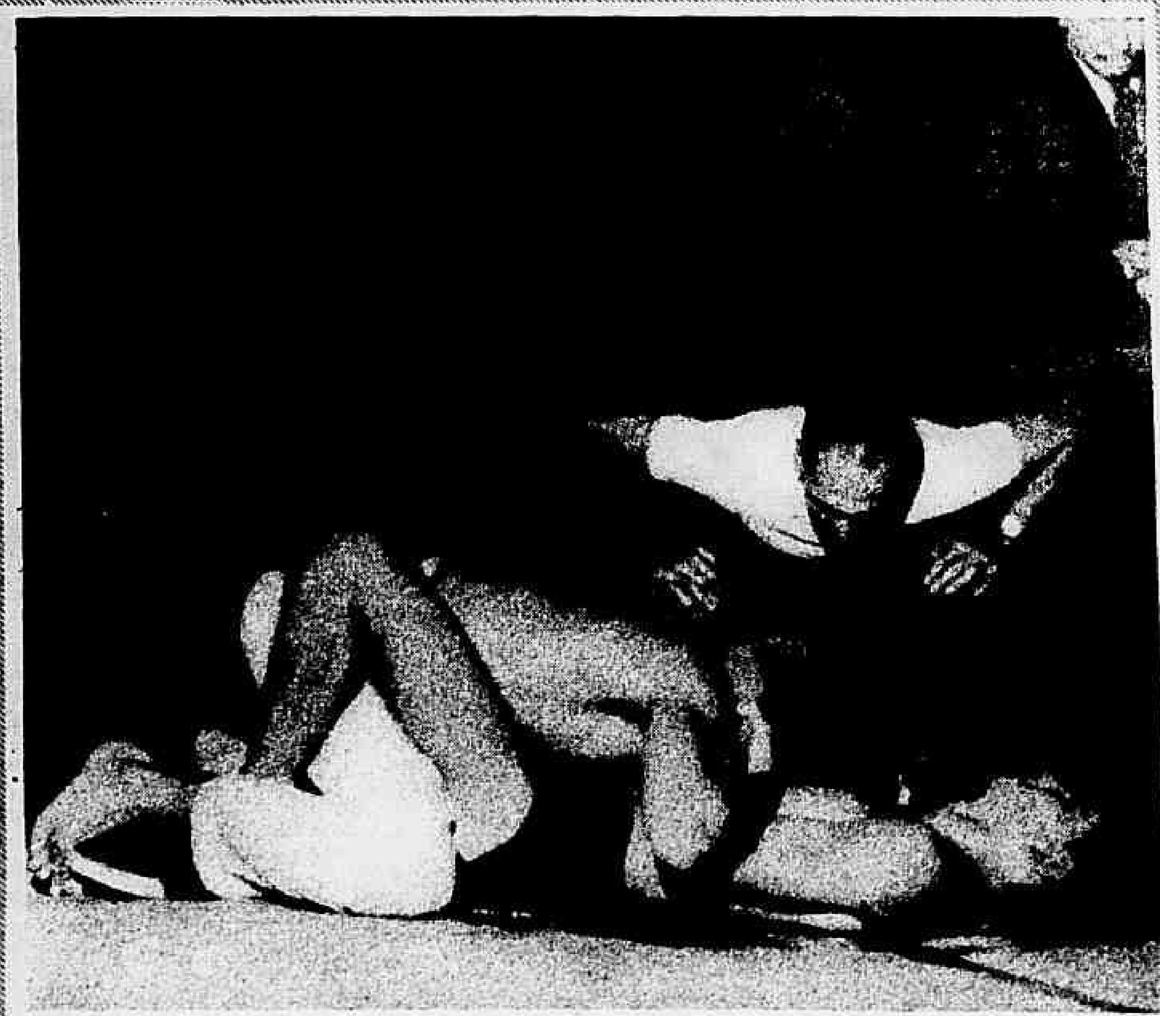
Guanair está por cima de Rodolfo Hermanny, mas está sofrendo muito.



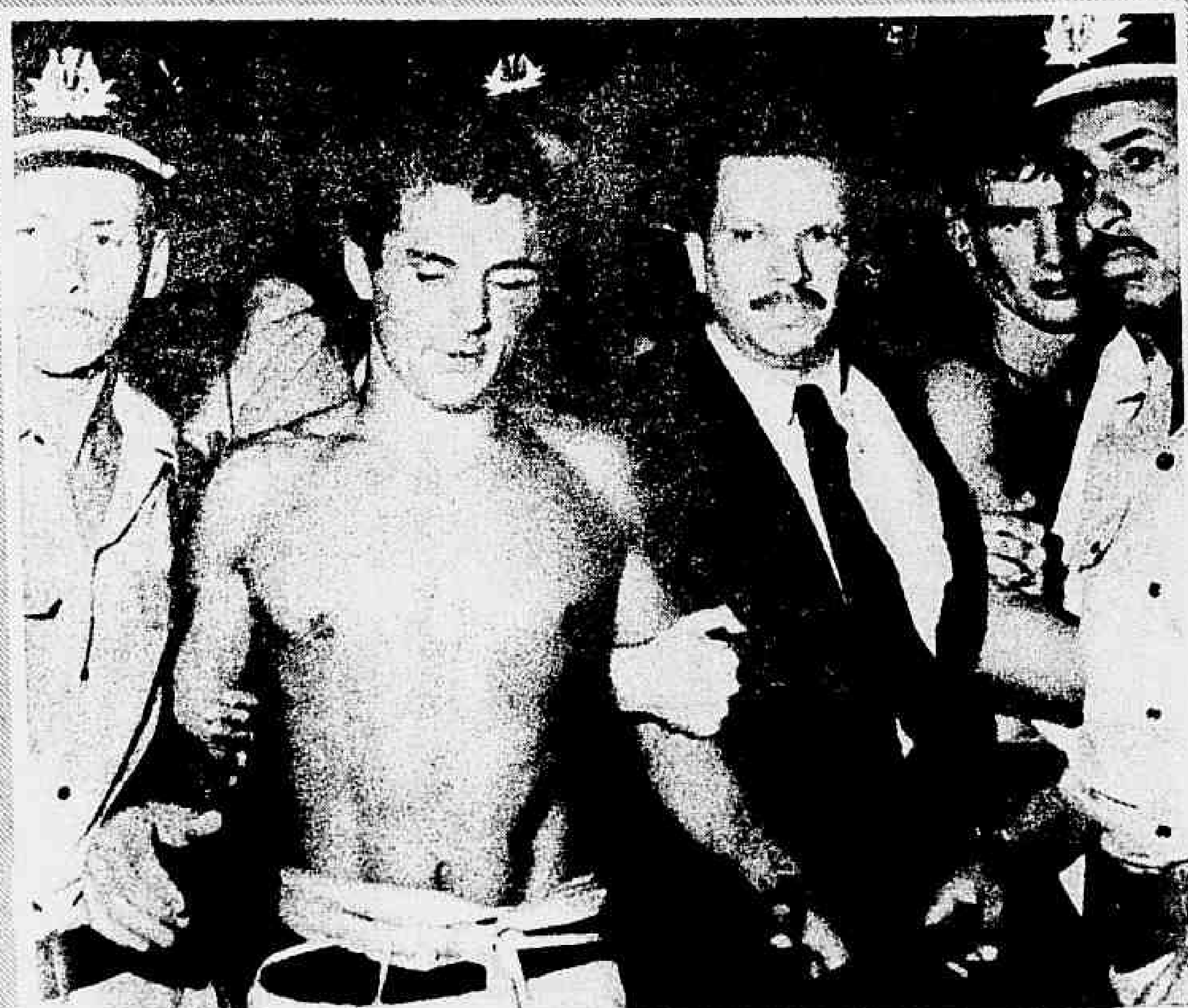
Jiu-jitsu contra «vale tudo», em 73 quilos contra 67. Luta tremenda.



Guanair Vial, apesar de estar sôbre o rival, sofreu mais que o outro.



O juiz da pugna estava olhando a coisa de perto para dar o resultado.



Guanair é retirado em ponto de desfalecer. E desfaleceu mesmo, depois.



A batalha prossegue violenta. A agilidade de Rodolfo Hermanny anula a técnica de «jiu-jitsu» desenvolvida por Guanair Vial.

triunfo, dá volta ao campo sob os aplausos do público...

A «luta» principal tinha como atração o jovem Carlson Gracie, 20 anos, 69 quilos, contra «Luís Cirandinha», 26 anos, 80 quilos. Nenhum golpe de «defesa pessoal» foi possível aplicar, dada a violenta investida de «Cirandinha», que durante os primeiros 5 minutos desandou a dar bofetões, socos e pontapés. Conseguindo acertar alguns dêles, deixou por momentos seu adversário meio tonto. Apesar de seu desenvolvimento físico, «Cirandinha» nenhum fôlego possuía, o que se evidenciou tão pronto conseguiu Gracie levá-lo ao chão. E o diálogo final, com o jovem Carlson sentado sôbre o monstruoso peito do adversário, bem reproduz o seu estado de aniquilamento físico:

— Como é seu «apartador»? Êle diz que chega...
— Chega mesmo?
— Chega... estou «apagado».

★

Uma outra «luta» teve lugar entre a Polícia e parte da assistência que invadiu o «ring». Inexplicàvelmente, os repórteres fotográficos foram os mais prejudicados. Por dever de profissão, ali estavam apra colhêr instantâneos dos «Gladiadores Século XX», e tiveram que tomar parte, como vítimas indefesos, no «vale tudo» contra a máquina fotográfica...

★

Numa rápida visita aos vestiários, depois da «briga», pôde-se constatar a desumanidade de espetáculos como êstes: sangue pelo assoalho, conseqüência das cabeças quebradas de encontro o cimento duro, e corpos exangues.



Robson Gracie, apesar de «brotinho», deu uma lição de luta para gente grande.



Carlson Gracie, um outro «brotinho», que apagou a fúria do gigante «Cirandinha».



Este é o atleta «Cir[illegible]nha», que foi vencido, apesar dos oitenta quilos que pesava.

GRANDE CONCURSO "BRAZÍLIA"

Mais de Cr$ 200.000,00
de prêmios

Álbum-Revista da Semana

Com viagens turísticas pelo Brasil, por terra e por mar, desvendando aos olhos do nosso povo e dos estrangeiros aqui residentes, tudo o que de mais belo possui o nosso país! O "Álbum-Revista da Semana" é indispensável a pequenos e grandes, estudantes e professôres, homens e mulheres, operários e artistas, historiadores e políticos, médicos e bacharéis, engenheiros e militares, sacerdotes e cientistas, jornalistas e comerciários, pois em suas páginas ficará gravado o retrato do Brasil com tudo o que existe de belo, grandioso, sensacional, nas artes e nas letras, nas belezas naturais, nas obras da inteligência humana, numa empolgante seqüência histórica e artística, tudo caprichosamente colorido e de feitura instrutiva, educacional e atraente!



Televisão, geladeiras, bicicletas motorizadas, patins, terreno, enceradeira, máquina de escrever, liquidificadores, máquina de costura e muitas outras coisas de grande utilidade.

●

Obtendo do seu jornaleiro um exemplar do "Álbum", recorte, cuidadosamente, as figuras da página 30 desta revista e vá colando no "Álbum" de acôrdo com os números.

●

Realização da BRAZILIA TURISTICA E COMERCIAL S. A. - Visc. de Inhaúma, 134 - Rio

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ N.º 14 ★ 4-4-53

SUMÁRIO

Sangue, suor e confusão 3/ 6
Como se fazem os «Catarinas» 15/21
Vida, Paixão e Morte de Jesus 25/29
Os melhores de 52 .... 31/34
Homens indomáveis 48/53

●

A esfinge da sêca 7
O jardineiro Timóteo (conto) 11
A Bem-Amada (romance) 12/13
E fêz frio na primavera (conto) .. 14
Semana Literária 24
A volta dos bandeirantes 40/41

●

A semana em revista 8/ 9
A personagem da semana 9
Conta-me teus sonhos 22
Arabelle (folhetim) 35
Janela sôbre o mundo 36/37
Passatempo 38
A Revista há 50 anos 39
Último flash 51

●

A luz da psicanálise 22
Inspirados na coroação 43
Elegância original 44/45
Week-end na cozinha 46
Casamento científico? 47
Sugestões para o lar 47

CAPA:

Lori Nelson (Universal-International)

★

Diretor: GRATULIANO BRITO — Assistente: RENATO DE ALENCAR — Paginação: VICTOR TAPAJÓS — Desenhos: ALBERTO LIMA — Publicidade: J. M. COSTA JÚNIOR.

★

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e de Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933. — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.

★

REPRESENTANTES

Nos Estados Unidos da América do Norte: Dulce Damasceno de Brito. 1818 N. Whitley — Ave. — apto. — 202, Hollywood 28, California. Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 52 páginas.

TELEFONES

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 200,00
Seis meses	Cr$ 100,00
Registrada — Um ano	Cr$ 230,00
Seis meses	Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

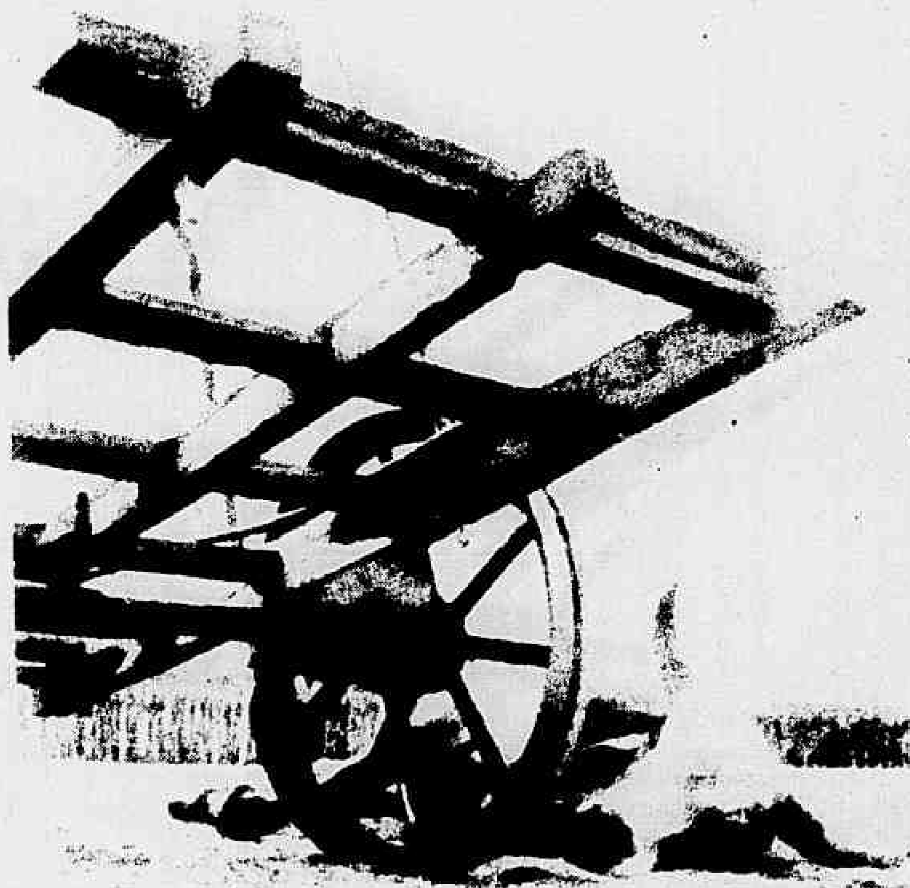
Registrada — Um ano	Cr$ 350,00
Seis meses	Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

EM SÃO PAULO

Distribuição e venda: A. Zambardino. Rua Capitão Salomão, 59. Telefone: 34-15-69. Publicidade: J. Gomes Bastos. Rua Barão de Itapetininga nº 224, 6º and., Sala 60.

A esfinge da sêca



ANTE O DRAMA pavoroso da sêca, que mais uma vez se desenrola no palco infeliz do Nordeste, sentimos profundamente que as tristes responsabilidades desta tragédia coletiva continuem a pesar sôbre os ombros da nação. Forçoso é reconhecer que os governos têm-se empenhado na solução dêste problema calamitoso. Somas fabulosas têm sido gastas nas obras de açudagem. Existe mesmo um organismo técnico a serviço permanente desta sinistra esfinge que há mais de quatrocentos anos vem desafiando as fôrças vivas do país. Mas, tôda vez que sobrevém um flagelo, a técnica se queixa da insuficiência de recursos pecuniários. A nação alega que tem feito o possível para dotar a região periòdicamente flagelada de pequenos e grandes reservatórios de água. O povo lamenta que os grandes açudes não tenham irrigação conveniente e os pequenos, arrombem nas primeiras chuvadas do inverno. E o incontestável de tôda esta dolorosa confusão, é que a gente nordestina continua morrendo de fome e de sêde neste era atômica da civilização.

● E' verdade que o drama da sêca visto de longe, nos relatos sintéticos dos jornais, tem qualquer coisa de espetacular e fantástico que assombra e revolta, mas não comove. Se os dirigentes nacionais se dessem ao trabalho de visitar, sem aviso prévio, a região sinistrada, não poderiam fugir ao imperioso dilema: solucionar radicalmente o problema ou renunciar, dignamente às suas funções, como exemplarmente o fêz, há poucos dias, o brioso e distinto membro da COFAP, Cel. Severino Sombra. Não é possível quedar impassível, quando se tem responsabilidade, diante de um lúgubre cenário de terra combu-rida, casas vazias, estradas cheias de infelizes criaturas retirantes, esqueléticas e cansadas, sem uma árvore para se abrigar à sombra, sem uma fonte para matar a sêde, comendo raízes, que ainda teimam a se agarrarem à terra, por falta absoluta de qualquer coisa para mastigar. Desafiamos que alguém resista indiferente, mesmo sem qualquer parcela de responsabilidade, à cena dantesca do pai alucinado que expõe à venda o próprio filho amado para salvar os outros ainda pequeninos que morrem de inanição ao redor da mãe atônita, sem lágrimas para chorar.

● Na altura em que pairamos, dentro destas singelas considerações, parece-nos ouvir a palavra simplista de um dos muitos indiferentes aos angustiosos problemas nacionais, afirmando que a solução mais acertada é o govêrno abandonar a região malsinada, aproveitando a energia de seu povo nas zonas abençoadas do país. Tal idéia, além de simplista é velha. Certo deputado paulista já teve mesmo a coragem de expendê-la em discurso, na Câmara Federal. Não se pejam êstes oráculos do menor-esfôrço de testemunharem pùblicamente a sua incapacidade ou negligência em relação aos nossos direitos de cidadania. O Nordeste quer e tem o direito de viver porque nenhuma região melhor do que ela tem contribuído para o progresso e grandeza da nacionalidade. Estão aí, ilustrando os fastos de nossa história, os seus grandes homens, os seus feitos e suas conquista. Enriquecem a economia nacional, as suas inúmeras e peculiares fontes de produção. Do seu seio comburido e sofredor tem tirado o Brasil astros para a sua constelação artística e literária, chefes para dirigi-lo, soldados para defendê-lo. E se isso não basta, senhores simplistas, talvez sirva êste argumento irmão do vosso: — o Nordeste tem o direito de viver porque trabalha, produz e paga impôsto.

MARTINEZ D'ALVAREZ

A SEMANA EM REVISTA



O JÔGO ENTRE Uruguai e Brasil, no Estádio Municipal de Lima, por ocasião dos atuais encontros para a classificação do campeão sul-americano de futebol, teve a maior repercussão entre os brasileiros, não apenas pela vitória apertadíssima dos nossos jogadores, mas pelo conflito em campo. Agredidos pelos uruguaios depois do um a zero, os brasileiros reagiram e houve bofetões e ponta-pés a torto e a direito. O caso foi tão alarmante, que o próprio embaixador do Brasil em Lima falou ao microfone de uma de nossas emissoras em Lima, censurando o mau esportismo oriental. Pela foto que publicamos aqui, podemos ver Rodrigues à espera de um uruguaio que parece estar num «ring» de box, «valientemente».



GRACILIANO RAMOS, «Mestre Graça», como era chamado na intimidade de intelectuais, faleceu a 20 de março, aos **61 anos de idade. Natural de** Quebrângulo, Estado de Alagoas, sua fama como escritor de contos e romances começou quan**do êle já estava com quase cinqüenta** anos. Presidente da Associação Brasileira de Escritores, vinha o beletrista patrício, **desde alguns anos sofrendo de graves** afecções internas, sendo, há mais de ano, recolhido ao leito de uma casa de saúde, **de onde não mais saiu com vida.** Seu ataúde foi exposto à visitação pública no saguão do Conselho Municipal, de onde **foi levado por grande número** de amigos, escritores e jornalistas, para o cemitério.

O FATO ACONTECEU num hospital de Madri. Após vários dias de persistente enfermidade, José Quilez Verdu foi desenganado pelos médicos. Nada mais restava ao moço madrileno, de apenas 24 anos, que aguardar com paciência a morte. O jovem se avizinhava do fim da vida. Começou a agonizar. À cabeceira do moribundo acorreram prontamente os enfermeiros. Quase num fio de voz, manifestou José o desejo de ver sua noiva e beijá-la. Naquele instante derradeiro, compareceu a moça ao leito do agonizante. Inclinou-se para beijar o noivo, mas ,recebeu dêle uma forte dentada, que lhe arrancou os lábios e uma parte da face. José morreu logo em seguida. E a sua bem amada noiva ficou hospitalizada.

HEINZ ARNTZ, célebre pianista alemão, de Dusseldorf, acaba de conquistar o recorde internacional da «maratona do piano». Sob a supervisão de representantes do Serviço Internacional dos Artistas, Heinz tocou 243 horas. O pianista alemão, com sua extraordinária proeza, conseguiu abater o recorde anteriormente estabelecido pelo francês Robert Sergil, que chegou a tocar 234 horas e 41 minutos. Heinz Arntz começou a tocar a 27 de fevereiro e só parou às 21 horas do dia 9 de março. Durante todo tempo de sua execução, bebeu, cada dia, vinte garrafas dum refrigerante; 325 gramas de café e fumou 120 cigarros. Heinz Arntz pretende combinar um encontro com o seu parceiro francês, Robert Sergil.

VIAJAR DE AVIÃO constitui uma novidade sempre. Agradável no instante de decolar. Mais agradável quando se alcança a pista de pouso. E ninguém faz mais caso dêsse prazer do mais pesado que o ar. Tornou-se uma coisa comum nesse século. Até mesmo os mais pavorosos desastres já não nos causam grande impressão. Foi por isso que a notícia, divulgada recentemente de Hollywood, sôbre o grave choque nervoso que sofreu a artista cinematográfica inglêsa, Vivien Leigh, vem a ser um fato não comum. A artista sofreu um colapso durante uma cena que estava representando no estúdio da Paramount. Seu médico atribui tal fato ao mêdo do avião. Ela está com mêdo de aviões. Depois de haver realizado uma viagem aérea de 72 horas, do Ceilão aos Estados Unidos. Um período de 72 horas de susto mortal.

INGRID BERGMAN, a famosa artista sueca, anunciou que vai deixar definitivamente o cinema, dedicando-se ao teatro. Espera fazer isto após concluir a película «Vinho Novo», onde desempenha o papel principal. Roberto Rosselini, o notável diretor cinematográfico mundialmente afamado e espôso de Ingrid, espera grande sucesso na referida película. Depois de anunciar a sua nova decisão, disse Ingrid: «O único problema é que estou disposta a trabalhar no teatro, sempre que possa estar perto de meu marido. Não trabalharia em parte alguma se êle não estivesse comigo». Iniciando suas atividades na ribalta, representará a grande estrêla o papel principal da ópera «Joana D'Arc na Fogueira», do compositor suíço Artur Honegger, que será apresentada em Nápoles e em Milão.



QUEM DESEJAR esclarecer dúvidas sôbre a história do Distrito Federal, tem que ir buscar nos arquivos de Noronha Santos os roteiros para a verdade histórica. Por êsse motivo, um outro estudioso de tais assuntos, o prof. Nelson Costa, Diretor do Departamento de História e Documentação, da Secretaria Geral de Educação e Cultura da Prefeitura do Distrito Federal, fêz uma visita ao velho historiógrafo, e compulsou preciosas obras, o riquíssimo arquivo do mestre, que, de há muito já deveria ter seu nome no Livro de Mérito Nacional, pois Noronha Santos envelheceu nessa luta heróica, infatigável, exaustiva, de coligir dados, retificar falhas históricas, com uma paciência de apóstolo.



A SÊCA NÃO é sòmente uma calamidade, lá nos sertões do nordeste; aqui mesmo, no centro da Capital Federal, há tremenda crise d'água como vemos nesta amostra da Praça Paris. Em dias da semana que passou, as torneiras secaram numa vasta área do centro urbano, da Lapa ao Catete, forçando a captação do já «preciosíssimo líquido» nos jardins públicos. Homens, mulheres e crianças correram aos poços dos repuxos levando vasilhas e latas para enchê-las de água antes que fôsse tarde. Corria muito pouco, mas sempre deu para arranjar-se alguma coisa. E o samba do morro teve sua razão de ser na Praça Paris: «La d'água na cabeça, lá vai Maria, lá vai Maria». E o agradável cede lugar ao útil...

A PERSONAGEM da SEMANA



AO escrevermos esta seção, o assunto de interêsse nacional que mais se destaca, é o da situação das emprêsas jornalísticas em face de uma portaria da Superintendência da Moeda e Crédito. Nesse ato, que mais parece um grande equívoco, a Superintendência estabelece, em face da imprensa do país, dois critérios, dois pesos e duas medidas. Haveria, por fôrça da mesma, os «primos felizes» e os não felizes, para relembrar a gíria patrícia. Mas acontece que há uma lei em vigor estabelecendo normas para a importação de utilidades ligadas à imprensa em geral. Esta lei não conhece maiores e menores, fortes ou poderosos, ricos ou pobres; não distingue fardos e bobinas. E' uma lei para todos. A notícia da portaria repercutiu profundamente de Norte a Sul e de Leste a Oeste do País. Memoriais foram encaminhados às autoridades competentes entre as quais se vê mais de perto ligado ao problema, o Sr. Horácio Láfer, Ministro da Fazenda e Presidente do órgão que determinou a mencionada providência. E estamos certos de que, afinal, o Ministro e os homens do Banco do Brasil voltarão à lei e à razão. A medida em aprêço, se prevalecesse, significaria o afogamento da imprensa, coisa que não convém, antes de tudo e acima de tudo, aos superiores interêsses do país. O fato é assunto da maior gravidade e o alarma em tôrno dêle só não é maior porque há, no subconsciente de todos, confiança no senso, no critério dos responsáveis pelo problema. Problema que não existia e não devia ter sido criado até porque não é dêle que depende a salvação da pátria em matéria cambial.

O CONCURSO

AVISAMOS OS NOSSOS LEITORES, QUE AS FIGURAS PARA O «ÁLBUM-REVISTA DA SEMANA», (ver página 6), COMEÇARAM A SER PUBLICADAS NA «REVISTA DA SEMANA» N.º 12, DE 21 DE MARÇO DE 1953.

●

EM TÔDAS AS BANCAS DE JORNAIS E REVISTAS, EM QUALQUER PONTO DO TERRITÓRIO NACIONAL, HÁ NÚMEROS ATRASADOS À DISPOSIÇÃO DOS INTERESSADOS.

●

Podem ser solicitados também à Redação:

RUA V. DE MARANGUAPE, 15 - LAPA - RIO

Sempre melhorando...

a **BANDEIRANTES** anuncia:



RÁDIO BANDEIRANTES



– a mais popular emissora paulista

O JARDINEIRO Timóteo

Conto de **MONTEIRO LOBATO** Ilustração de **JERONYMO RIBEIRO**

O casarão da fazenda era ao jeito das velhas moradas coloniais: — frente com varanda, uma ala e pátio interno. Neste ficava o jardim, também à moda antiga, cheio de plantas antigas, cujas flores punham no ar um saudoso perfume d'antanho. Quarenta anos havia que lhe zelava dos canteiros o bom Timóteo, um prêto branco por dentro. Timóteo o plantou quando a fazenda se abria e a casa inda cheirava a rebôco fresco e tintas d'óleo recentes, e desd'aí — lá se iam quarenta anos — ninguém mais teve licença de pôr a mão em «seu jardim».

Verdadeiro poeta, o bom Timóteo.

Não dêsses que fazem versos, mas dos que sentem a poesia sutil das coisas. Compusera, sem o saber, um maravilhoso poema, onde cada plantinha era um verso que só êle conhecia, verso vivo, risonho ao reflorir anual da primavera, desmedrado e sofredor quando junho sibilava no ar os látegos do frio. O jardim tornara-se a memória viva da casa. Tudo nêle correspondia a uma significação familiar de suave encanto, e assim foi desde o começo, ao riscarem-se os canteiros na terra virgem ainda rescendente à escravidão. O canteiro principal consagrara-o Timóteo ao «Sinhô Velho», tronco da estirpe e generoso amigo que lhe dera carta d'alforria muito antes da Lei Áurea. Nasceu faceiro e bonito, cercado de tijolos novos vindos do forno para ali ainda quentes, e embutidos no chão como rude cíngulo de coral; hoje, semidesfeitos pela usura do tempo e tão tenros que a unha os penetra, êsses tijolos esverdecem nos musgos da velhice.

— Veludo de muro velho, é com ochama Timóteo a essa muscínea invasora, filha da sombra e da umidade. E é bem isso, porque o musgo foge sempre aos muros secos, vidrentos, esfogueados de sol, para estender devagarinho o seu veludo prenunciador de tapera sôbre os muros alquebrados, de embôço já carcomido e todo aberto em fendas.

Bem no centro erguia-se um nodoso pé de jasmim do Cabo, de galhos negros e copa dominante, ao qual o zeloso guardião nunca permitiu que outra planta sobreexcedesse em altura.

Simbolizava o homem que o havia comprado por dois contos de réis, dum importador de escravos da Angola.

— Tenha paciência, minha negra! — conversava êle com as roseiras de setembro, teimosas em espichar para o céu brotos audazes. — Tenha paciência que aqui ninguém olha de cima para o «Sinhô velho».

E sua tesoura afiada punha abaixo, sem dó, todos os rebentos temerários.

Cercando o jasmineiro havia uma coroa de periquitos, e outra menor de cravinas. Mais ainda.

— Êle era homem simples, pouco amigo de complicações. Que fique ali sòzinho com o periquito e as irmãzinhas do cravo.

Dos outros canteiros dois eram em forma de coração.

— Êste é o de Sinhàzinha; e como ela um dia há de casar, fica a par dêle o canteiro do «Sinhô moço».

O canteiro de Sinhàzinha era de todos o mais alegre, dando bem a imagem de um coração de mulher, rico de tôdas as flores do sentimento. Sempre risonho, tinha a propriedade de prender os olhos de quantos penetravam no jardim. Tal qual a moça, que desde menina se habituara a monopolizar os carinhos da família e a dedicação dos escravos, chegando esta a ponto que, ao romper da Lei Áurea, nenhum teve ânimo de afastar-se da fazenda. Emancipação? Loucura! Quem, uma vez cativo de Sinhàzinha, podia jamais romper as algemas da doce escravidão?

Assim ela na família, assim o seu canteiro entre os demais. Livro aberto, símbolo vivo, crônica vegetal, dizia pela bôca das flores tôda a vidinha de moça. O pé de flor-de-noiva, primeira «planta séria» ali brotada, marcou o dia em que foi pedida em casamento. Até então só vicejavam nêle flores alegres de criança: — esporinhas, bôcas-de-leão, «borboletas», ou flores amáveis da adolescência — amôres-perfeitos, damas-entre-verdes, beijos-de-frade, escovinhas, miosótis.

Quando lhe nasceu, entre dores, o primeiro filho, plantou Timóteo os primeiros tufos de violeta.

— Começa a sofrer...

E no dia em que lhe morreu êsse malogrado botãozinho de carne rósea, o jardineiro, em lágrimas, fincou na terra os primeiros goivos e as primeiras saudades. E fêz ainda outras substituições: as alegres damas-entre-verdes cederam o lugar aos suspiros roxos, e a sempreviva foi para o canto onde viçavam as ridentes bôcas-de-leão.

Já o canteiro do «Sinhô moço» revelava intenções simbólicas ouriçadas de espinhos; palmas de Santa Rita, de fôlhas laminadas; junquilhos nervosos.

E tudo mais assim.

Timóteo compunha os anais vivos da família, anotando nos canteiros, um por um, todos os fatos d'alguma significação. Depois, exagerando, fêz do jardim um conhenho de notas, o verdadeiro diário da fazenda. Registrava tudo. Incidentes corriqueiros, pequenas rusgas de cozinha, um lembrete azêdo dos patrões, um namôro de mucama, um hóspede, uma geada mais forte, um cavalo de estimação que morr'a — tudo memorava êle, com hieroglifos vegetais, em seu jardim maravilhoso.

A hospedagem de certa família do Rio — pai, mãe, e três sapequíssimas filhas — lá ficou assinalada por cinco pés de «ora-pro-nobis». E a venda do pampa calçudo, o melhor cavalo das redondezas, teve a mudança do dono marcada pela poda dum galho do jasmineiro.

Além desta comemoração anedótica, o jardim consagrava uma planta a cada subalterno ou animal doméstico. Havia a roseira-chá da mucama de Sinhàzinha; o sangue-de-Adão do Tibúrcio cocheiro; a rosa-maxixe da mulatinha Cesária sirigaita enredeira, de cara fuchicada como essa flor. O Vinagre, o Meteoro, a Manjerona, a Tetéia, todos os cães que na fazenda nasceram e morreram, ali estavam lembrados pelo seu pèzinho de flor, um resedá, um tufo de violetas, uma touça de perpétuas. O cão mais inteligente da casa, Otelo, morto hidrófobo, teve as honras duma sempre-viva rajada.

— Quem há de esquecer um bicho daqueles, que até parecia gente?

Também os gatos tinham memória. Lá estava a cinéria da gata branca, morta nos dentes de Vinagre, e o pé de alecrim relembrativo do velho gato Romão.

Ninguém, a não ser Timóteo, colhia flores naquele jardim. Sinhàzinha o tolerava desde o dia em que êle explicou:

— Não sabem, Sinhàzinha! Vão lá e atrapalham tudo. Ninguém sabe apanhar flô...

Era verdade. Só Timóteo sabia escolhê-las com intenção e sempre de acôrdo com o destino. Se as queriam para florir a mesa em dia de anos da moça, Timóteo combinava os buquês como estrofes vivas. Cochi-as resmungando:

— Perpétua? Não. Você não vai para a mesa hoje. E' festa alegre. Nem você dona violetinha!... Roxa-maxixe? Ah! ah! Tinha graça, a Cesária em festa de branco!...

E sua tesoura ia cortando os caules com ciência de mestre. Às vêzes parava, a filosofar:

— Ninguém se lembra hoje do anjinho... Pra que, então, goivos nos vasos? Quieto, fique aqui o senhor goivo, que não é flor de vida, é flor de cemitério...

E sua linguagem de flores? Suas ironias, nunca percebidas de ninguém? Seus louvores, de ninguém

(Cont. na pág. 38)



A BEM AMADA

Romance de THOMAS HARDY

— Pois lhe direi tudo o que sei sôbre a mesma — voltou Pierston com voz grave. Está baseada em velha canção popular intitulada, "The Jilt's Hornpipe". Assim como os traficantes convertem da noite para o dia, o vinho Madeira em vinho do Pôrto, assim também essa antiga canção foi instrumentada, harmonizada e convertida em uma nova canção popular.

— E' assim?

— Se a senhora costuma freqüentar as salas de músicas ou teatros ligeiros...

— Ah! Sim...

— Observaria que costumam cantá-la com muito êxito.

Nicola se animou um pouco, e então passaram a falar acêrca de sua casa, pintada de novo e com decorações modernas, com lambris azul até à altura de uma pessoa. O assunto melhorava ou favorecia um pouco o semblante da viúva, ligeiramente desfigurado, mas ainda lindo e para isso contribuíam as cortinas das janelas.

— Sim. Já faz muito tempo que estou nesta casa e gosto de melhorá-la todos os anos, observou ela agradecida.

— E não se vê a senhora muito isolada aqui, algumas vêzes?

— Oh! Nunca!

Apesar daquela frieza inicial quando êle se dispôs a levantar-se e despedir-se, mostrou-se ela algo mais amável. Dirigindo-se Pierston para a saída, aproveitando a oportuna chegada de três senhoritas, pareceu que ela estava pesarosa, tendo-lhe perguntado se voltaria. Êle achou melhor dizer-lhe a verdade, e respondeu em tom incompreensível para as jovens que acabavam de chegar.

— Não. Não voltarei mais.

A senhora Pine-Avon o acompanhou até à porta do salão e murmurou com ares de surprêsa:

— Que descortesia cometeu o senhor!

— Talvez seja descortesia. Adeus — disse Pierston.

Como resposta, ela não chamou a criada para acompanhá-lo até à porta de saída, deixando-o seguir sòzinho até fora.

Quedou-se, por um momento imóvel na escadaria, em atitude reflexiva, e pensou de si para consigo:

— Não compreendo que diabo significa isto.

Quando êle se foi, uma das três mocinhas que estavam em visita à senhora Pine-Avon, perguntou:

— Quem era êste cavalheiro tão interessante, com sua formosa cabeleira? Eu o vi naquela noite em casa de lady Channelcliffe.

— Jocelyn Pierston.

— Oh! Nicola, como é que você faz uma coisa desta! Deixá-lo ir assim, sem mais nem menos, quando eu daria parte de minha vida para conhecê-lo! Desejava falar-lhe desde que soube que a experiência da vida muito havia influído na inspiração de suas esculturas! E também soube, por um jornal de Jersey, do casamento de uma mulher que ia ser sua espôsa, quando fugiu com êle, faz muitos anos já. Não soube você? Mas, depois, não se casou com ela, obedecendo a certas novas conveniências sociais que ela inventou para seu uso particular.

— Como!? Não se casou com ela?... — perguntou a senhora Pine-Avon admirada. E' que, ontem mesmo eu soube que se haviam casado, embora, desde logo se houvessem separado.

— E' completamente falso, tornou a senhorita. De boa vontade eu o chamaria.

Mas já era tarde e Jocelyn já ia distante, a passos largos, fugindo da casa da linda viùvinha. Nos dias seguintes pouco êle saiu. Mas, ao cabo de uma semana quis cumprir o compromisso que tinha de ir jantar em casa de lady Iris Speedwell, cujos convites sempre lhe eram gratos, pois que era a mais esplêndida anfitriã de Londres. Casualmente chegou um tanto cedo. Lady Iris havia saído por um momento do salão, para tratar do arranjo do jantar e que tudo estivesse em ordem; mas, ao entrar ali, êle se encontra face-a-face com a viúva Pine-Avon, iluminada pela claridade das lâmpadas. Havia sido ela a primeira a chegar. Nem por sonho esperava Pierston encontrá-la ali, embora que, nos salões de lady Iris fôsse possível encontrar qualquer pessoa da boa sociedade londrina.

A senhora Pine-Avon se mostrara tão afável e carinhosa, que não pôde êle deixar de abrandar seu coração, tornando-se também amistoso. Ao entrar outros convidados no salão, os dois se afastaram para um recanto mais sombrio e passaram a conversar juntinhos, até que todos se dirigiram para a mesa do jantar.

Não coube a Pierston conduzir pelo braço a senhora Pine-Avon; mas à mesa se sentaram frente a frente. Estava ela encantadora à luz dos candelabros, e, de pronto, ocorreu a Jocelyn a idéia de que a precedente atitude da viúva, talvez derivasse de alguma falsa notícia a respeito de seu noivado com Márcia, de quem não havia mais ouvido falar, havia longos anos. De qualquer maneira, não tinha intenção de ressentir-se por um inexplicável mau humor feminino, considerando que, geralmente, eram fruto de coisas sem fundamento, sem nenhum motivo, nem razão, nem probabilidade, e sem que êle o merecesse.

Assim, durante a refeição, correspondeu êle às olhadelas e às poucas palavras amáveis, que, de quando em quando, lhe dirigia ela através da mesa.

Jocelyn se limitava a responder cortêsmente, mas a senhora Pine-Avon se mostrou notòriamente mais animada do que nos passados encontros. Jocelyn se mostrava admirado com essa expansão, embora recordasse que sua conduta para com êle no dia da visita que fizera à viúva, tinha sido bastante para restringir sua confiança nela. Tudo lhe sucedera com bastante fôrça para mostrar-lhe que não era possível estar naquele corpo a sua Bem-Amada, já não sabendo êle se se tratava de uma passageira influência de sua parte em favor daquela interessante personagem da alta sociedade londrina.

O escultor, um tanto chocado com os contrastes que lhe proporcionava a mesma pessoa, estava meditando em tudo isto, mas se via cada vez mais impelido pela ternura dos olhos de Pine-Avon, sentada ali diante dêle, naquele jantar aristocrático. Em dado momento, ao meter a mão no bôlso do fraque para tirar um lenço, notou que havia algo ali. Era uma carta. Lembrou-se então que, ao sair para o jantar, metera aquêle envelope no bôlso com intenção de ler a carta no carro, durante o trajeto. Retirou-a e passou a vista pelo carimbo do sêlo, a fim de certificar-se de que vinha ela de sua ilha, o único lugar do mundo de onde recebia correspondência, por ser sua terra natal. Mas, mesmo assim, já não tenho parentes ali, quem seria o missivista?

A dama da sua direita, a quem dera o braço até à mesa, era uma conceituada atriz de Londres, muito conhecida em todo o Reino Unido e na América, pelo seu valor artístico. Estava vaporosamente vestida, luzente como uma balsâmica, ou anêmona do mar, sem enfeites, mas fazendo gestos e se movimentando de tal forma, que dava a impressão de ser uma máquina cujas peças estivessem copiosamente lubrificadas, e que, ao toque de um botão, se abria lá um tampão e se revelava todo o mecanismo funcional. Merecia, porém, os encômios referentes à sua arte. Naquele instante estava ela a conversar com o cavalheiro à sua direita, representante de importante família, a falar em tom afirmativo e repolhudo, como se estivesse evocando visões de cinco séculos de passado feudalismo. A senhora que estava à esquerda de Jocelyn, espôsa de um magistrado, palestrava igualmente com seu companheiro de mesa, de sorte que, por um momento, Pierston ficou isolado. Aproveitando-se do momento puxou a carta, abriu-a e passou a lê-la, estendida sôbre o prato, crendo que ninguém o observava.

A carta era da espôsa de um dos antigos operários de seu pai, e na mesma pedia ela a Jocelyn que auxiliasse um seu filho que lutava para arranjar emprêgo em Londres. Mas, o que profundamente o comoveu foi o final da carta:

"Seguramente sentirá o senhor saber que Avícia Caro morreu, a "querida menina", como nos habituamos



a chamar-lhe em solteira. Recordará o senhor, que ela se casou com seu primo e se ausentaram daqui por alguns anos; mas ficou viúva e regressou à sua terra natal faz coisa de uns doze meses. Desde então foi definhando, cada dia piorando de saúde, até que hoje faleceu".

CAPÍTULO XII

POR lentos e imperceptíveis graus de emoção, retrocedeu Jocelyn aos últimos instantes de sua estada na ilha natal, reavivando-se em seu espírito a imagem de Avícia e os remótos tempos em que viveram juntos, amigos de infância, inseparáveis ainda na juventude. Diante de seus olhos se desvanecera a beleza daquele jantar, anulado pelo rústico promontório de pedra onde rugiam as vagas do mar ocidental. A bela marquesa, sentada fronteiramente à dona da casa, transformou-se para êle numa daquelas esplendentes e rubras tardes, quando o sol no ocaso é uma posta de sangue, e êle contemplava a magnitude de sua aldeia natal em companhia de Avícia, ambos a olhar a poesia pinturesca do pôr do sol sôbre as águas da baía do "Homem Morto". Entre seus olhos e o magistrado que se sentara junto a Nicola, com uma barbicha tão bem cuidada que dava a impressão de ajeitá-la a cada quarto de hora durante o dia, se interpunha o rosto de Avícia, tal como lhe aparecera ela no derradeiro adeus. As faces enrugadas da anciã e sociável senhora se converteram nas pedreiras poeirentas de seu pai e do pai de Avícia, por onde em companhia dela havia andado centenas de vêzes. A decoração ambiente, as luzes dos altos candelabros, os vasos com flores, tudo se converteu na visão do castelo colocado sôbre as escarpas da ilha natal, no farol e nas algas.

Os ares salobros do mar anulavam o olor dos manjares, e, em lugar do rumor das conversas, o que êle ouvia era o monólogo das ondas sussurrando nas rochas nuas.

Mas, especialmente Nicola Pine-Avon perdeu aos olhos de Pierston a radiante e florida louçania que ùltimamente apresentava. Já era para êle uma conhecida, de feições vulgares, parecendo materializar-se em pura carne e osso sem qualquer atrativo. Não era mais que uma mulher transformada em cifras.

Quando as senhoras deixaram a sala de jantar, continuou a suceder o mesmo. A alma de Avícia, a única mulher a quem êle **nunca** havia amado dentre tantas que o amaram, o circundava como um firmamento. A arte estava perto dêle na pessoa de um dos mais famosos pintores de retratos; porém o único pintor que havia ali para Jocelyn, era a sua própria memória. Um cirurgião que encarnava a ciência da Europa, e cujas mãos haviam tocado o corpo de centenas de pessoas vivas, mantinha conversação naquele ambiente social e requintado; mas era o cadáver branco como o lírio, de obscura moça campesina esmagava todo o interêsse daquela conversação mantida pelo rei dos operadores cirúrgicos.

Já no salão falou Pierston com a dona da casa, a qual, apesar de haver reunido à sua mesa, naquela noite, vinte convidados, sabia o que cada um fizera e dissera durante a refeição, assim como o que cada qual estava pensando. Assim foi que, na qualidade de antiga amiga de Pierston, lhe disse em voz baixa:

— Que tanto o preocupa? Você está perturbado. Eu sei. Estive observando seu semblante e vi que algo o martiriza.

Pierston não podia explicar tudo o que se passara com êle durante aquêles momentos à mesa; mas informou que, abrindo uma carta que recebera de sua terra natal, soubera da morte de uma antiga conhecida, ajuntando.

— Quase posso afirmar que era ela a única mulher cujo valor eu não soube estimar. Por isso, é também a única cuja perda sempre lamentarei.

Considerasse ou não suficiente esta explicação de Pierston, a experimentada senhora a aceitou como boa. Também era ela a única dentre as senhoras de suas relações, a quem não podia maravilhar os seus procedimentos e aventuras, pois que, a miúdo, lhe confiava os episódios de sua vida.

Não tornou a aproximar-se da senhora Pine-Avon. Não pôde. Ao sair daquele palacete andou a perambular abstraidamente pelas ruas, até encontrar-se diante de sua residência. Entrou e sentou-se. Apoiando a cabeça entre as mãos, mergulhou novamente em seus pensamentos. Ao lado da sala havia um escritório. Pierston foi até uma prateleira e dali retirou uma caixinha. Êste cofre continha grande quantidade de coisas sem maior importância, frioleiras de papel, retratos, que só têm valor como relíquias do passado. Era pensamento dêle classificar tudo, fazendo uma triagem, aproveitando o que fôsse aproveitável e jogando fora o que não servisse. Mas nunca tinha tempo para isso. Daquela mistura de papéis, fotos esmaecidos, selos, diários, flores ressequidas e outras coisas do mesmo gênero, recolheu Pierston uma fotografia tirada na primeira época da invenção.

Era o retrato de Avícia Caro, tal como figurava durante o par de meses de verão que passou com ela na ilha, vinte anos passados. Ela estava sorridente e as mãos docemente entrelaçadas. Apesar do tempo, mantinha o vidro muito da característica suavidade do original. Recordava Pierston que ela se retratara naquela atitude numa tarde em que passaram juntos em um vizinho balneário da costa, quando êle, não tendo em que entreter-se, lhe dissera que seria capaz de retratá-la numa posição artística.

A prolongada contemplação daquela imagem completou em suas emoções o que a carta havia iniciado. Amava a mulher morta como nunca a amara em vida. Só havia pensado nela muito tarde, tarde de mais, durante os vinte anos transcorridos depois da última despedida, e tão sòmente como em uma pessoa com quem houvesse podido casar-se.



Tradução de **RENATO DE ALENCAR** — Ilustração de **RAMON**

Não obstante, os tempos da juvenil amizade, quando pulsou o seu ingênuo temperamento em tôdas as notas emocionais, se inflamavam agora em ardente e apaixonada adesão, amargurada por indizível pesar. Quanto houvera dado por uma quarta parte daqueles beijos que ofendiam sua altivez quando ela, tão infantilmente, lhepespegava antes de despertar a consciência de sua feminilidade.

Pierston estêve a ponto de aborrecer-se consigo mesmo por suas emoções daquela noite, tão irrazoáveis e infundadas eram a respeito de sua falecida companheira de infância. "Quanto sou insensato!" — murmurava já recostado ao travesseiro em seu solitário leito. Havia ela sido a espôsa de outro homem, quase durante todo o tempo em que estêve afastado dela, e agora era um cadáver. Entretanto, por mais absurda que fôsse, não era menos profunda a sua dor. Sentia que abrolhava em sua alma a consciência intrínseca, a pureza dêste novo afeto por um corpo morto, espírito incorpóreo, diante do que êle se julgava incapaz de reagir. Não era capaz de reprimir a nascente emoção que o envolvia. A carne estava de todo ausente. Era um amor purificado, sutil, desmaterializado até à última essência. Até aquêle instante não havia sentido nada semelhante.

Na tarde seguinte foi ao clube; não ao de luxo, com espetáculos e vida social intensa; mas ao modesto, de ambiente familiar, em que os clientes ou associados comentam os sucessos da tarde e não se envergonham de suas fraquezas pessoais, as suas fragilidades humanas, pois bem sabiam que tais confidências não iriam sair dali. Mas Pierston não confiou a ninguém os seus segredos. Tão irreal e intangível era o caso, que, explicá-lo em palavras fôra tão impossível como aprisionar um perfume.

Os companheiros de clube notaram a alterada disposição de ânimo de Pierston e julgaram que êle estava apaixonado. Perguntaram-lhe se assim era, e êle respondeu que estava enamorado, e nada mais adiantou sôbre o assunto. Ao chegar a casa foi à janela de seu quarto para verificar em que direção poderia ver a sua predileta imagem. E ficou a olhar a lua. O símbolo era muito significativo. Mas a deusa da noite, com o seu disco argentino não possuía pureza mais excelsa do que a sua amada morta. Mas êle reviu pelo pensamento a sua ilha natal e nesta êle viu uma casa tôda construída de pedra, como era a ilha, uma casa de pedra, desde as janelas até às chaminés. Por trás da janela jazia Avícia, cujo sudário era iluminado pelo clarão da lua, e a ela apenas chegavam os débeis rumores peculiares da ilha: o retinir das brocas nas pedreiras, o ondear da baía, o confuso marulho das águas revôltas no sempre inquieto canal murmurejante.

Pierston estêve pensando naquela obcessão. Embora a falecida Avícia estivesse longe de inspirar-lhe uma paixão, possuí, entretanto, uma qualidade fundamental que suas rivais não tinham, qualidade sem a qual lhe parecia impossível manter-se completamente firme e constante ao lado de uma mulher. A família dela e a dêle, haviam sido da mesma terra. Durante séculos, desde o tempo dos normandos, anglos, romanos e britano-baleares, tanto os de sua parte, como os da parte dela, tinham sido ilhéus. Assim, no sangue dela, bem como no seu, devia haver algum misterioso ingrediente procedente da ilha, ou seja um instinto de raça absolutamente necessário ao enlace matrimonial. Mas é que, se bem não pudesse amar uma mulher da raça ilhena, por faltar-lhe o desejado refinamento, não podia amar por muito tempo a uma **Kimberlina**, ou seja a uma forasteira por falta daquela fundamental característica.

Assim era o ponto de vista de Pierston.

(Continua no próximo número)

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Jocelyn Pierston, escultor residente em Londres, tinha tido muitos amôres frustrados, pois em seu espírito se fixara uma idéia um tanto extravagante de que só deveria casar-se com uma mulher que reunisse tôdas as qualidades idealizadas por êle, como sua Bem Amada. Já havia desmanchado alguns noivados, estando agora com seus 40 anos e ainda sem encontrar a Bem Amada. Sua mais recente desilusão se dera com a senhora Pine-Avon, uma viúva jovem e culta.

E fêz frio na PRIMAVERA

Conto de LOIVA LEIRIA BORBA

FOI o próprio Pepê quem contou a sua história:

«Quem mora ou já morou em cidade pequena, deve saber bem como é a vida por lá. E não há de ignorar, portanto, que a falta de maiores distrações tão contrária aos grandes centros, a vida quase em comum no contato diário e obrigatório das famílias, não raro dé origem a pequenos dramas de família de conseqüência às vêzes bastante graves.

Creio que, se a gente de Cléia tivesse pressentido tudo o que estava fadado a acontecer à sua filha dileta, jamais teria rompido relações com a minha família por motivos tolos e superficiais, procurado também cortar a nossa amizade de crianças. Nem tampouco se teriam oposto ao nosso namorico, quando, mais tarde, atdavessávamos ambos — eu, um pouco mais velho do que ela — o limiar da adolescência. O certo é que, enquanto os pais de Cléia e os meus, se aferravam teimosamente à lembrança da velha inimizade, nós persistíamos cada vez mais enamorados um do outro. Aliás, a nossa natureza humana é assim mesmo: sempre temos tendência a desprezar mais fàcilmente aquilo que se nos oferece, e a procurar com avidez tudo o que nos foge da mão. Havia, na verdade, estranha fascinação, para o rapazote sentimental que eu era, no fato de vivermos, eu e Cléia, em constantes sobressaltos, conversando sempre às escondidas, em deliciosos encontros furtivos.

Lembro-me especialmente da noite em que fui encontrá-la à esquina da sua rua, à sombra de uma velha casa desabitada. Naquele tempo, dávamos ambos grande importância a pequenos problemas que nós mesmos criávamos pela fôrça da mútua paixão. Tanto que, ao vê-la sem pintura, aflita, diante de mim, fechei a cara e disse:

— Boa-noite, Cléia... e até logo.

Ia afastar-me, ela me deteve:

— Por favor, Pepê, não vá ainda... Você não sabe a minha aflição... quase nem pude sair hoje...

Ainda assim, insisti teimosamente:

— Você sabe, nós combinamos. O dia em que a visse sem pintura...

— Sei, sei... Mas hoje é um dia especial, querido. Lá em casa souberam de tudo e me proibiram de falar com você... Se eu me preparasse, iam barrar-me a saída.

Olhei-a nos olhos e achei-a mais bonita ainda com aquela expressão tôda nova, misto de aflição receio e ternura no rostinho virgem de artifício. Tomei-lhe as mãos:

— Está bem. Passa. Mas fique sabendo: qualquer dia eu apareço sem gravata também... E você não vai ter direito de protestor...

Ela sorriu meigamente e eu me senti compensado das chacotas constantes de que era alvo por parte de meus amigos. Êdes viviam dizendo.

— Você é um tolo, Pedro, deixar que a pequena mande assim em você. Se fôsse comigo, não topava essa besteira de sair sempre engravatado.

E eu a defendia sempre:

— Ora, vocês não compreendem... e têm inveja... Sabem que a pequena tem bom gôsto e não topa pilantras mal arrumados como vocês...

E reforçava:

— Pois fiquem sabendo: essas coisas são recíprocas. Eu também não suporto mulher desarrumada. E Cléia sabe disso.

Êles riam:

— Pois se agora é assim, depois de casado você vai ver quanto vai lhe custar ao bôlso, todo êsse grãfinismo...

— Vocês são uns atrasadões. Deixem-me em paz.

Naquele tempo, nem eu nem Cléia sabíamos os graves problemas que ainda teríamos que enfrentar em nossas vidas futuras... Agora, fazendo um retrospecto, comprendo, cheio de mágua, a minha insensatez ao não saber remover os fracos motivos que a separaram de mim, consentindo em romper o nosso idílio ùnicamente por uma ofensa que recebi de sua família. Num assomo de cólera, a mãe de Cléia, certa tarde, obrigara-a a sair da janela, batendo com a vidraça na minha cara, antes que eu tivesse tempo de explicar a intensidade do amor que nos unia.

Agora que os anos passaram e a vida mudou tanto, penso na desgraça que podia ter evitado a Cléia, se tivesse tido a envergadura moral para resistir às ofensas de sua família, requestando-a para mim. Isso porque, há pouco tempo — três anos talvez — voltei à minha terra depois de longos anos de afastamento e de silêncio. Aconteceu que era primavera e as árvores tôdas rebentavam em novos brotos; e eu, mesmo sabendo que Cléia havia casado e, mais ainda, que estava separada do marido, nutria um secreto desejo de revê-la como nos velhos tempos de nosso antigo idílio, linda, elegante e bem vestida, passando alegre pelas ruas com aquêle seu meigo sorriso à flor dos lábios. E, embora sabendo que devia esquecer aquilo tudo, que o seu amor e a sua vida me eram negados, que ela pertencia a outro homem, cheguei à minha terra ansioso por encontrá-la mais linda do que nunca e me querendo ainda, como antes. Verdade que, dado o rigor da nossa educação, eu jamais me atreveria a ter outro pensamento que não nos conservasse sempre dentro do padrão moral em que fôramos criados. Nem a vida intensa da metrópole, as idéias largas da capital, a posição que desfrutava em meu trabalho no rádio — conseqüentemente aberta a muitos caminhos — nada daquilo conseguira desvirtuar em mim o sentido base de honra e dignidade. No entanto, a natureza humana tem seus caprichos: sentado no trem, alongando o olhar para a paisagem que fugia lá fora, comecei a recear o que nos pudesse acontecer. E ia mesmo soltando as rédeas da imaginação, pensando em Cléia, como no passado, vendo-a vir ao meu encontro corada e ansiosa, amassando o grosso areião da pracinha, com os tacões altos, naquela sua pisada miúda e tão minha conhecida... E, abrindo os olhos para a vida, eu — romântico inveterado, conscientemente romântico — via nas campinas reverdecidas, nas árvores em flor, um prenúncio de felicidade e de sonho para a minha vida de solidão, tão insípida e vazia...

Saltei na estação emocionado. O meu coração se me apertava no peito, num misto de angústia e de ventura, sentimentos êsses que, misturados, resultaram depois num súbito mau pressentimento. O abraço mesmo de meus pais, os olhos de minha mãe, sua alegria nervosa, fizeram-me antever nela, um secreto e mal disfarçado desespêro, antes mesmo de ela dizer:

— Meu filho... Você vai encontrar muita coisa mudada aqui...

Eu a encarava, um pêso na alma, como que adivinhando que ela se referia à Cléia. E de fato; mais tarde, já em casa, confirmavam-se minhas suspeitas:

— Meu filho... Cléia... Cléia está muito mudada...

E explicou:

— Sofreu muito, pobrezinha... Muito mesmo... Você nem sabe...

Eu não podia falar. Um nó me apertava a garganta. Andei até a janela para disfarçar minha emoção. Havia algo no ar que eu pressentia, e ao mesmo tempo receava saber. Assim, após um curto silêncio, desconversei:

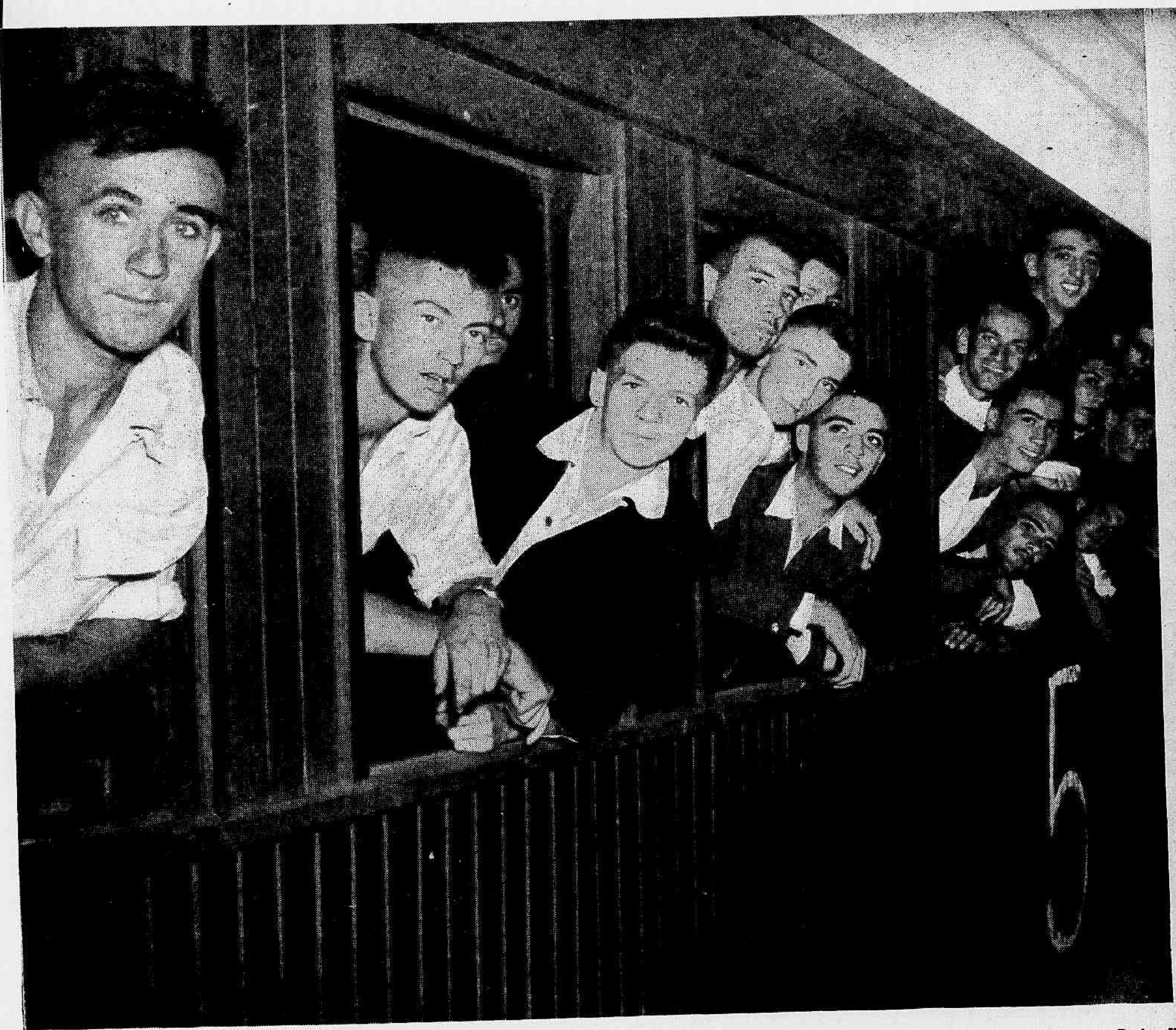
— A primavera voltou, mamãe... Veja o jardim...

Mamãe chegou até mim e eu senti o calor da sua presença amiga. Mas insisti em desviar aquela vontade de fazer-lhe mais perguntas. Continuei dissimulando:

(Cont. na pág. 39)



Ilustração de RENATO DE SOUZA



Do interior dos Estados do sul chegam os catarinas. Várias são as conduções. Mas, todos se concentram para a grande viagem até à gare Pedro II.

COMO SE FAZEM

OS CATARINAS

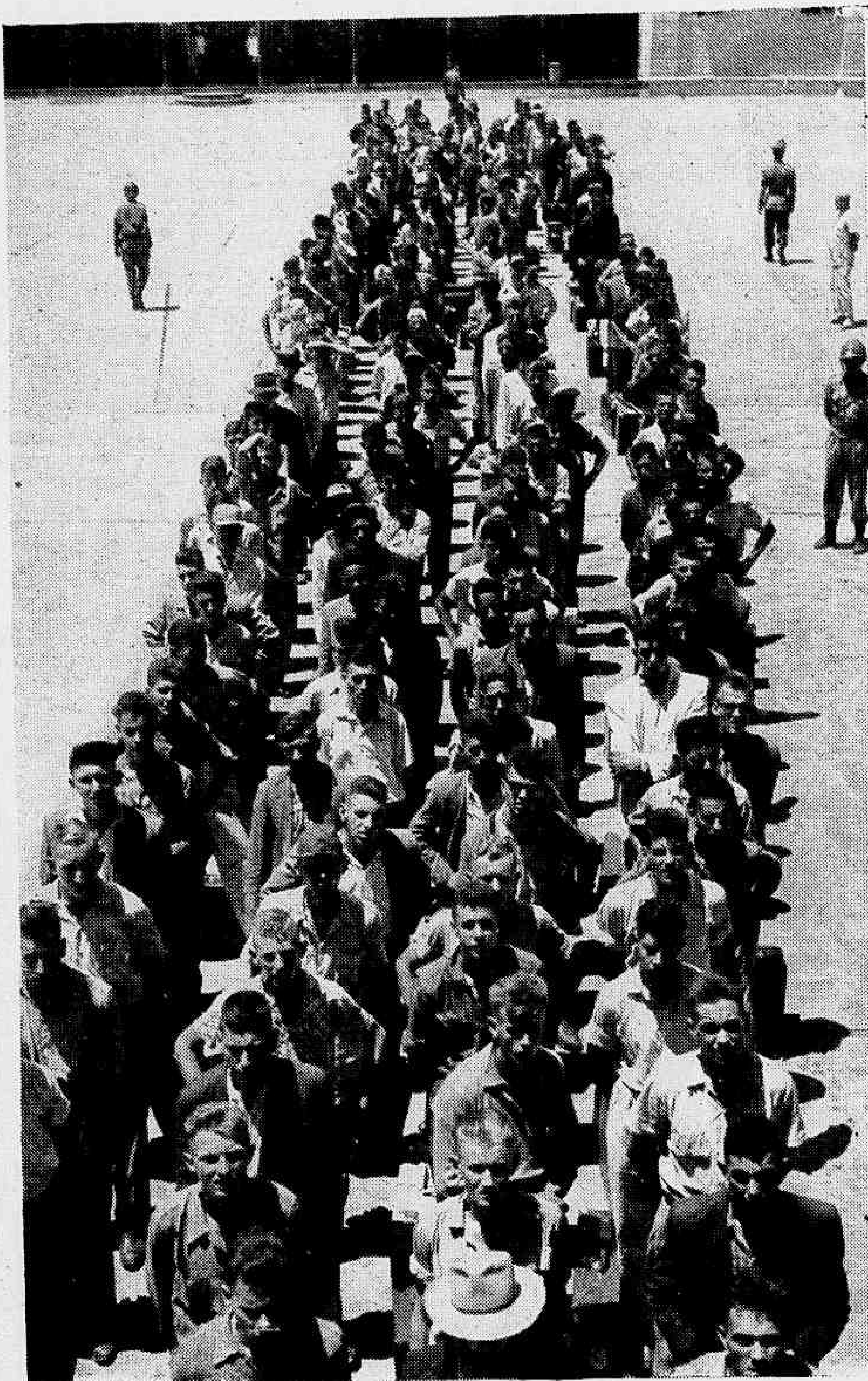
OS soldados da Policia Especial do Exército são bem conhecidos do povo. São os soldados louros de verde oliva e capacete branco. A tropa de elite escolhida para manter a ordem militar. Desde sua fundação até hoje sempre soube manter bem alto seu prestígio moral no seio das nossas Classes Armadas. O serviço de patrulhamento da P. E. é rigorosamente executado, motivo pelo qual se distingue a sua ação, sempre pronta nos casos em que venha a participar.

Todos os anos a P. E. recebe novos elementos. Os que completam seu tempo em suas fileiras regressam às suas terras. Uns saem como sargentos ou cabos da reserva. Outros se contentam com o simples documento de reservista do Exército Brasileiro. Todos voltam à vida civil depois de terem servido dignamente à pátria.

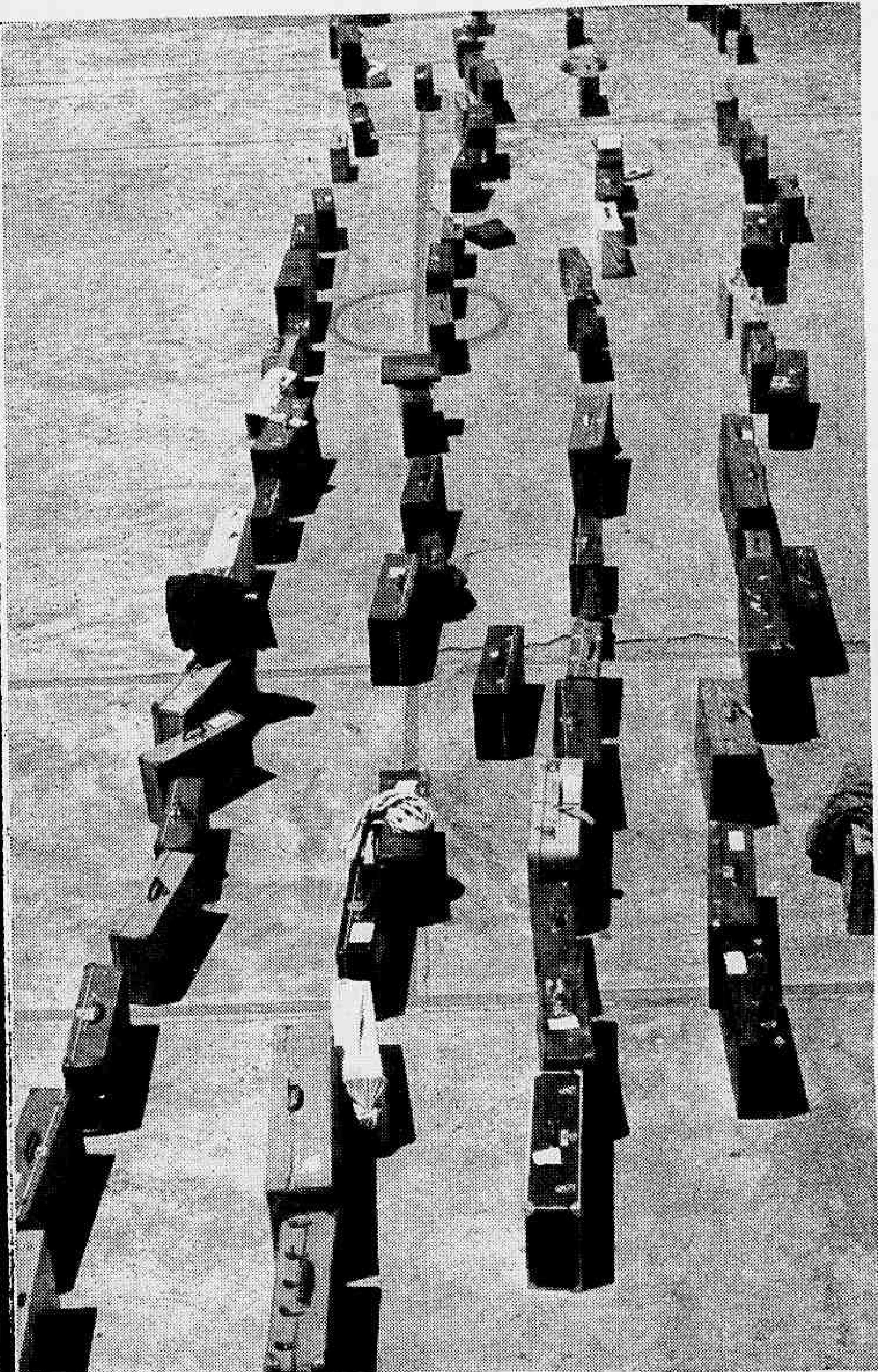
E' interessante como são escolhidos os soldados da P. E. do Distrito Federal. Quase todos são rapazes dos Estados do Sul. Interior do Rio Grande, São Paulo, Paraná e uma boa parte de Santa Catarina. Os "catarinas", como

O MATUTO LOURO DO SUL ★ DE ONDE ÊLES VÊM ★ COMO VIAJAM ★ PRIMEIRAS IMPRESSÕES ★ AFINAL, GARBOSOS E RESPEITADOS

Texto de LEONEL C. FERREIRA **Fotos de ARNALDO VIEIRA**



Os moços louros desfilam no pátio interno do quartel, antes de vir a se transformarem nos disciplinados soldados da Polícia do Exército.



Trazem pouca bagagem, é verdade. Mas, não se esquecem de suas características roupas do interior e também das que usavam na roça.



Da Central ao Quartel o recruta vai se habituando às novas exigências da caserna. A vida agora é bem diferente para o matuto louro.

em geral são conhecidos. O que deve valer nesta tropa é o físico. Homens saudáveis. Semi-atletas. Nisto está a característica mais importante da Polícia Especial do Exército .

Major Ventura, subcomandante da P. E. do Distrito Federal, é um perfeito militar. Muito cortês, logo se prontificou a servir de cicerone. Por seu intermédio pude me aproximar dos novos recrutas recém-chegados. Os calouros da P. E. Os matutos louros do sul.

Uma bela manhã de sol. No pátio grande do quartel, os rapazes de calção fazem educação física. Pude então observá-los bem. O tipo predominante é o filho do imigrante europeu. Cabelos louros. Olhos esverdeados. Estatura não inferior a 1,75m, que é o nível exigido dos candidatos. Um regular deesenvolvimento da caixa toráxica. O sol carioca põe manchas na tez daqueles arianos do sul brasileiro. Filhos de alemães, de poloneses e italianos. A percentagem de eslavos é bem visível. Em todos reina uma só disposição. Tornar-se atleta. Por isso, não falta a barra para levantamento de pêso. Quanto maior bíceps, maior orgulho para o pupilo da P. E. O futuro soldado garboso intransigente no árduo cumprimento da disciplina militar.

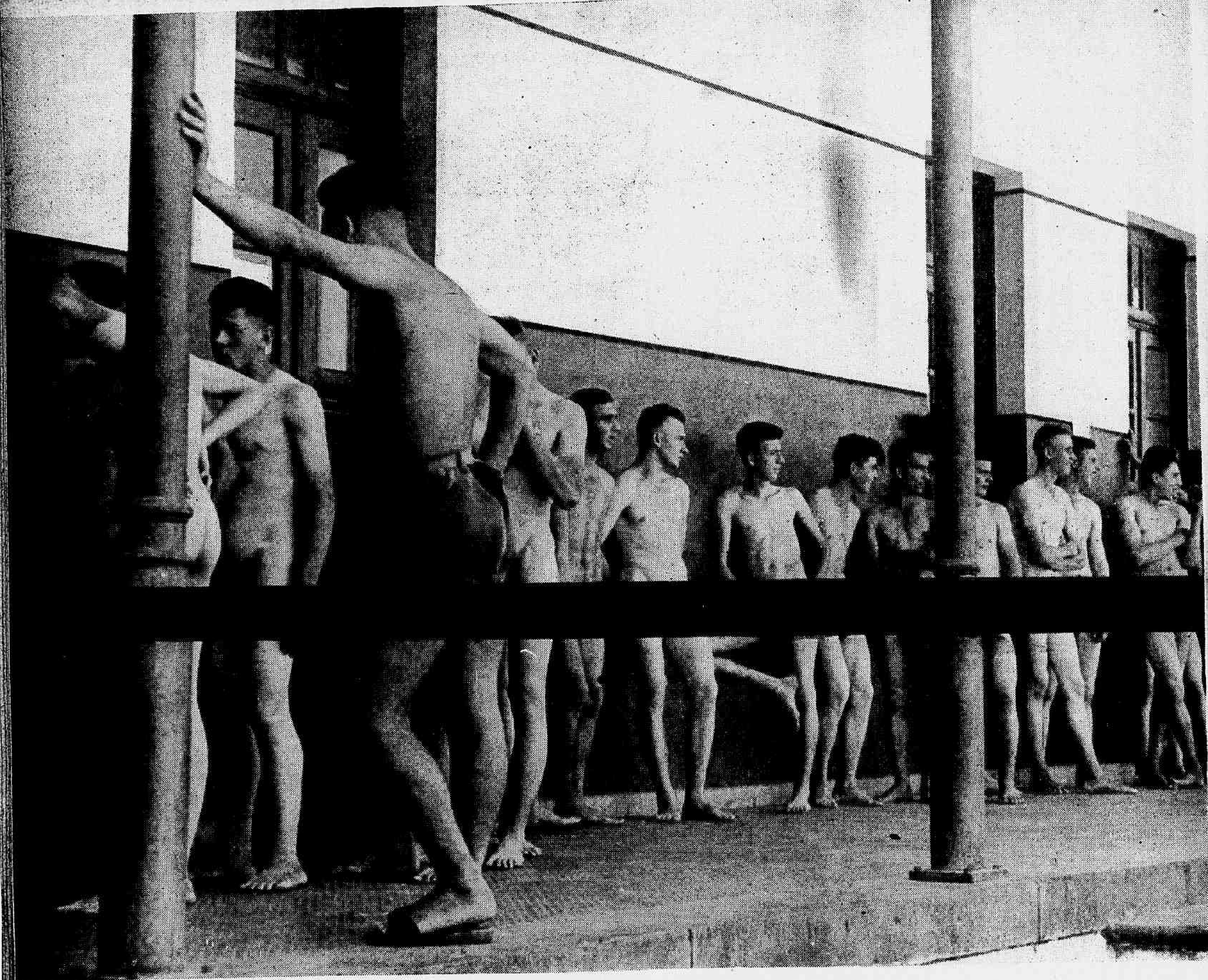
Os "catarinas" vêm dos diversos pontos do interior. Em geral são filhos de lavradores. A princípio, explicou o Major Ventura, eram recrutados indiferentemente. Bastava ter bom físico e boa estatura. Aconteceu chegarem ao Rio homens rústicos, falando errado o português, mais parecendo



No interior do carro que os conduz ao quartel. Muita coisa parece que os aguarda. A incerteza os domina. Mas a vontade não se dobra fácil.



Em caso de «extravio» a etiquêta ajuda a encontrá-lo... Mais tarde, será o garboso militar da P. E.



O exame físico é rigorosamente observado. Têda a tropa deve passar pela inspeção médica. Curioso aspecto. Os novos atletas são minuciosamente inspecionados. E' a tropa de elite, escolhida quase a dedo. Sòmente homens de 1,75 de altura podem ser admitidos. O que deve valer é o físico.



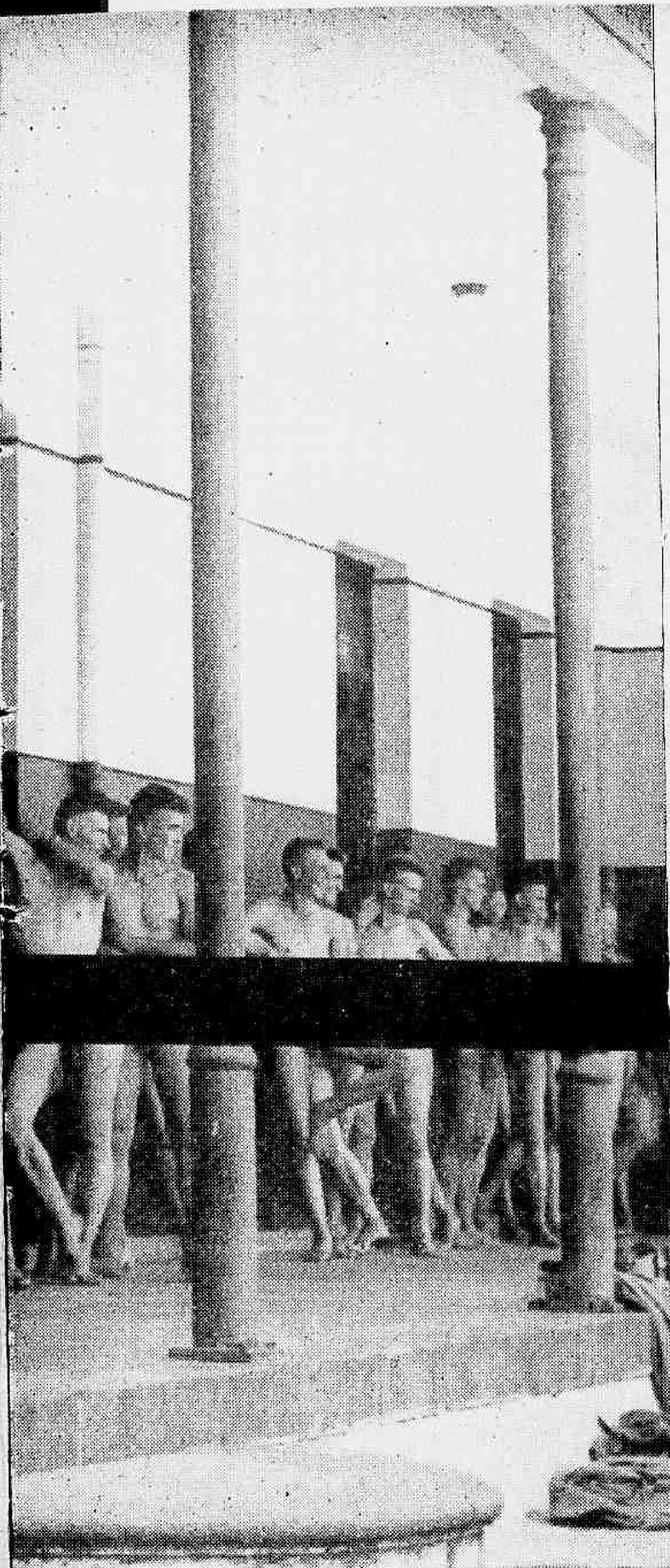
estrangeiros que brasileiros. Hoje há uma certa seleção diferente. Ao lado do físico já se exige melhor apresentação intelectual.

Nessa longa viagem até ao Rio, há uma espécie de concentração nas diversas capitais. A condução varia. Desde as mais simples montarias até ao trem que os despeja na gare de D. Pedro II. Trazem pouca bagagem. Algumas roupas. Alguns livros. E muita saudade da terra natal que ficou além dos trigais e cafèzais das terras roxas.

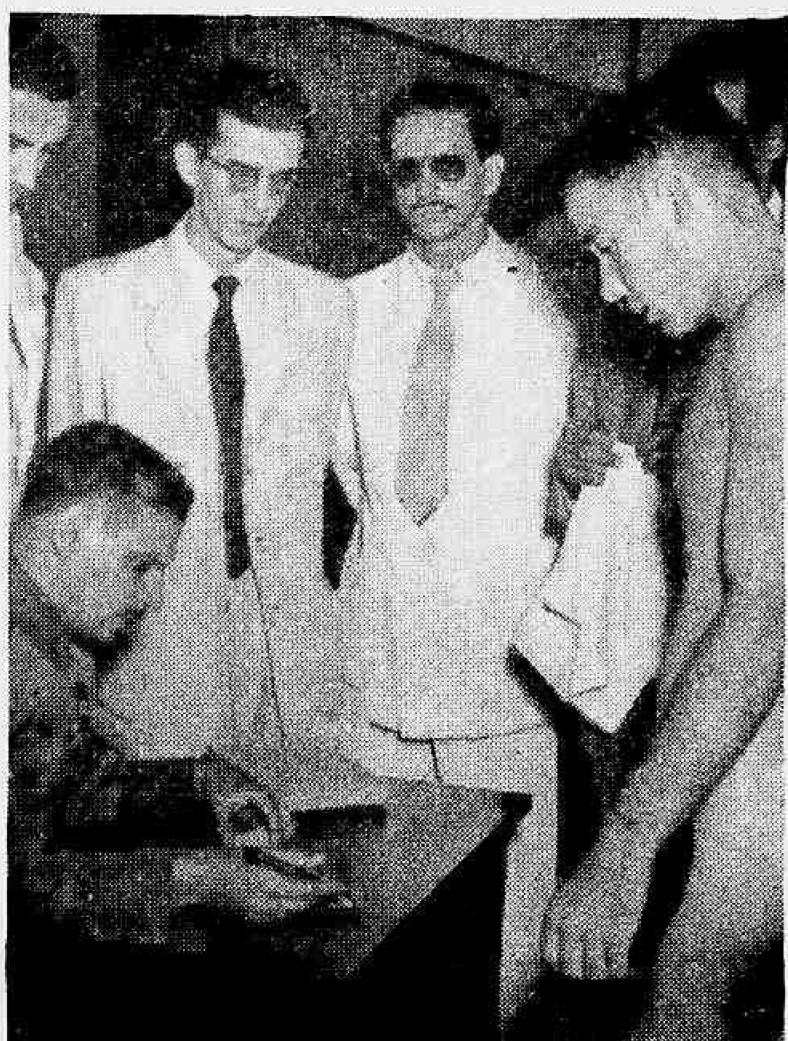
Tive ensejo de dirigir-me a um grupo. O sotaque os denuncia. Falam meio arrastado. Com a pronúncia de filhos de estrangeiros. Mas, êsses moços são bem brasileiros. Senão vejamos. Arany Lauth, autêntico barriga-verde, de Indaial, é um teuto-brasileiro. Tem o curso ginasial completo. Em sua família só se fala português. Quando criança era obrigado a falar a língua dos professôres brasileiros.

Há uma particularidade curiosa — prosseguiu Arany. — Em geral as professôras primárias são alemãs. Com os guris falam alemão. Porém fazem

Os catarinas abandonam logo a veste civil pela verde-oliva. E com ganhardia fazem-na respeitar.

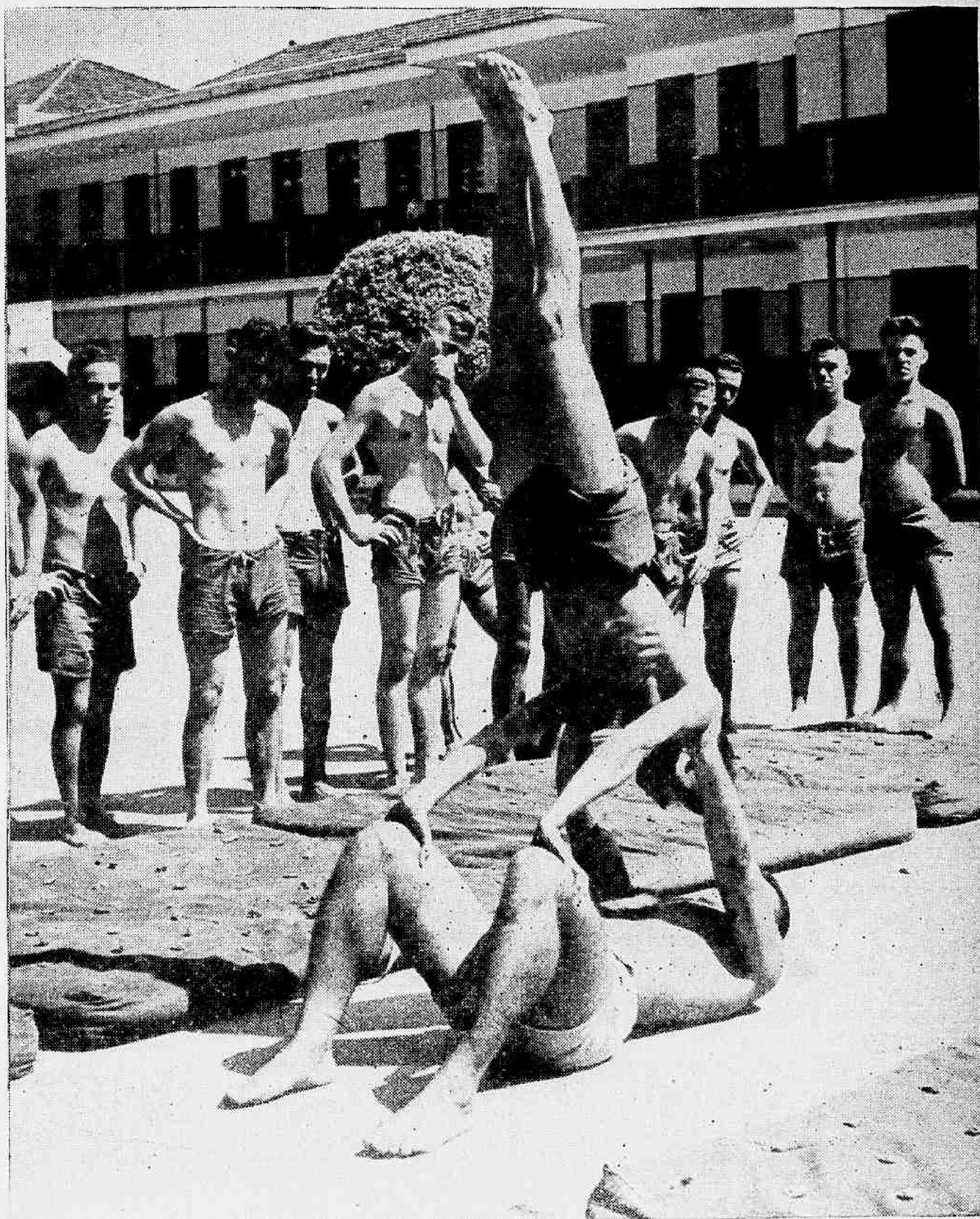


Como se fazem OS «CATARINAS»





Outro aspecto da inspeção. Todos os anos a P.E. recebe elementos cuidadosamente selecionados.



questão de ensinar o português. Durante a guerra houve proibição e até prisão para os que falavam em público a língua de Goethe. Nas mais afastadas vilas, em casa, os colonos falam a sua língua de origem. Hoje — concluiu o ginasiano da P. E. — relaxou-se um pouco, a ordem. Fala-se comumente, em casa, tanto o português como qualquer idioma estrangeiro.

Arno Schurt, outro catarinense de Rio do Sul, tem apenas o curso primário. E' de origem alemã. Suas maneiras revelam o filho do homem da roça. Os seus companheiros de grupo são quase todos de igual condição intelectual. Não existe o analfabetismo entre os filhos das colônias européias. Muitos dêles são até bilingues. Falam português e falam a língua de seus pais colonos.

Outro novato da P. E., Estanislau José Kukuk, de Curitiba, e filho de polonês, teve oportunidade de dizer da satisfação que experimentou ao ver o Rio pela primeira vez. Superou as suas expectativas. Enfim todos êles estão maravilhados com a "Cidade Maravilhosa".

Os exercícios são o que mais agrada aos recrutas da P.E. O bom físico antes de mais nada...

COMO SE FAZEM



A verde-oliva os transforma imediatamente. Seu espírito de disciplina já os prepara para a difícil missão de policiais de elite e categoria.

A Polícia Especial teve a sua origem no antigo Corpo de Polícia do Exército, composto do pessoal da guarda civil do Estado de São Paulo. Isto durante a guerra. Terminado o período de mobilização geral aquela corporação se transformou no atual Batalhão de Polícia. Uma das fortes razões de sua criação e de sua permanência é o seu comprovado valor moral. A P. E. soube manter seu elevado pôsto de fôrça moralizadora.

Na Capital da República o seu patrulhamento se faz sentir nos pontos-chaves da cidade. O seu pessoal desfruta da boa simpatia e prestígio de povo. No seio do Exército respeita-a o soldado, porque sabe que a P. E.



A fisionomia do matuto louro revela certa apreensão. Não pode esconder a sua natural plástica de homem da roça. Isto, porém, é só no comêço...

Na hora da bóia. A coisa aqui é bem diferente de casa. Tudo vem medido. E o filho do colono acostumado à fartura tem que se contentar com pouco.

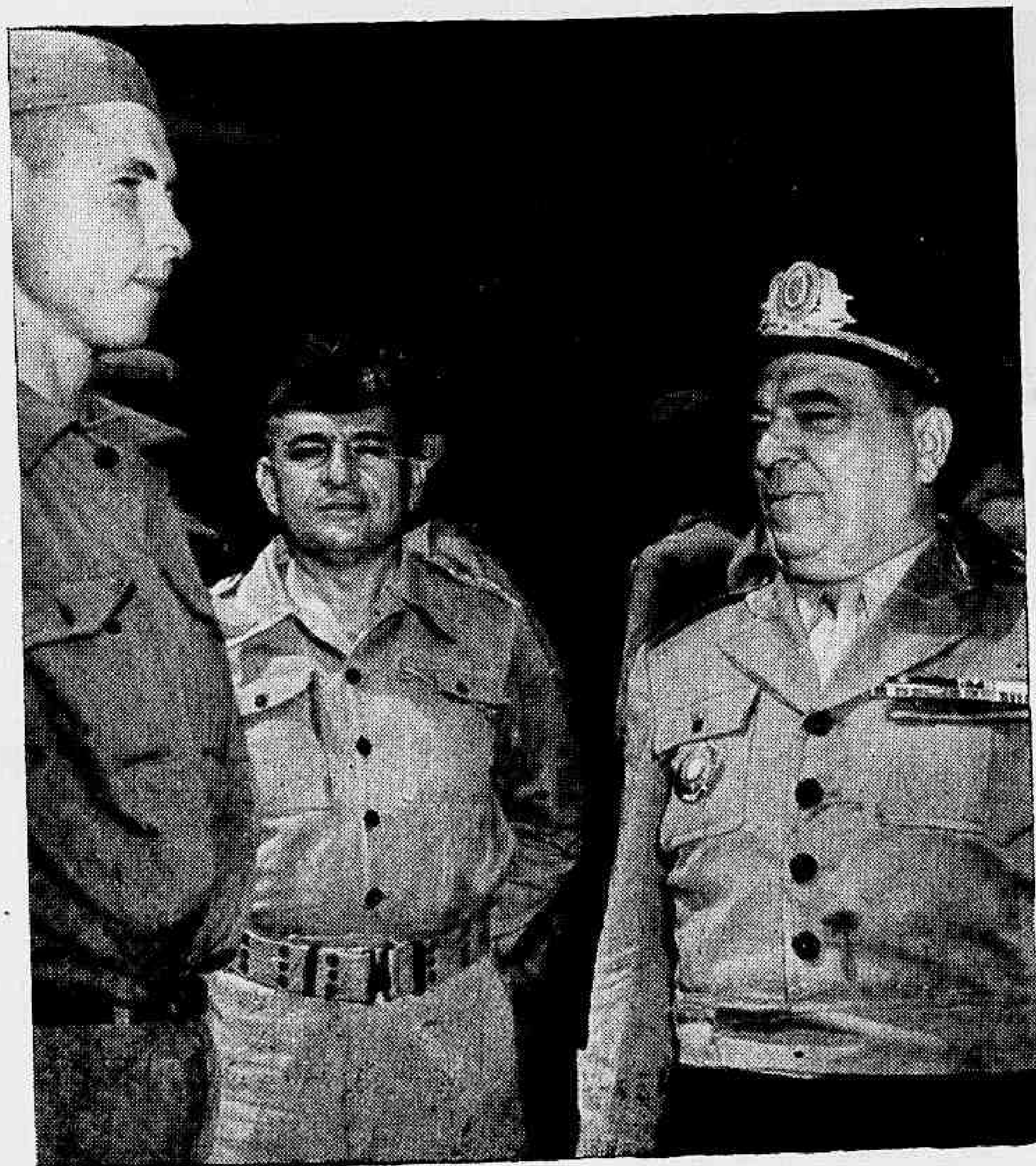


Último dia de um catarina: — a devolução do fardamento. O veterano deixa ao novato a sua farda. E adeus Polícia do Exército.

se impõe. Nos atritos coletivos, quando a coisa engrossa vem a P. E. e tudo se normaliza...

O comandante da 1.ª Zona Militar, o general Zenóbio da Costa faz tudo para que a P. E. mantenha a sua tradicional fama de polícia especial. O ilustre chefe militar vê nosmoços louros uma reserva poderosa de mocidade a serviço da grandeza moral de nosso brioso Exército.

Por isso os atuais "catarinas", bisonhos e desajeitados serão, em breve tempo, os garbosos P. E. cheios de entusiasmo, fôrça e galhardia.



Os chefes militares têm orgulho de seus garbosos e disciplinandos comandados. E tudo fazem pelo bom prestígio da tropa de elite.



Finalmente, o «jegue» de ontem é o brioso militar. Desenvolvido e esbelto, é um homem cônscio de seu dever de soldado brasileiro.

CONTA-ME teus Sonhos

MARIA PAULA

● SÔNIA — (Rio)

SONHO: — Sonhei que tinha nas mãos uma fôlha de papel em branco, na qual se lia uma só palavra: Isis.

INTERPRETAÇÃO: Isis é uma divindade egípcia, mulher de Osiris a mãe de Horus, deusa da medicina, por isso que cura as almas e desvenda o seu mistério, deusa do casamento — a reveladora dos segrêdos do thálmo — deusa do trigo, — a abundância reinando onde só seu cultivo é evidente... Sendo Isis a representação mística da mãe Natura, princípio feminino que completa o andrógino, acredito que, na fôlha de papel em branco, você gostaria de escrever o mais belo capítulo de sua história amorosa, e, ao mesmo tempo, desvendar — levantar o véu de Isis — o mistério que existe no sofrimento do grande mal de amor. Essa divindade é tão lírica que valeu uma tragédia escrita por Quinault. E quem nos dirá não seja você capaz de escrever cousa ainda melhor para nós? Experimente. Não custa.

2º SONHO: — Achava-me debilitado física e mentalmente, tão fraco que mal podia articular as palavras. Repentinamente surgiu à minha frente uma mulher de porte elegante que, a julgar pela aparência, era dama de alto nível social. Sua tez era alva e trajava-se luxuosamente, tinha o olhar meigo e a expressão jovial. Parecia-me ser espírita, pois deu-me uns passes e eu me restabeleci prontamente. Em seguida, começou a entoar um hino sacro cujas palavras falavam em Jesus. Eu também cantava em alta voz e com fervor, o que despertou a curiosidade dos transeuntes. Esta cena se passava numa rua desconhecida. Em dado momento surgiram dois rapazes, um branco e um mulato; êste enlaçou o braço na cintura da moça, obrigando-a a dançar. Fiquei horrorizado, sem saber que iniciativa tomar. Nesse interim, a dama desmaiou e os curiosos formaram um círculo à sua volta. Afastei-me, apavorado, para bem longe e, quando voltei, não encontrei mais ninguém no local. Havia um muro extenso e alto e, por trás dêle, viam-se barracões de taipa; enquanto eu observava a cena, apareceu-me uma senhora, modestamente trajada, no portão do muro e, apontando para uma casa sem reboco, disse: — Ela está ali. — Ao entrar, vi a moça deitada numa cama, completamente diferente do que era há poucos minutos: os olhos e os lábios arroxeados, pálida e desfigurada. Quando me aproximei, ela fêz sinal para que eu lhe puxasse o lábio inferior, ajudando-a, assim, a falar; obedeci, com um gesto, ela me fêz compreender que eu devia abrir-lhe as pálpebras. Assim fiz, e então, ela me disse: — Não vou namorar com você — Respondi que não era essa, realmente, a minha intenção. Ela ficou indignada e começou a dizer repetidas vêzes: — E' assim mesmo. Eu já sabia. E' por isso. — Quis falar, mas senti um apêrto na garganta e acordei chorando.

INTERPRETAÇÃO: — Em todos os seus sonhos há um manifesto recalque psico-sexual. Há uma fixação de memórias que, devido à sua resignação, se entranham em complicados fenômenos oníricos. Vejo que você, refletindo sôbre o seu grande caso, tem prometido a si mesmo modificar-se (amparo que deu à moça distinta). Sua mentalidade, seu espírito, devem estar bastante abatidos (fraqueza que o impedia de falar). Além disso, espera, ainda, encontrar na mulher uma criatura que o compreenda, à altura dos sonhos que arquitetou (dama de alto nível social). Em seu coração há uma fôrça benéfica, que o levará a um reajuste entre seu eu inferior e a parte mais digna de sua natureza (proteção que deu à moça e horror que sentiu ao vê-la enlaçada por outro). Às vêzes, nos colóquios com sua consciência, você acredita que vai sucumbir de dor, por se ver na situação em que está (desmaio da desconhecida) e se diminui (barracos de taipa). No entanto, acalenta uma esperança (portão aberto no muro) de romper êsses grilhões (muro); volvendo os olhos para dentro de si próprio (abrir as pálpebras da moça) espera voltar a ser um homem digno e feliz, direito que lhe assiste por seu bom comportamento. O final de seu sonho (diálogo) mostra em você um espírito de auto-crítica, desenvolvido e espontâneo. Pedreiro, quando nos sentimos culpados de algo e não procuramos atirar essa culpa sôbre outrem, temos meio caminho andado para a conquista da vitória na vida. Você ainda recuperará integralmente seu lugar na sociedade em que vivia. As horas más passarão.

S E G R E D O S   D A   A L M A

À LUZ DA PSICANÁLISE

Dr. LUIZ FRAGA

O sono é um estado fisiológico que desperta nos estudiosos, quer se trate de profissionais, quer de leigos, de há muito, um interêsse muito grande. Neste momento temos à nossa mão uma carta de uma leitora, solicitando, digamos, alguma cousa que a possa elucidar melhor. A fisiologia do sono é, a despeito do muito que se tem escrito, pouco conhecida pela maioria das pessoas não profissionais. As funções nervosas são suspensas ou atenuadas durante o estado normal do sono, quando são embotadas a sensibilidade geral e sensorial. Desaparece a motilidade voluntária, subsistindo, embora, uma motilidade automática, permitindo ao indivíduo a mudança de posição. Todos sabem que a mudança de posição durante o sono se faz, pelo menos umas vinte vêzes por noite, sem que a pessoa o perceba ou acorde, em virtude de ser atenuado o tono de quase todos os músculos do corpo, o que determina o seu relaxamento completo, com a exceção dos músculos dos esfincteres, o pequeno oblíquo, o reto superior dos olhos, e os músculos da mastigação. O psiquismo sofre uma pausa, desagregando-se a personalidade, havendo abolição transitória da atenção, do raciocínio, da memória e consciência. Quando a atividade perceptiva é apenas atenuada, num estado de sono incompleto, o indivíduo percebe imagens auditivas e visuais, sem existência real. São as alucinações, responsabilisando-se pelos terrores noturnos das crianças. Nós dizemos, então, quando isto acontece: — «não sei se estava sonhando ou se de fato ouvi»... Não se podendo repetir com clareza o fato ocorrido durante o estado crepuscular.

● As imagens oníricas surgem num estado de sono profundo. São os sonhos, com a aparência de atos da vida real, às vêzes coerentes e ilógicos. As funções vegetativas sofrem igualmente modificações: a respiração é lenta e ruidosa, de tipo torácico. Se houver alguma anomalia nasal, desvios, hipertrofias, etc., o ruído é mais acentuado, determinando os roncos. Diminui a diurese, aumentando a transpiração e caindo a temperatura. A duração do sono é uma cousa variável, aumentando ou diminuindo na dependência de fatôres diversos. O recém-nascido dorme de 18 a 20 horas. Decresce, com o aumento de idade o número de horas, chegando-se à velhice com 5 a 6 horas, o que é bastante, num estado normal. Geralmente a mulher dorme um pouco mais do que o homem. Na primeira hora o sono é sempre mais profundo que nas últimas. O hábito modifica a intensidade. Os indivíduos que residem em proximidades de linhas férreas não despertam com o ruído que faz a passagem de um trem, podendo, entretanto, acordar fàcilmente com um ruído muito mais leve ao qual não esteja acostumado. Inúmeras observações foram feitas com soldados, em período de guerra, que dormiam profundamente, em suas horas de folga, ao som de cornetas e ao troar de canhões, despertando, todavia, com a entrada de um colega que pisava de modo mais forte.

● As alterações do sono traduzem-se por duas maneiras: a) a «hipersônia», também chamada «letárgia» — sono profundo e prolongado e a «insônia» ou «agripnia», que é o oposto. A «hipersônia» pode ser contínua ou «paroxística». Qualquer alteração do sono deve ser comunicada ao médico, antes de se usarem métodos caseiros e «conselhos» de entendidos. Contar carneiros, fazer hábito de leituras e, o pior, usar infusões e pílulas soníferas constituem um sistema nada recomendável. Há sempre causas fisiológicas ou morais que determinam o aparecimento de insônias. Tôdas elas, porém, são perfeitamente removíveis. . . . . . .

Tôda correspondência deverá ser dirigida ao Consultório de Psicologia e doenças nervosas:
Dr. Luiz Fraga — Rua Sen. Dantas, 76 — 4º — Rio de Janeiro.

C U P Ã O

Nome ....

Pseudônimo ....

Data do nascimento ....

Estado civil .... Profissão ....

Residência ....

ÊSTE MUND

EXPRESSÕES DO POVO IV



MUNDO DAS LETRAS

A LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO acaba de lançar mais um volume das obras completas de Gilberto Amado, um dos escritores mais representativos de nosso tempo, dos mais fortes pensadores contemporâneos.

PETER USTINOV, escritor e ator teatral dos mais prestigiosos da Inglaterra está de viagem marcada para o Brasil. Virá com um elenco teatral organizado por Peter Daubney, para uma «tournée» na América do Sul. A peça de Ustinov, «The Loves of Four Colonels», como se sabe, em cena em Londres desde 1951, será um dos cartazes da temporada teatral inglêsa entre nós...

OS CONCURSOS LITERÁRIOS promovidos para comemoração do IV Centenário de São Paulo foram encerrados no último dia de fevereiro, englobados sob a denominação geral de «Prêmio José de Anchieta». O melhor trabalho em cada gênero terá um prêmio de cem contos e será editado pela Comissão do Centenário. Inscreveram-se 96 concorrentes ao prêmio de poesia.



NILO BRUZZI vai comprar outro barulho, já que está arrefecido o que causou sua revisão da biografia de Casemiro: está a sair seu livro sôbre o desconhecido romancista mineiro Lindolfo Rocha, autor de «Iacina» e «Maria Dusá», romances, nascido em 1862 em Grão Mogol, Minas e morto em 1911, no Salvador. Estas informações foram dadas pelo próprio Nilo Bruzzi, bem como o retrato com que ilustramos o registro.

Semana LITERÁRIA

EDMUNDO LYS

FORA DO PRELO

● RELÓGIO DE SOL — De Paulo Bonfim, poeta laureado, autor de «Antônio Triste» e de «Transfiguração», acaba de aparecer êste «Relógio de Sol», uma série de poemetos de sentido epigramático, em que se fundem pensamentos filosóficos, imagens e substância poéticas. Mais de espaço, voltaremos a falar dêste belo livro de poesia, apresentado pelas Edições Alarico, de São Paulo.

● A ESTANTE — Recebemos o nº 4 de «A Estante», a nova e vitoriosa revista brasileira de bibliografia e cultura, muito cuidada, como sempre, e excelentemente colaborada.

● UM ROMANCE EM CADA VIDA — Êste volume de contos de Mauro Carmo nos trouxe, em tratamento literário, uma série de fatos verídicos. Tocados de poesia, construídos com extraordinário «savoir faire», prendendo tanto pelo interêsse dos casos, como pelo estilo simples e atraente do contista, «Um Romance em Cada Vida» tem tido justo e merecido êxito, entre as obras do gênero, aparecidas entre nós. (Pongetti, Rio.)

● A CONQUISTA DO ACRE — A epopéia da conquista do Acre tem tido os seus historiadores e ensaistas, sendo realmente um dos nossos grandes assuntos até há pouco inexplorados. A batalha travada por êsse pro-homem que foi Plácido de Castro vem atualmente movendo o interêsse geral, para o melhor esclarecimento dessa página da história contemporânea do Brasil, como ela de fato merece. Agora, aparece o «romance» dêsse dramático episódio vivido heròicamente por brasileiros e bolivianos, nas selvas selvagens da Amazônia. Pimentel Gomes nos dá um romance histórico que tem o sabor e o brilho dos livros de ficção. (Edições Melhoramentos).

● ROSAS VERMELHAS — Um doce e comunicativo livro de versos, êste de Cida Rinaldi Guastelli. Poesia, feminina em todos os seus aspectos, tem porém um acentuado tom melancólico, marcando a adolescência vincada dos problemas do sentimento, próprios da idade. Cida Guastelli versifica com facilidade, em acentos sinceros, faltando-lhe entretanto maior espírito crítico e melhor treino, o que são elementos aquisitivos que não devem desanimar sua indiscutível vocação poética, tão sensível através dêstes poemas.

● PORTUGUÊS PRÁTICO, de Marques da Cruz, já oferece o volume correspondente à segunda série do Colégio. E' mais uma realização gráfica das Edições Melhoramentos.

UM AUTOR:

DOMINIQUE ROLIN



O «Prêmio Femina» é sem dúvida dos mais importantes da França e do mundo. Pode parecer que um prêmio assim, concedido por um júri de mulheres, tão estritas quanto às suas preferências pessoais, tão desprovido o sexo de senso crítico — não teria qualquer importância. Pois, tem. Tanto êsse prêmio tem sido distribuído com acêrto que acabou se impondo. E' de uma importância quase igual à do Goncourt, em virtude do qual foi criado, não admitindo aquela premiação a escritora, no que se refere à sua consagração, como ao seu valor editorial. O «Prêmio Femina» de 1952 coube a Dominique Rolin, jovem escritora francesa, por seu livro «Le Souffle», título que já levou um inimigo nato do «bas-bleuisme» a afirmar que a autora talvez tivesse feito melhor obra se pusesse um acento agudo no último «e» do título... Simples perversidade. Dominique Rolin que alia dois valores difìcilmente encontrados na mesma mulher — a beleza e o talento — é realmente uma escritora digna da láurea tão disputada. Além disso, Dominique é também desenhista e, como tal, os heróis de seu livro têm uma existência «plástica», por assim dizer. São «sêres», possuem «presença», como a propósito dos personagens de «Le Souffle», lembrou há pouco Jean Cayrol que também definiu a vida existente no livro de Dominique como «poética e cruel».

UM LIVRO:

"CADERNO SUBURBANO"

Enquanto os literatos e os críticos (e alguns poetas também) discutem sôbre forma e conteúdo, sôbre poesia moderna e poesia tradicional, sôbre a importância ou decadência do sonêto, felizmente os poetas, fora e acima de todos êsses debates que parecem absolutamente inúteis, continuam a fazer poesia. Sérgio Milliet, por exemplo, continua a dizer mal de Olavo Bilac, o parnasiano Bilac, enquanto os moços mais recentes acreditam mais em Bilac do que nos expoentes da geração de 22. Isso tudo, mais a descoberta enternecida de Proust e o culto a Rilke, está provando a inanidade dessas discussões. Bem fazem os poetas que continuam a fazer poesia.

● Poesia é, por exemplo, a que nos dá neste seu modesto livro de estréia o jovem Yolandino Maia. Embora seja uma coletânea de sonetos, êstes poemas possuem uma unidade íntima muito mais forte do que a formal. São poemas dedicados à vida simples do subúrbio, versos que mostram a sensibilidade fina e aguda, ferida na paisagem humilde, vivendo os acontecimentos e os cenários ingênuos, com um lirismo que escorre espontâneo por entre as estrofes, fluíndo de cada verso sem qualquer preocupação exterior, a não ser a imposição dessas puras e afetuosas confidências — «em versos que pretendem ser humanos», tocados de uma delicadeza contagiante, de uma singeleza que vem direto à emoção do leitor. O que há aqui é verdadeira poesia. Ao dedicar seu livro, com ternura adolescente, ao seu subúrbio carioca, zona norte da cidade, Yolandino Maia não toma qualquer sombra de pose. Isso está na sua poesia, no seu lirismo impregnado de subúrbio, da crônica e da topografia de subúrbio. Nesse gesto, também há poesia. Êle nos diz dos momentos líricos que teve no seu meio. Foi aquilo que realmente sentiu, que viveu, que sofreu, que amou. Abandona, assim, tôda atitude literária e permanece fiel a si mesmo, vendo tôdas as sugestões líricas do ambiente e sabendo traduzi-las tão naturalmente que atinge, assim, à pura poesia.

Falamos em sonetos, que todo êste pequeno livro é uma coleção de sonetos. Mas, devemos dizer, que não há nenhuma preocupação formal nesse partido tomado pelos quatorze versos. Aliás, êstes sonetos não se preocupam muito da métrica, das regras que pautam essa forma tradicional de versejar. Tanto que seus versos abundam em exemplos de frouxidão, a que se opõem, às vêzes, decassílabos demasiado fortes, o que prova que o poeta, familiarizado com o ritmo e com a arquitetura do sonêto clássico, guia-se instintivamente, ao fazer os próprios versos que nunca traem o trabalhado, o artificial, o rimário forçado.

● Falando do subúrbio, vivendo poèticamenhe o subúrbio, era natural que êste poeta sentisse os problemas sociais e com êles se preocupasse. Nesse ponto, entretanto, percebemos que seu socialismo é mais cristão, evangélico, do que político. Há nesse movimento de solidariedade com os pobres e humildes, mais uma manifestação de poesia do que de socialismo. Todos os poetas que viveram e produziram nesses ambientes urbanos, sentiram pela maior violência dos contrastes, entre bairros pobres e bairros ricos, trabalho e diversão, a desigualdade social, solidarizando-se com os injustiçados, com os humildes, com os pobres. É o caso de Cesário Verde, de Evaristo Carriego, entre nós, de Mário Pederneiras e de alguns outros. E' mesmo o nome de Mário Pederneiras que nos ocorre imediatamente, à leitura dêstes versos de Yolandino Maia. Depois de Mário, ainda não tivemos um poeta citadino como êste, cujo lirismo gira todo êle em tôrno dos acontecimentos urbanos, da paisagem dos bairros, da geografia e da toponímia carioca, da vida dos subúrbios da zona norte — cujos encantos êle é o primeiro a cantar — assuntos até agora relegados aos poetas do samba, às letras, tão saborosas, de nossa canção popular.



Leprosos da colônia de hansenianos, de Santa Teresa, em Santa Catarina, numa das cenas mais emocionantes da história da Paixão de Cristo.

"VIDA, PAIXÃO E MORTE DE JESUS"

AO AR LIVRE COM CENARIO MONUMENTAL ★ VINTE MIL ROMEIROS VINDOS DE TODOS OS PONTOS DO PAÍS ★ REALISMO E INTENSA EMOÇÃO NA OBERGAMENRAU BRASILEIRA ★ FREI DANIEL "OFM" IDEOU E DIRIGIU ÊSTE GRANDIOSO ESPETACULO SAGRADO

Texto de RICARDO FREI **Fotos de MILTON SANTOS**

DEPOIS que São Francisco de Assis idealizou e fêz montar o primeiro Presépio, ao natural, com pessoas e animais, tomando êle mesmo papel na representação, tal como se lê nas «Fioretti», a cristandade vem fazendo anualmente o presépio nos lares e nas igrejas. Mas na Alemanha, em Obergamenrau, a representação ao vivo não se limita apenas ao nascimento do Salvador, senão a uma representação de tôda a vida, especialmente da Paixão e Morte de Jesus. E os preparativos se fazem bem antes da Quaresma, tomando cada cidadão a incumbência do seu papel e da respectiva caracterização. Assim, vêem-se muitos homens de ofícios humildes, sapateiros, ferreiros, carpinteiros, deixarem suas barbas crescerem para maior realismo da parte que lhe toca representar. O costume estendeu-se ao Brasil e em Santa Catarina, sob a direção do piedoso frade franciscano Frei Daniel, o drama do Calvário vem de ser também o cume da representação da vida de Jesus que é apresentada em quadros sucessivos desde o seu Nascimento até a sua Ressurreição. E o que é mais singular é que são hansenianos os atores, todos pertencentes à colônia Santa Teresa, situada a uma hora de automóvel de Florianópolis.



No caminho do Calvario, Jesus carrega o pesado madeiro em que morreria crucificado.

"Vida, Paixão e Morte de Jesus"



Verônica, depois de enxugar o rosto do Nazareno, mostra aos seus algozes a reprodução que ficara na toalha. Mas a tortura continua feroz



A emocionante cena da flagelação de Cristo, açoitado impiedosamente em praça pública, para que todo o povo visse que César era poderoso.



E Jesus, depois de murmurar: «Eli, Eli, lama sabactani» (Senhor, Senhor, por que me abandonaste), exala o último suspiro e morre serenamente.

"Vida, Paixão e Morte de Jesus"



Reproduçã o admi
Maria e José conc

Durante meses F
e sondou as vocaç
mente a cada um
êles amorosamente
bevecimento as di
de 1951. A prime
Deu-se na cidade
nia. Mais tarde po
adestrados os com
mou aspecto inédi
assistiram aos trab

ROM

Com a perform
assim podemos ch
espírito religioso s
ao público. É o c
ral foi perfeitame
últimas conseqüên
não podia assistir
gidos ao mais pe
circunstâncias da
noite e o abando
e dos simples pa
Templo de Jerusa
sua vida oculta
em companhia de
lho revividos por
pra, é de fato de
temperamentos. A
realismo mais pa

Cena das mais
subir o Gólgot



rodução admirável da mangedoura em que nasceu Jesus. Na outra foto, a fuga para o Egito, quando ia e José conduziam o menino Jesus para livrá-lo da matança de crianças ordenada pelo feroz Herodes.

urante meses Frei Daniel trabalhou na escolha dos tipos ndou as vocações entre os asilados. Ensinou pacientete a cada um dêles os papéis que iriam representar. E amorosamente se dedicaram a incarnar, com todo emecimento as diversas personagens. Isto foi em novembro 1951. A primeira representação foi coroada de êxito. -se na cidade de São José, nas proximidades da Colô. Mais tarde porém, já aperfeiçoados os cenários e mais strados os componentes do Drama, a representação toaspecto inédito, milhares de pessoas compareceram e stiram aos trabalhos que tomaram feição monumental.

ROMEIROS DE TODO O BRASIL

Com a performance pública e gigantesca, no teatro, se m podemos chamar êsse gênero de drama coletivo, se írito religioso sobrepoz-se tanto aos atores como também público. E o objetivo de transmitir a emoção sobrenatu- foi perfeitamente alcançado. Os atores levaram até as mas conseqüências o sofrimento do Senhor e o povo o podia assistir senão mudo e lacrimoso os castigos inflilos ao mais perfeito e ao mais castigado dos homens. As cunstâncias da pobreza do seu nascimento em Belém à te e o abandono dos homens, a assistência dos animais dos simples pastores, posteriormente a sua presença no mplo de Jerusalém entre os fariseus, os doutores da Lei, a vida oculta como simples operário, serrando madeira a companhia de São José, tôdas as seqüências do Evangeo revividas por homens condenados à morte lenta da lea, é de molde de emocionar o mais cético e o mais frio dos mperamentos. A Paixão e Morte fornecem os quadros do alismo mais patético e constituem a parte culminante do Drama de Cristo. Desde a última ceia até a agonia no Horto e a prisão traiçoeira, indicada pelo beijo de Judas. Seu julgamento feito diante das autoridades judaicas e diante de Pilatos, o representante de César, sua coroação com os espinhos, sua flagelação, sua crucifixão tomaram todos da mais dolorosa compaixão — que já Aristóteles assinalava com condição «sine qua non» da tragédia — e provocaram lágrimas em cêrca de vinte mil espectadores que ali se reuniram, tendo partido de cidades longínquas de todos os Estados do Brasil.

CINCO HORAS DE DURAÇÃO

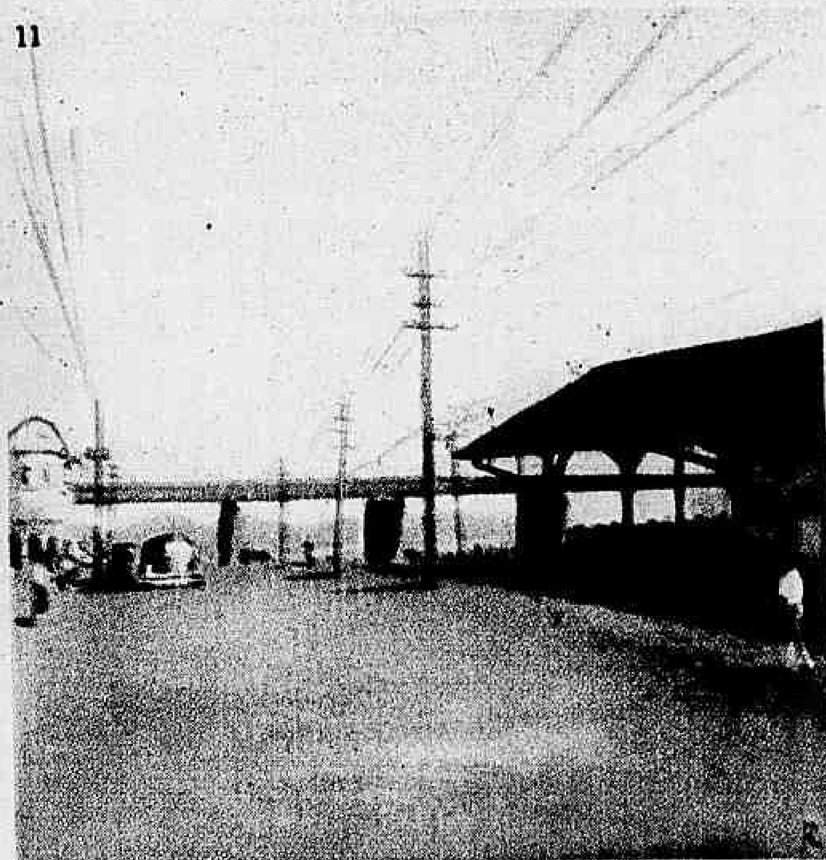
A cortina não se abriu ao final da representação para que os atores recebessem aplausos. Não havia programas com os nomes dos representantes. Tudo correu no mais silencioso e contrito dos ambientes. Cada qual se sentia perfeitamente premiado com a oportunidade de tomar parte — povo e participantes — no espetáculo que reavivou a passagem histórica de Deus-Homem sôbre a terra inaugurando a nova era de redenção e de esperança. O desenrolar das cenas fêz-se com observância rigorosa de todos os usos e costumes da época do Salvador, sendo os trajes, cópias fiéis dos que se conhecem através de documentos históricos. Os quadros se renovam lentamente e durante cinco horas, sem interrupção milhares de pessoas estiveram pràticamente imóveis como hipnotizadas pela grandiosidade do espetáculo. As entradas cobradas a dez cruzeiros por pessoa, atingiram a duzentos mil cruzeiros que uma vez pagas as despesas da montagem, microfone, iluminação especial, reverteram para os cofres da Colônia Santa Teresa, que é considerada pelos entendidos como a mais perfeita do (Cont. na pág. ..)



ena das mais realista foi esta levada a efeito pelos artistas de Santa Teresa. Uma das quedas de Cristo ao ubir o Gólgota, em cujo cimo seria crucificado na própria cruz que carregava. Tudo marcadamente real..

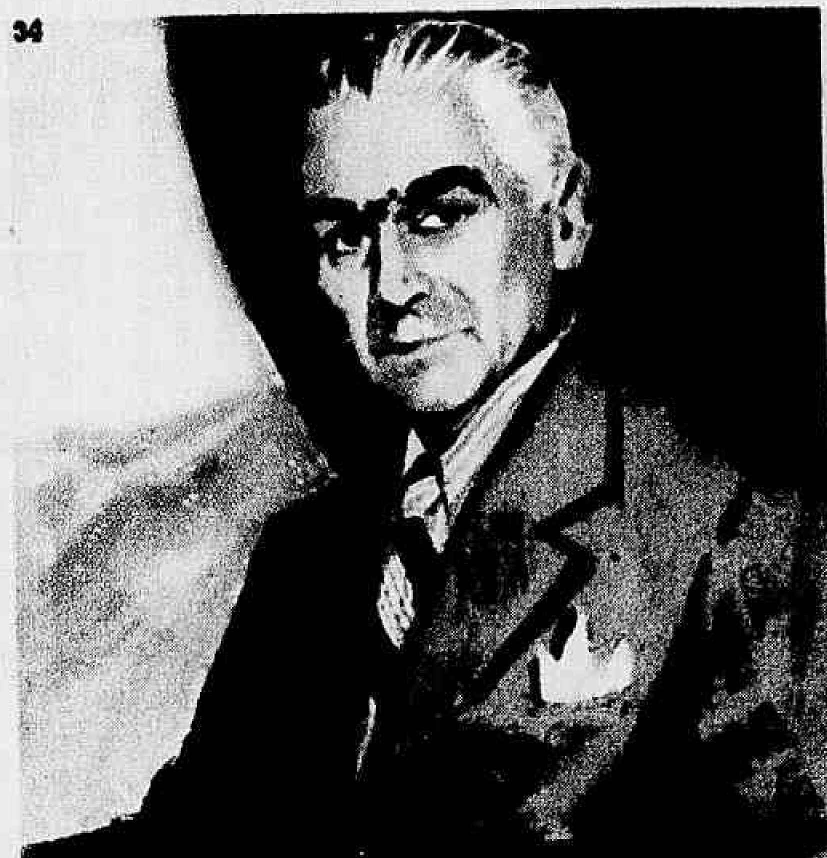



32

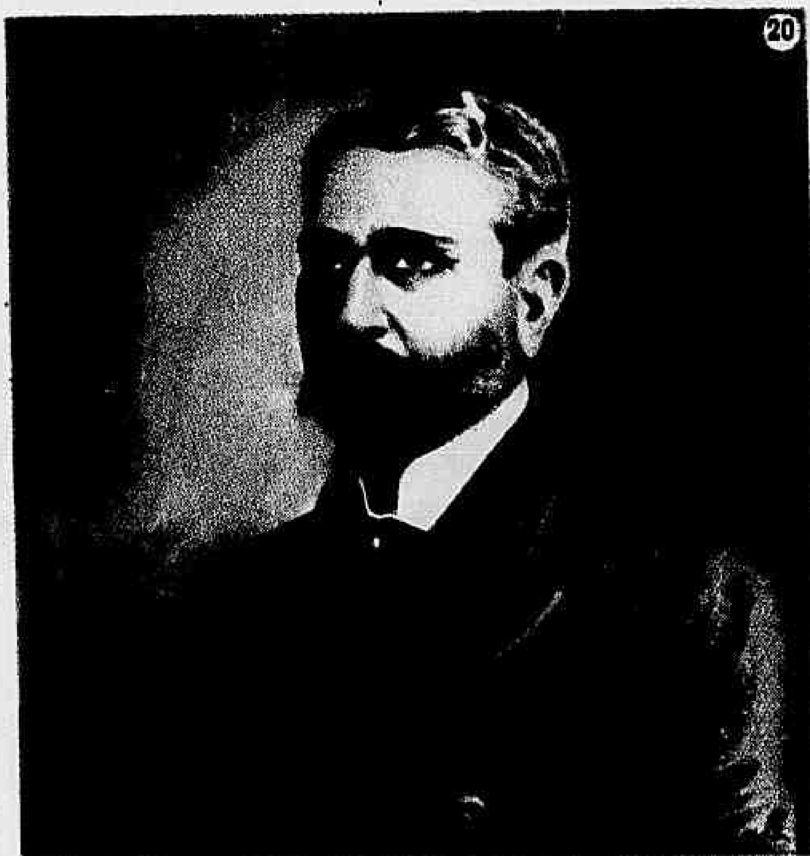

11



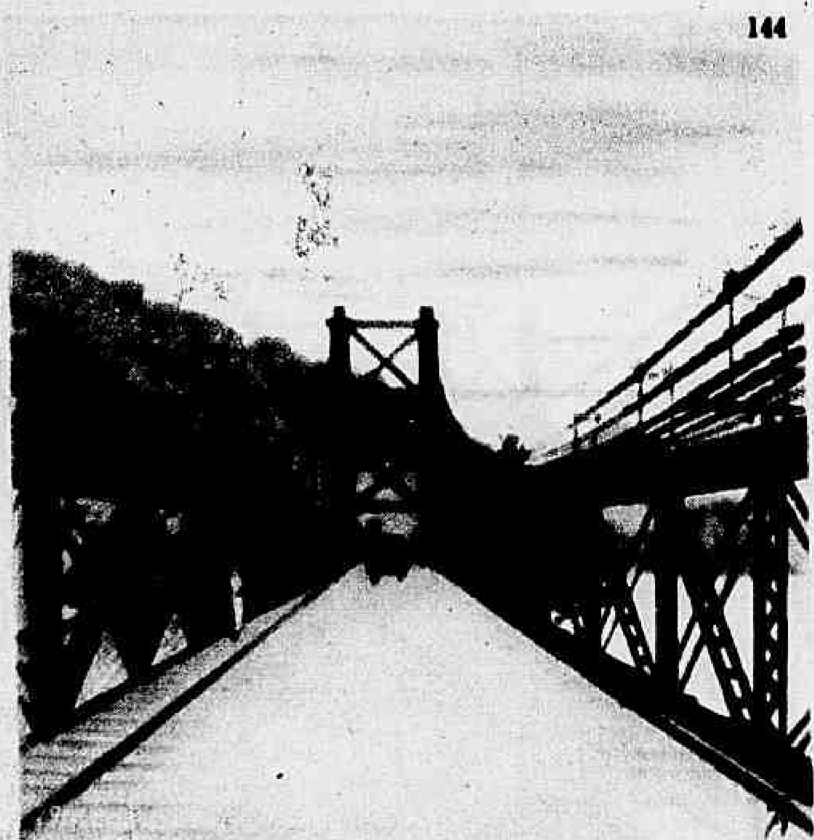

87
BANDEIRA DE SANTA CATARINA


34

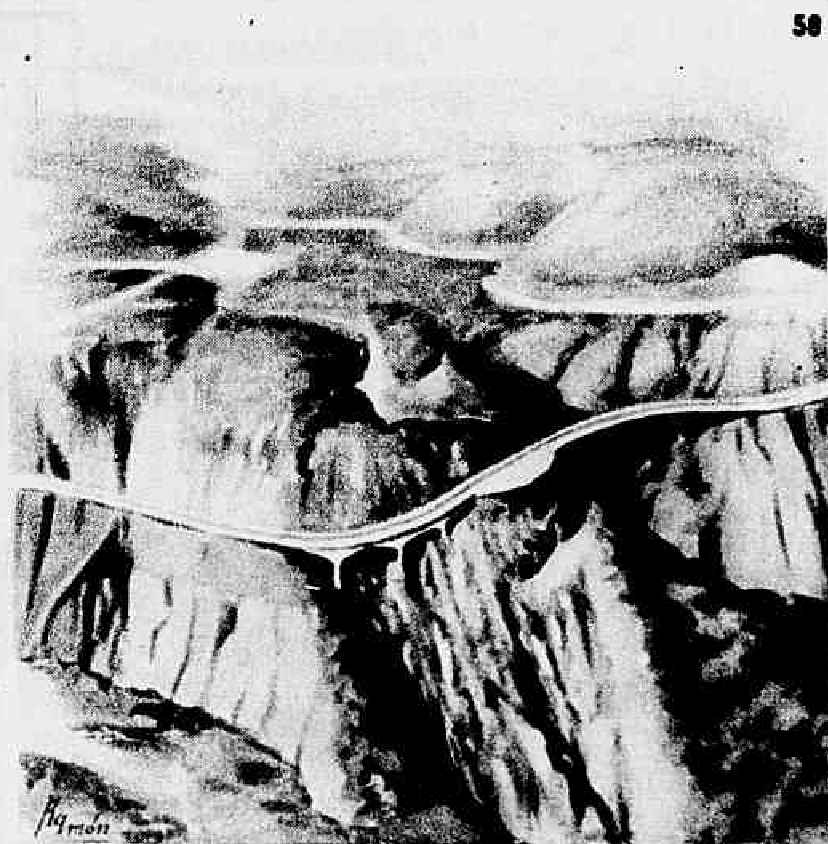

96


20


8


144


88


58



Melhor Diretor — HENRIETTE MORINEAU

Henriette Morineau nasceu em Niort (Deux Sèvres) França e chegou ao Brasil a 5 de maio de 1931. Incontestàvelmente é uma grande atriz e sua personalidade irradia calor humano. Conversar com ela é uma prazer para a inteligência e para a sensibilidade. Tanto pelo que diz quanto pelo que cala. Fêz os primeiros estudos em sua cidade natal e a leitura de Racine foi sua paixão da adolescência. Decorava trechos inteiros e os declamava para seu pai que muito a estimulou. Vendo Albert Lambert, da Commedie Française representar o "Cid" de Corneille, prometeu-se a si mesma representar essa peça. E assim aconteceu (pois tanto pode a vontade) porque cinco anos mais tarde, representou, de fato, o "Cid" com o próprio Lambert, no mesmo teatro em que o vira pela primeira vez. Em Paris (1924) venceu um concurso patrocinado pela revista "Comoedia", conquistando o I prêmio de tragédia. Concluiu logo depois o curso do Conservatório (tragédia e comédia) de 1926 a 29. Como profissional estreou com Lambert viajando em sua companhia por tôda a França num "rush" de uma cidade por dia. Porteriormente foi à África do Norte, que é chamada pelos artistas de "La Ville D'Or" na Cia. de René Roché. No Brasil em 1931, quatro dias depois de desembarcada casou-se com George Morineau, que apesar de ex-ator, não compreendeu plenamente a vocação e a carreira brilhante de Morineau. Permanecendo um ano no Brasil e outro na França viajou ininterruptamente até 1940. Veio a guerra. Demorou-se mais no Rio e então o "demônio do teatro" chamou-a. Inaugurou e dirigiu um curso de preparação ao teatro e declamação, na A.B.I. Em 1941 houve um fato importante para o teatro: chegou Louis Jouvet. Em um jantar com o talentoso comediante decidiu sua vida e embarcou com a Cia. Jouvet, viajando para a Argentina, Chile, Peru, Canadá, México. Deu expansão plena à sua vocação regressando ao Brasil em 1943. Quando estêve aqui a Cia. de Rachel Berent fêz com grande sucesso "Frenesi", no Municipal. Carlos Brant foi quem a incentivou a fazer teatro em português. Isto foi em 1944, depois de ter sido diretora da Cia. de Bibi Ferreira e ter atuado nessa época com atriz. Morineau tem trabalhado continuamente, ora no Serrador, ora no Ginástico, ora em S. Paulo, em Juiz de Fora, em Pôrto Alegre, ora em Belém do Pará. Dirigiu quase tôdas as peças em que trabalhou, exceção feita de "Medéia" e "Uma Rua Chamada Pecado", de Tenessee Williams para as quais solicitou a direção de Ziembinsky. Além dos prêmios de Medalha de Ouro em 1946 e esta de 1952, Mme. Morineau recebeu do govêrno brasileiro a condecoração da Ordem do Cruzeiro do Sul, no grau de comendador. **Obra preferida: «Elizabeth da Inglaterra» (porque existiu, explica). Autor preferido: Sófocles. Papel que gostaria de representar: Fedra.**

OS MELHORES DE 52

Medalhas de Ouro da Associação Brasileira de Críticos Teatrais para 11 melhores e quatro revelações ★ «Carreira trabalhosa», dizem uns. «Vida feliz», afirma Alda Garrido.

Texto de NAPOLEÃO AGUSTIN LOPES
Fotos de A. VIEIRA e A. FERREIRA

O prêmio de «melhor de 1952», acompanhado de sua respectiva medalha de ouro, é um dos mais consoladores gestos da crítica para com os que trabalham no palco. Creio mesmo que vale mais, por ser dado pela Associação Brasileira de Críticos Teatrais do que se viesse o crachá das mãos burocráticas do govêrno. Porque se assim fôsse haveria por certo a clássica marmelada dos pistolões. Os críticos divergem de gôsto, por isso uns votam a favor de nomes de sua preferência. outros o fazem, também livremente, por outras indicações. O que certo é que apurados os votos e satisfeitos os ditames de cada qual, o ator premiado se sente livremente atingido pelo aplauso.

O Teatro no Brasil ainda não tem o horizonte cultural que merece. São poucos os que perseveram na carreira, são realmente muito poucos os que têm a vocação inequívoca e a intuição do que o teatro significa como veículo do espírito. Daí que os que, como muitos nomes aqui em foco já têm longo «handicap» teatral, são merecedores do prêmio, tanto por talento como por promoção. São os vanguardeiros de uma época nova que começou com o século. E' gente que desde a primeira juventude vem se dedicando ao teatro que, depois do cinema falado, entrou em séria crise, transformou-se num prazer de elite, e vem se debatendo contra a maré do mau-gôsto que chega até à náusea. Quem se interessa por Shakespeare? Quem quer levar até ao público o mundo poético de Claudel, de Cocteau, de Petipa, de Anouihl? Quem quer dançar ou cantar coisas de um mundo muito acima dêste em que as multidões se esgotam na luta de cada dia? Quem fica em vigília imaginando personagens e quer vê-los dialogando, expressando suas paixões que em última análise são as nossas? Quem viaja e se cansa por êstes maus trens brasileiros, êstes péssimos navios costeiros, quem vai de seca a meca com bagagem colorida por aí afora só para levar um pouco de consôlo, um pouco de vida e de arte ao público que quer se ver retratado na sua dor e na sua alegria? Pois são exatamente os que hoje nos falam de sua vida. E como porta-voz da classe, agora tôda ela em regozijo, contam o que já fizeram e o que ainda sonham fazer em prol do Teatro Brasileiro.

Melhor Ator — JARDEL JERCOLIS FILHO



JARDEL Jercolis Filho nasceu em São Paulo (capital) a 24 de julho de 1927. Filho de empresário teatral, que tem um teatro em Copacabana com o seu nome, tem o teatro na massa do sangue. Desde menino viajou para a Europa, a Argentina e o Chile sempre assistindo aos ensaios e aos espetáculos musicados. Fêz o C.P.O.R. do Ar com o intuito de poder ir aos EE. UU. estudar arte dramática no Passadena Play House, em Los Angeles. Como não conseguiu a tempo a bôlsa ambicionada, deixou definitivamente a carreira militar e foi para o teatro. Fala inglês, francês e espanhol com relativa facilidade. Já foi à Europa quatro vêzes. Foi consumado atleta e dos exercícios (luta livre, basquete, water-pólo, arremêsso de dardo e disco (campeão juvenil sul-americano) deve o seu bom físico.

Começou no teatro com «Os Comediantes», sob a direção de Miroel da Silveira, juntamente com Ziembinsky. Foi no Ginástico que fêz «Desejo», de O'Neill, em 1947. Na mesma temporada trabalhou ainda em «La Reine Morte», de Montherland, «Era uma vez um prisioneiro» e «Terras do sem-fim», de Jorge Amado. Mais adiante, no Teatro Municipal, na temporada de arte de Dulcina fêz, de D'Anunzio, a «Filha de Iorio» e «Já é Manhã no Mar», de Maria Jacintha, conseguindo com a soma de todos êstes trabalhos a Medalha de Ouro de 1947 como «revelação de ator».

Em São Paulo, independentemente das «tournées» de rotina, demorou-se no Teatro Santana com Dulcina e ali representou "Anna Christie", de O'Neill, e «Chuva», de Somerset Maugham, bem como «Dona do Mundo» e «Avatar», de Genolino Amado. De volta ao Rio fêz a «Aguia de Duas Cabeças», de Cocteau, e na temporada com Bibi Ferreira, que considera excelente atriz, trabalhou em «Senhora», de José de Alencar, e «Diabinho de Saias», que constituiu um êxito. Em São Paulo, ainda uma vez, fêz "Scampolo", de Dario Nicodemi, e teatro de revista com Bibi e Gaysa Bôscoli.

Na sua última etapa com os Artistas Unidos, sob a direção de Henriete Morineau, trabalhou em «Complexo de meu Marido», «Poltrona 47», «Cravo na Lapela», «Os Ovos de Avestruz», de André Russan. Em «Jezebel», de Jean Anouhil, que se deu no Rio em "première" mundial, fêz um dos seus papéis mais aplaudidos. Fêz ainda «A Cegonha se Diverte», de Russan, e a peça de George Kelly, prêmio Pulitzer, — «Mulher sem Alma» **Sua obra preferida: «Macbeth». Seu autor predileto: O'Neill. Papel que desejaria representar: Hamlet.**

Melhor Atriz — ALDA GARRIDO



NASCEU em S. Paulo (capital) onde fêz os seus primeiros estudos. Não tem nenhum curso universitário. Começou sua vida de teatro no Rio aos 17 anos de idade em companhia de seu marido, com quem fêz dupla em diversos «sketches» na Cia. do Teatro América. Eram conhecidos como «Os Garridos». Estreou na comédia de Freire Júnior: «Noivo por encomenda», em que seu papel era de ingênua. No Carlos Gomes, fêz «A Tal do Telefone», comédia musicada de Gastão Tojeiro, gênero que atualmente chamam burleta. Alda Garrido não esconde sua admiração por Tojeiro. Lembra ainda, entre muitas outras comédias e revistas que esquece, «Luar de Paquetá», «Da Favela ao Catete» e «Maria Gasogênio». Recorda circunstâncias pitorescas de viagens em vagão de carga, o que não diminui o seu bom-humor nem subtrai seus méritos. Fundou no teatro João Caetano, uma grande companhia de revistas, onde tornou célebre o «Brasil-Pandeiro», «Orgia», de Luís Peixoto, e «Silêncio, Rio», No gênero de charge política encarnou papéis graciosos que ainda vivem na imaginação de quantos a viram naquela fase. Getúlio, diz ela, é personagem obrigatório. Entra em cena e logo o povo se regala. No Rival com o falecido Cazarré fêz «Das Cinco às Sete», de Joraci Camargo. Era então sócia de Cazarré e trabalhava na Companhia Déa Cazarré. Em Poços de Caldas a sociedade dissolveu-se e uniu-se à Itala Ferreira. Pouco tempo depois, novamente no Rival (veja-se como o nome da atriz sempre está prêso ao nome do teatro) fundou sua nova companhia, desta vez de comédia. Datam dêsse período a comédia «Se Guilherme Fôsse Vivo», traduzida por Daniel Rocha, e "Chiruca", que obteve êxito completo. Outro grande sucesso de Alda Garrido foi «Mme. Sans Gêne». Ninguém como Alda Garrido é capaz de encarnar um tipo autêntico do povo. Agora, depois de muitos êxitos com autores de feira tem ditinhos para quem passa e vai dizendo verdades que ferem estrangeiros, ela vai estrear com autor nacional — Pedro Bloch, autor de «Dona Xepa». Dona Xepa, disse-nos, é uma feirante, que como tôda mulher fundo a realidade. Alda mostra-se entusiasmada como uma adolescente. Diz que a vida do artista é a melhor. Que ganha um ordenado ou tem um lucro com aquilo que faz parte realmente da vida. O ator é o profissional que ama sua profissão, Alda Garrido é um exemplo de pureza de vocação e uma atriz que merece nosso carinhoso aplauso. **Obra preferida: «A Respeitosa». Autor predileto: Gastão Tojeiro. Papel que gostaria de desempenhar: a Dama das Camélias.**

A Melhor Bailarina — BEATRIZ CONSUELO



O mar juntou o melhor de suas águas nos olhos de Beatriz Sonsuelo, a linda bailarina premiada com medalha de ouro como a melhor de 52. Quis a Divina Providência que ela nascesse em Pôrto Alegre em 1931, onde fêz os cursos primário e secundário no Ginásio Batista-Americano. Já naquela época estudava «ballet» com Tony Seitz em prolongado curso. Do Rio Grande veio diretamente para o Teatro Municipal (1947) onde foi aprovada em concurso na qualidade de solista. Lutando sempre com as dificuldades próprias de um país que ainda não compreende bem a função artística e social da bailarina, conseguiu firmar seu nome como uma virtuose. Assim, depois de três anos de trabalho consecutivo foi aprovada em novo concurso transformando-se em Primeira Bailarina. Em 1948 fêz parte do Ballet Society, dirigido por Tatiana Leskova. Tem feito com regularidade as temporadas oficiais, chamadas de arte nacional. Dançou, fazendo os papéis principais, — o prelúdio «Silfides» e das Variações da Fada, o «ballet» «Bodas de Aurora». No último Festival do Rio de Janeiro (1952): «Pássaro Azul» de Tchaikowsky-Petipa, «Coppelia» de Delibes-Saint Léon, «Mascarade» de Katchaturian-Tatiana Leskova, no gênero modernista: as «Variações Sinfônicas» de César Franck com coreografia de Tatiana Leskova, e também o «Papagaio do Moleque» de Villa Lobos-Veltchek. Em fins de 1952 foi a São Paulo com um grupo chefiado por Tatiana Leskova e ali dançou — como primeira apresentação no Brasil, o famoso «ballet» de Jules Perrot (1845) — «Pas de Quatre», numa adaptação de Anton Dolin, feita sôbre gravuras da época. Além da viagem a São Paulo também foi dançar em Vitória, Salvador, Recife.

E' pena que nunca tenha saído do país. As rendas do Ballet são grandes. O público nunca falha. Por que então não reservar os fundos de uma temporada para custear a tão esperada viagem ao Velho-Mundo a êsse notável grupo de bailarinos e bailarinas que enobrecem as atividades do nosso Teatro Municipal? **Obra preferida: Romeu e Julieta (Tchaikowsky). Autor predileto: Debussy. Gostaria de dançar: «Romeu e Julieta».**

O Melhor Bailarino — DAVID DUPRÉ



DAVID Dupré, primeiro bailarino, nasceu em São Paulo (capital) aos 4 dias de maio de 1928. Fêz o curso primário no «Grupo Escolar Orestes Guimarães» (bairro do Pari) e um curso de comércio, estenografia do Carmo, famosa ladeira e correspondência na rua paulista que leva a gente para o Brcz. Cantou no rádio São Paulo, gênero lírico; primeiro foi barítono e depois tenor. Nessa época cantava a Canção do Aventureiro do «Guarani» e a Canção do Toreador da «Carmen». Em 1945 ingressou no Teatro Municipal de São Paulo, quando era auxiliar de coreógrafo Artur Ferreira. Fêz concurso em 1946 passando a solista sob a direção de Marília Franco. Em 1947 fêz novo concurso e obteve nova vitória, passando a primeiro bailarino. Assim continuou dois anos e veio para o Rio de Janeiro a convite de Tatiana Leskova, a fim de se integrar no Ballet Society (no Fênix). Depois desta temporada dançou com ela no Copacabana-Palace (1948). Veltcheck, a essa altura, organizou o Conjunto Coreográfico Brasileiro — «União das Operárias de Jesus» e com êle David Dupré continuou sua carreira. No Teatro Municipal de Niterói dançou (o que posteriormente repetiu no Municipal do Rio) a Tocata e Fuga de J. S. Bach. Depois de nova prova de habilitação, tendo como examinador o próprio Veltcheck e Miranda, da comissão artística, ficou definitivamente no Corpo de Baile do Municipal. Viajou pelo interior do Brasil. Como sua partenaire, Beatriz Consuelo, lamenta que não tenha podido ainda ir à Europa ou aos Estados Unidos, para fins de aperfeiçoamento técnico, pois, segundo sua opinião, o contato com os grandes centros culturais, onde o Ballet já alcançou plenamente sua função social, tem a vantagem de ilustrar a carreira de qualquer bailarino. Não basta fazer ginástica e assinar o ponto corretamente; é preciso arejar o espírito com o contato vivo com os grandes museus e os grandes teatros norte-americanso e europeus. Isso fica para a meditação e a consciência dos responsáveis pelos jovens que entregaram suas vidas à ingrata e maravilhosa arte da Dança. **Obra preferida: «Tema e Variações» (Balanchine). Coreógrafo predileto: Balanchine. Gostaria de dançar: «L'aprés Midi d'un Faune».**

O Melhor Cantor — ARMANDO ASSIS PACHECO



O cantor escolhido pela ABCT para o ano passado foi o tenor Armando Assis Pacheco, que nasceu em S. Paulo, na cidade de Itu, em 1914. Fêz os seus primeiros estudos no Ginásio do Estado e posteriormente o curso da Escola de belas Artes (pintura). Expôs em mais de um Salão Nacional, sendo premiado com menções honrosas, bem como outros prêmios em Salões Paulistas. Em São Paulo, como aluno de Francisco Murino, cursou, durante vários anos, o Conservatório Dramático e Musical. Cantou no côro de algumas igrejas de São Paulo, especialmente na paróquia de São José de Belém, onde, ouvido pelo Professor Francisco Murino, mereceu dêste o convite para aperfeiçoar a voz sob os seus cuidados. Mais tarde, como madrigalista, foi fundador do Coral Paulistano, no tempo do poeta Mário de Andrade. Em 1938 estreou no Teatro lírico cantando a «Boheme» no Teatro Santana. Passou depois por uma longa fase de canto coral, fazendo solos para a Missa de Réquiem de G. Verdi, sob a direção do Maestro Belardi. Cantou ainda a Nona Sinfonia de Beethoven, o Stabat Mater de Rossini e a Paixão segundo São João de J. Bach. Posteriormente, convidado por Pier Gile, cantou em companhia do barítono norte-americano Warren as óperas Traviata, Rigoletto, Mme. Butterfly, Lúcia de Lamermoor. Embarcando para Buenos Aires, tomou parte na temporada ao Ar Livre, que se realiza em janeiro, fevereiro e março de cada ano. Fêz ainda as temporadas oficiais do Rio e de São Paulo, cantou em Pôrto Alegre. E viajando para a Itália conheceu a vida lírica de Milão, Bolonha e Roma, cantando ali, em 1949, uma ópera inédita «Zélia» — de Ernesto Neglia. Fêz as duas temporadas oficiais de 1951 em São Paulo e no Rio de Janeiro. Armando Assis Pacheco teve ainda a glória de substituir Beniamino Gigli em Montevidéu, por ocasião de um impedimento do grande cantor italiano. E' muito jovem para já ter conseguido alcançar, depois de quatorze anos de lutas ininterruptas, a medalha de ouro como melhor cantor do ano. Os artistas nacionais são relegados a um plano de "amostra grátis" e por melhor voz que tenham, por melhor performance de que sejam capazes, nunca são devidamente considerados. Assim, pois, o tenor que alcança se impor, pelas suas qualidades técnicas e pelos dotes de personalidade, como o fêz Armando Assis Pacheco, merece o prêmio da medalha e ao mesmo tempo abre um precedente feliz para todos os seus companheiros de trabalho. **Obra preferida: Tosca. Autor predileto: Pucini. Papel que gostaria de representar: Mário Cavaradossi.**

A Melhor Cantora — DIVA PIERANTI



NASCEU no Distrito Federal, a 18 de março de 1930. Fêz seu curso primário na Escola Príncipe de Piemonte e o curso ginasial no Colégio Mallet Soares. Completou êsses estudos com cursos de idiomas — inglês, francês, italiano e alemão. De 1938 a 1940 estudou dança com a Olenewa. Começou sua carreira, ou antes, seus estudos de canto com a idade de treze anos. Cantando no côro do colégio foi ouvida por um menino de sua idade — Luis Roberto — suja mãe é a professôra Pina Monaco. Insistindo em levá-la até a sua casa, foi ouvida pela professôra. E' curiosa a particularidade de Diva ser filha de pais italianos. Estreou cantando a Boheme em 1948, teve como companheiros Nadir de Melo Couto e Ondino Righi. Fêz então a Temporada Nacional cantando o Barbeiro de Sevilha ao lado do barítono Paulo Fortes. Como prêmio foi à Europa, sempre em companhia de sua professôra Pina de Monaco. Posteriormente cantou na Temporada Oficial em companhia de Tagliavini e com a Pieta Cinari, Poggi e Rosselemini, a Fedora e o Barbeiro de Sevilha. Teve como regentes o maestro Tullio Serafim, maestro Guerra e Emídio Tieri. Tem a seu favor um curriculum vitae extraordinário para sua idade: cantou no Teatro Nuovo, em Milão; no Teatro Petrucelli, em Bari; no Teatro Carlo Felice, em Gênova; na Ópera de Nice; cantou em Lyon, em Bordeaux em diversos concertos de música de camera e pera. Em 1951 cantou com Beniamino Gigli e Helena Niclai a "Fedora". Fêz ainda tournée nacional viajando para Recife, Pôrto-Alegre, Belo Horizonte. Apesar dessa extraordinária carreira, que é um índice de seu talento, em 1953 não tomou parte na temporada. Houve nesse período, tal como nos mesmos fomos testemunhas, ouvindo um programa de televisão, uma polêmica entre os artistas nacionais preteridos e os empresários que supervalorizam os estrangeiros só por essa condição. Atualmente Diva Piranti ensaia "Matrimônio em Segrêdo", ópera cômica de Cimarosa. Planeja viajar atendendo a várias propostas estrangeiras que ainda está estudando. Pretende casar. —

Quase sempre o casamento de um artista traz embaraços à carreira, salvo quando se dá entre família, isto é, entre artistas do mesmo gênero. Aí, então quem mais lucra é o público. Mas, se o "conjugo vobis" de uma "estrêla" é com um cidadão de outros ares, é o fim de uma carreira artística. Que case a grande cantora, mas sem privar-nos de suas glórias.
Ópera preferida: «Sonâmbula». Autor predileto: Bellini. Gostaria de cantar: «Manon».

Revelação de Atriz — FERNANDA MONTENEGRO



NASCEU no Distrito Federal (S. Cristóvão) em 1929. Fêz seu curso primário em diversos colégios públicos. Cursou também o Ginásio Santa Cecília. Freqüentou o Curso Berlitz (inglês e francês). Tem também o curso de Secretariado. Foi durante algum tempo redatora do Rádio Ministério da Educação, participando em programas literários. Estreou na Temporada Carioca de Comédias, emprêsa de Maria Jacinta, dirigida por Ester Leão. Nessa ocasião teve desempenho em «Altitude 3.200», de Lucien Luchaire. No programa «História do Teatro Universal» trabalha na TV. Já fêz ali vários papéis, entre os quais os mais salientes foram em «Antígona», de Sófocles, «Um Chapéu de Palha de Florença», de Labiche, e a «Dama das Camélias», de Alexandre Dumas Filho. No Serrador, fêz o papel destacado em «Está lá fora um Inspetor», a notável peça de J. B. Priestley, em companhia de João Villaret, em quem reconhece qualidades de ator. Sua estréia como amadora deu-se, indiretamente, graças à intervenção de nosso companheiro de trabalho, Edmundo Lys. Comandava êle, então, um programa de incentivo às colegiais que quisessem participar na literatura, através dos microfones da Rádio Ministério da Educação. Atuando nesse programa, conheceu a atriz Nelly Rodrigues, que a convidou para fazer um pequeno papel na comédia «Nossa Natacha», encenada pelos alunos da Faculdade de Direito. Tomou gôsto e depois entrou diretamente para o grêmio dos atores profissionais. Em palestra disse Fernanda Montenegro (que está noiva) que admira Procópio como o primeiro do teatro nacional. Que seu grande desejo é ser dirigida por Mme. Morineau, que deseja viajar, mesmo sem ganhar dinheiro e que pretende trabalhar sempre no teatro «de maneira honesta, limpa, sincera, humilde, dando o melhor de si mesma». Gosta de música, poesia e cinema. E' jovem, Fernanda Montenegro. Terá muito que ver, mas acreditamos que sua perseverança no mundo mágico e terrível do palco poderá passar de revelação de atriz para atriz consumada. **Sua obra preferida: Hamlet. Seu autor predileto: Shakespeare. Papel que mais gostaria de representar: Nenhum, de modo espcial.**

Revelação de Dir. — PASCOAL CARLOS MAGNO



ÊSTE prêmio dado a Pascoal até parece o descobrimento da pólvora. Se se trata de revelação, já é uma revelação seródia, porque Pascoal é o homem que bais abertamente vem se batendo pelo teatro em tôdas as suas manifestações. Êle é pai e avó de muita gente que hoje conseguiu acreditar-se como gente de teatro. Enfim, mais um prêmio. E a puro pretexto. Isto é, querem premiar Pascoal (e fazem bem) daí que inventaram essa «revelação» de alguém já super-revelado.
P. C. M. nasceu a 13 de janeiro de 1906, na rua do Catete, filho de pais italianos. Freqüentou a escola primária da mestra e poetisa Dona Leonor Posada e depois foi matriculado no Ginásio São Bento. Teve uma infância atribulada por uma anemia perniciosa. Curou-se. Foi aluno do Curso Propedêutico do Instituto Superior de Preparatórios. Formou-se pela Faculdade Nacional de Direito. Sua primeira peça foi escrita para a Cia. de Chatelet que funcionava no João Caetano. Aos 14 anos (imaginem se temos razão quando achamos tardia a descoberta da ABCT) escreveu «A Tormenta» para Itália Fausta, quando esta era dirigida por Gomes Cardim. Em 1930 é premiado pela Academia Brasileira, com «Pierrot», encenada por Jaime Costa. Em 1929 funda a "Casa do Estudante do Brasil". Em 1933 entra para o serviço diplomático. Vice-cônsul do Brasil em Manchester (Inglaterra). Consulado Geral em Londres. Depois Liverpool. Novamente em Londres em 1937, como Segundo Secretário. Encarregado de Negócios do Brasil junto à Noruega e Tchecoslováquia. De 1937 a 39 diretor da Biblioteca do Itamarati. Assessor do Brasil junto à Unesco. Publica na Inglaterra "Sol sôbre as Palmeiras". Em 1945, no Lindsay Theater é levada à cena sua peça "Amanhã será diferente". A peça é levada na Suécia, Finlândia, Noruega e Dinamarca. No Rio, Graça Melo levou a peça e mais «Seremos sempre crianças» pela Cia. Alma Flora. Em 1952 funda em Santa Teresa o «Teatro Duse», que se destina a apresentação de autores novos. O Teatro do Estudante do Paraná criou um prêmio — «Pascoal» — com sua figura em traje de Hamlet. **Obra preferida: «Hamlet». Autor predileto: Shakespeare. Gostaria de dirigir: «Henrique IV», de Pirandello.**



Melhor Diretor de Teatro Musicado

— GEYSA BOSCOLI

NASCEU no Rio de Janeiro a 24 de janeiro de 1907, na rua Leite Leal. Fêz os seus primeiros estudos, primário e ginasial no Ateneu Bôscoli, sob a direção de seu pai — professor José Ventura Teve, como colega de turma o deputado Afonso Arinos Bôscoli. Foi revisor do «Jornal do Comércio» e matriculou-se na Faculdade de Direito (Catete) em 1927. de Melo Franco. Ainda como estudante dedicou-se ao teatro levado por seu irmão Jardel. Começou como secretário da Cia. Tro-Ló-Ló, que inaugurou o teatro Glória em outubro de 1925. Sua estréia como autor deu-se ainda na Cia. Jardel com a peça «Pó de Arroz», no Teatro Lírico (demolido). Isto foi em abril de 1927. Geysa Bôscoli é autor de 78 peças ao longo de vinte e cinco anos de atividade. Na sua bagagem literária conta ainda com a comédia «A Estação das Aguias» e ainda duas traduções: — «Ciúme», sucesso de Procópio, e «Quando Foge a Mocidade», de Rafael Samsom, peça levada à cena por Dulcina. A burleta «Gandaia», cuja partitura foi feita em companhia de Custódio Mesquita, mereceu a menção honrosa do Ministério da Educação. Trabalhou também com Luís Peixoto, Luís Iglésias, Jardel Jércolis, Guilherme de Figueiredo. Recorda como seu grande êxito — «Miss França». Em 1948 conquistou a Medalha de Ouro como o melhor produtor.

Os nomes de suas revistas de mais sucesso são: «Rio — Paris», «Você quer é carinho», «Tá Gozado!», «Barca da Cantareira», «Bonde da Light», «Momo na Fila», «Canta Brasil», «Beijos, Abraços, Amor», «Escândalos de 1951», com Bibi Ferreira, e «Fiu-Fiu!», com a qual fêz a inauguração do Teatrinho Jardel. Com Renata Frônzi: «Olha a Boa!» e «Coroa do Rei». Geysa Bôscoli é o criador do teatro musicado dos bairros. O chamado «teatro de bôlso», que a princípio pareceu a todos destinado ao fracasso, porém hoje plenamente vitorioso. Sendo o Teatrinho Jardel o pioneiro do gênero, cujo nome é uma homenagem a seu irmão, homem de vida inteiramente dedicada ao teatro musicado. Em Portugal, nos teatros de Lisboa ainda hoje usa-se a iluminação «à Jercólis». — **Obra preferida: «Miss França». Autor predileto: Equipe francesa de revista. Obra que gostaria de dirigir: A que ainda vai montar no estilo de antologia de autores.**

Melhor Partitura — LAURA FIGUEIREDO



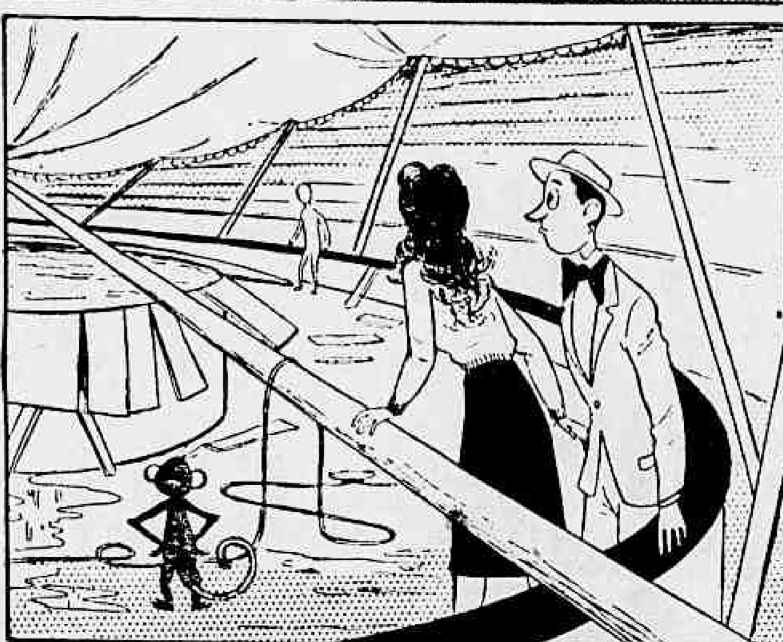
COUBE a Medalha de Ouro para a melhor partitura musical a Laura Figueiredo, que se vê premiada pela segunda vez. E' mineira, nasceu em Teófilo Otôni, onde fêz seu curso primário. O secundário no Regina Coeli e o curso de música no Sagrado Coração de Jesus. Aluna de Letícia Otôni Horta fêz curso de piano. Estudou canto com Alice Rezende. Completou seus estudos com aulas de Composição, Harmonia, Contraponto e Fuga no Conservatório Brasileiro de Música, com o professor Newton Paiva e orquestração com o maestro Guilherme Motto. Começou sua carreira musical compondo música popular (sambas, marchas, foxes e canções) nessa ocasião teve como coadjuvantes Fernando Barreto e Sílvio Vieira. Seu primeiro «ballet» de envergadura foi «Iracema», estreado no Municipal em 1947. Dois anos depois recebeu a medalha de ouro — prêmio de revelação. Durante o tempo em que estudava no Conservatório Brasileiro, compôs a «Lenda das Amazonas», que se divide em duas partes: «Icamiabas» e «Muiraquitã». São também de sua autoria as «Suites Coreográficas», «O Caçador Feliz» e «O Hábil Pescador», inspiradas em lendas chinesas e compostas em escola pentafônica chinesa. Com inspiração em um livro de Afonso Arinos de Melo Franco («Lendas e Tradições Brasileiras») escreveu «O Irmão e a Irmã». Tomando por temática apresentar a variedade de borboletas brasileiras, tomou o nome de uma delas — a Corcovado — e compôs uma fantasia coreográfica que tomou o nome de «Anaxíbia», (classificação de Lineu para a borboleta Corcovado, a azul). Com libreto de Waldemar Peixoto escreveu ainda «A Camponesa e o Espantalho». Tem em curso um Album — «Brasil poético e musical», que é um trabalho publicado em série. Trata-se de encontrar um fundo musical adequado aos poemas brasileiros. Conta em sua bagagem musical com composições várias para piano, violoncelo. Para piano: «Lenda do Bôto» e «Uirapuru» para violoncelo, executados em Buenos Aires, no Teatro Colon, por Cristina Maristany e Iberê Gomes Grosso, «Vela Branca», motivo praieiro com versos de Adelmar Tavares e «A Sertaneja», da «Suite Brasileira». Atualmente, Laura Figueiredo faz trabalho sôbre a Divina Comédia. E para finalizar, assinalar o fto inedito de ser êste prêmio o primeiro dado a uma mulher, não só no Brasil mas em todo o mundo. **Obra preferida: «Pagenizi». Autor Predileto: List. Gostaria de compor partitura para: «Divina Comédia».**

Melhor Cenógrafo — PERNAMBUCO DE OLIVEIRA



O prêmio de medalha de ouro para o melhor cenógrafo de 1952 foi concedido a Pernambuco de Oliveira, que nasceu em Olinda, em 1924. Seus primeiros estudos foram feitos no Externato Paulista em Copacabana. Matriculou-se na Fac. de Direito onde estudou até o 3.° ano. Em 42 terminou o C.P.O.R. Estudou desenho com Osvaldo Teixeira e durante três anos consecutivos com Carlos Chambelland. Principiou sua carreira como ilustrador, tendo trabalhado para várias revistas e jornais. Ilustrou também um livro de Ana Amélia Carneiro de Mendonça. Expôs no Salão Nacional onde conquistou menções honrosas com quadros a óleo e uma medalha de bronze. De 1946 a 1948 fêz um curso de cenografia, costumes históricos e figurinos. Colaborou com o Teatro do Estudante do Brasil para o qual fêz cenários e figurinos: "Hamlet", "Inês de Castro" e "Vestir os nus" de Pirandello. Também fêz teatro infantil com Pedro Veiga ("Teatro da Carochinha"). Nessa ocasião estreou também como autor. Sua peça chama-se "A Revolta dos Brinquedos". Por ocasião do festival Shakespeare do Teatro do Estudante trabalhou na decoração e vestuário de "Macbeth" (1949). Viajou para o norte e posteriormente São Paulo, Santos, Campinas, Juiz de Fora. Também fêz viagens ao estrangeiro indo à Argentina, Uruguai, Chile, Peru, Paraguai. Com Bibi Ferreira trabalhou como figurinista, diretor de cena e cenógrafo em "Beija-me e Verás", "Escândlos 1951» (revista). Com a comédia «A Herdeira» recebeu elogios do crítico Victor Kraft, do Old Vic, que já conhecia a versão original representada em Londres e em Nova York. Neste ano começou a trabalhar na TV. Ali, o gênero teatro é resumido e o trabalho de cenografia obedece a uma técnica diferente, isto é, há um acúmulo de serviço para poder manter o ritmo da produção de peças que são quase diárias. O programa "História do Teatro Universal" lhe deu a oportunidade de aperfeiçoar o ofício de cenógrafo obrigando-o a uma produção quase improvisada. À margem dêsse trabalho, Pernambuco de Oliveira faz cenários para Morineau, Procópio, Aimée, Jaime Costa e o teatro infantil de Lúcia Benedetti — "Josefina e o Ladrão". E' um homem de grande capacidade de produção. Seu trabalho mais recente foi a decoração do Teatro Duse, onde também atuou como diretor de «Lázaro». **Obra preferida: Macbeth». Autor predileto: Shakespeare. Gostaria de decorar: «Pelleas e Mélisande».**

ARABELLE a última sereia


Guiada pelo macaquinho Kouki, Arabelle encontra, afinal, o seu "empresário", Flor Azul, a dormir, calmamente, sob as penas de uma avestruz.

Satisfeita pelo fato de nenhum dos seus amigos ter sido vítima da catástrofe, Arabelle percorre o circo e vê o estado em que ficara. O mastro desabado, atingira em cheio a piscina.

Em certo lugar do circo, êles vêem passar Conchita, numa padiola, para o hospital. A rival de Arabelle murmura: "Foi Arabelle a causadora de tudo isto, a Sereia..." Mas Arabelle também escapou da morte.







Dois policiais ouviram a declaracção feita por Conchita, enquanto delirava, e, suspeitando da situação, começaram a dar buscas no circo, para detê-la.

Percebendo o perigo e um incêndio que começava a lavrar no circo, Arabelle, Flor Azul e o macaco procuram dar o fora.

Flor Azul empurra Arabelle para um recanto já afastado do circo, ao ouvir passos perto. Com certeza seria a polícia perseguindo-os.

Mas não era a polícia, e sim um velhinho de longos bigodes brancos, e que ia dizendo em voz baixa: "Arabelle! E' a ela que desejo falar! Arabelle!"





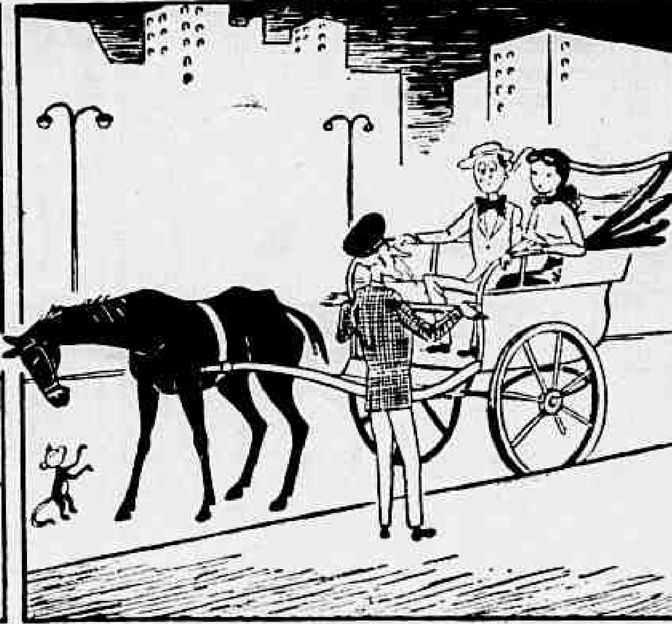

Flor Azul procura proteger com seu corpo o de Arabelle, toma a dianteira e saindo da sombra interroga o desconhecido.

"Eu venho do mar, de muito longe — diz o estranho homem — trago uma mensagem para ela, e sòmente a Arabelle posso dar."

"Mas, como sabe que Arabelle está aqui?" — Interrogou, julgando tratar-se de um agente policial, ou de algum maníaco.

Arabelle, curiosa, se aproxima. O velhinho, ao vê-la, se precipita para ela, e, ajoelhando-se aos seus pés, exclama: "Arabelle! Eu sabia que a encontrava! ..."







E continuou: "Estava escrito nos livros. Chamo-me Pedro. Sou pescador. Só lhe revelarei meu segrêdo, se acompanhar-me para fora daqui."

Como Flor Azul e Arabelle estavam ansiosos por deixar a cidade, aceitaram a idéia do pescador e o acompanharam.

Uma velha charreta, puxada por um cavalo mais ou menos da idade do seu dono, os recebeu, inclusive a Kouki, o macaquinho, e lá se foram para Acapulco.

A charreta não se detém na bela praia mexicana e atravessa a cidade em marcha acelerada. Para onde os levava aquêle velho misterioso? ...

História de VANIA LAUREZ — Desenhos de JEAN ACHE

A SEMANA ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO, ENTRE 4 E 10 DE ABRIL DE 1953.

Se o leitor nasceu sob o signo do:

CARNEIRO (21/9-20/10) — A semana não lhe será favorável. O astro que o domina, sofrerá uma série de aspectos inarmônicos, incidindo sôbre os negócios e sôbre a vida conjugal.

TOURO (21/10-20/11) — Os sete dias da semana agora iniciada, favorecerão suas iniciativas e lhe trarão surprêsas agradáveis. Pode tomar as iniciativas que entender.

GÊMEOS (21/11-22/12) — Uma semana de relativas dificuldades terão, agora, os natos do signo dos Gêmeos. Se seguirem as próprias idéias, terão prejuizos certos e bem sensiveis. Maus negócios.

CÂNCER (23/12-20/1) — O ambiente da semana não movimentará os negócios. E' melhor ficar na espectativa, pois, qualquer iniciativa, com objetivo de lucro, será contraproducente.

LEÃO (21/1-20/2) — O momento é de chance na vida conjugal, nos negócios e nas aspirações. Os sexos estão em harmonia, proporcionando atividades sentimentais as mais felizes.

VIRGEM (21/2-22/3) — A semana ainda não o ajudará eficientemente. Suas reações ainda não são prejudiciais ao êxito dos seus empreendimentos, sendo aconselhável o máximo de prudência nas ações com fins utilitários.

LIBRA (23/3-20/4) — Há um evidente desequilibrio no seu meio astral. Não inicie viagem, pois estará sujeito a acidentes. Os negócios modestos poderão ser feitos com êxito.

ESCORPIÃO (21/4-20/5) — O seu ambiente é de harmonia em relação às autoridades e ao sexo oposto. A semana favorece os casamentos, as declarações de noivado e as assinaturas de contratos para fins industriais ou comerciais.

SAGITÁRIO (21/5-23/6) — A semana propicia as pequenas viagens e as atividades sociais. Uma visita inesperada lhe dará despesas e aborrecimentos, provocando atritos no lar.

CAPRICÓRNIO (24/6-22/7) — O seu ambiente lhe proporcionará tôda sorte de apoio de que tiver necessidade. O advogado ou o médico exorbitarão, no seu caso, cobrando muito além do devido. Não há como evitá-los.

AQUÁRIO (23/7-21/8) — O clima astral, no seu caso, está estabilisado. Não há perigo de insucesso, nesta semana, podendo empreender o que desejar, certo do êxito.

PEIXES (22/8-20/9) — Os sete dias desta semana o estimularão extraordinàriamente. Aproveita a chanche que os astros lhe vão dar, procurando dar corpo às suas idéias. Ponha em execução os seus projetos...

OS NOMES DA SEMANA:

Abril	4	Bernardo — Clementina
"	5	Dalmácio — Geralda
"	6	Henrique — Dionisia
"	7	Ambrósio — Ambrosina
"	8	Mário — Leónia
"	9	Leonardo — Joana
"	10	Melquiades — Eulália

A MARCHA E A POSIÇÃO DO SOL

(Efeméride da Semana)
Meio-dia de Greenwich

Abril	4	— 14º25' 1"	(Signo do Carn.)
"	5	— 15º24' 4"	(" " ")
"	6	— 16º23' 6"	(" " ")
"	7	— 17º22' 6"	(" " ")
"	8	— 18º21' 4"	(" " ")
"	9	— 19º20' 0"	(" " ")
"	10	— 20º18'55"	(

JANELA SOB



DURO TREINO — Esta jovem de olhar romântico e formas esculturais, chama-se Olive Leon. Tem apenas dezessete primaveras; mas, apesar disso, entrega-se a exercícios pesados, em Kinder Scout, Derbyshire, Inglaterra, trepando em árvores, estirando os músculos, distendendo os membros, fazendo malabarismos com o corpo sob as vistas de técnicos. Para que tudo isso? para ser aproveitada como «stunt girl» (saco de pancada, mais ou menos) em filmes nos quais há umas jovens que sofrem socos, quedas, estrangulamentos, o diabo a catorze. A vida não está sopa, e até estas beldades de corpo lindo e feições angélicas, para viver, têm que comer jirumba. Qual! Êste mundo está mesmo de pernas para o ar, gente!

● PRESTOU a Universidade de Princeton carinhosa homenagem ao sábio matemático Einstein, que completou 74 anos. Durante o almoço, que lhe foi oferecido, foi anunciado que a nova escola de Medicina daquela Universidade terá o seu nome. Ao agradecer disse Einstein, que a sua vocação para a Ciência se revelou aos 5 anos, quando teve a curiosidade de observar uma bússola. Mais tarde se afeiçoou ao estudo da geometria plana. Depois o grande sábio fêz menção à sua teoria do «campo unificado», que até hoje, diz Einstein — não foi possível resolver o mistério: «ligar a gravitação e a eletricidade a uma nova lei única que se aplique tanto ao interior do átomo como ao universo, uma lei de física que se aplique a tôda a sorte de fatos».

● O EX-SOBERANO do país dos Faraós, dirigiu dramática carta à sua espôsa que também abdicou de sua soberania... «volte para mim», pede Farouk a Narriman. Mas, a ex-rainha do Egito e ex-espôsa do ex-senhor do Nilo, não dá bola. «Oh! Narriman, choraminga Farouk, na plangente epístola, seja o que fôr o que possam dizer ou fazer os chamados reconstrutores do Egito, recorda-te de que sou e serei sempre feliz, sempre que tiveres a coragem de voltar para mim...» Enquanto isto, Naguib dá ordens à Legação do Egito em Genebra, para que conceda o visto à princesa Narriman e lhe proporcione tôdas as facilidades para voltar ao Egito. A ex-rainha será tratada como cidadã comum no Egito, devendo residir em Heliópolis.

JOAQUIM NABUCO — Foi uma das maiores figuras do Brasil e mesmo das Américas. Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo, poeta, filósofo, pensador, grande tribuno, historiador, diplomata dos mais completos, jornalista perfeito, uma vez, referindo-se aos «Sertões», de Euclides da Cunha, que acabavam de sair à lume, disse: «Euclides é um grande escritor; mas é pena que escreva com cipó...». Aludia êle ao estilo retorcido e muitas vêzes impenetrável da maior obra da literatura nacional, até hoje. Não foi, porém, êsse conceito que veio a causar no Brasil espanto geral. A afirmativa de Nabuco que estarreceu o país inteiro, veio de um discurso que pronunciou certa vez: «E' mil vêzes preferível um juiz venal, mas instruído, a um juiz honesto, mas ignorante!»

RE O MUNDO

PUXE PÊLO CEREBRC

A ANEDOTA ILUSTRADA

O QUE RELEMBRA ESTA FIGURA?



Recorda o encontro que teve Bilac com um casal amigo e seu filho menor. Bilac, depois de procurar um banco vazio num dos jardins da cidade, encontrou um e nêle se sentou. No banco vizinho estava um casal de suas relações, com o filhinho que, vendo o poeta, correu para êle. Olavo Bilac, que gostava muito de criança, pegou o garotinho, fêz-lhe festa, mas, inesperadamente, deixou-o no chão, escreveu qualquer coisa numa fôlha de papel e deixou-a no banco, retirando-se apressadamente. Os pais da criança foram ver o que estava no bilhete e leram:

Criança bonita e meiga,
Para os pais: anjo celeste;
Para os outros: uma peste,
Que emporcalha de manteiga
As calças que a gente veste!

QUEM DISSE ISTO?

1 *Morro como vivi, acima de minhas posses.*

2 *Ninguém se deve afligir por não ser conhecido dos homens, mas sim por não conhecê-los.*

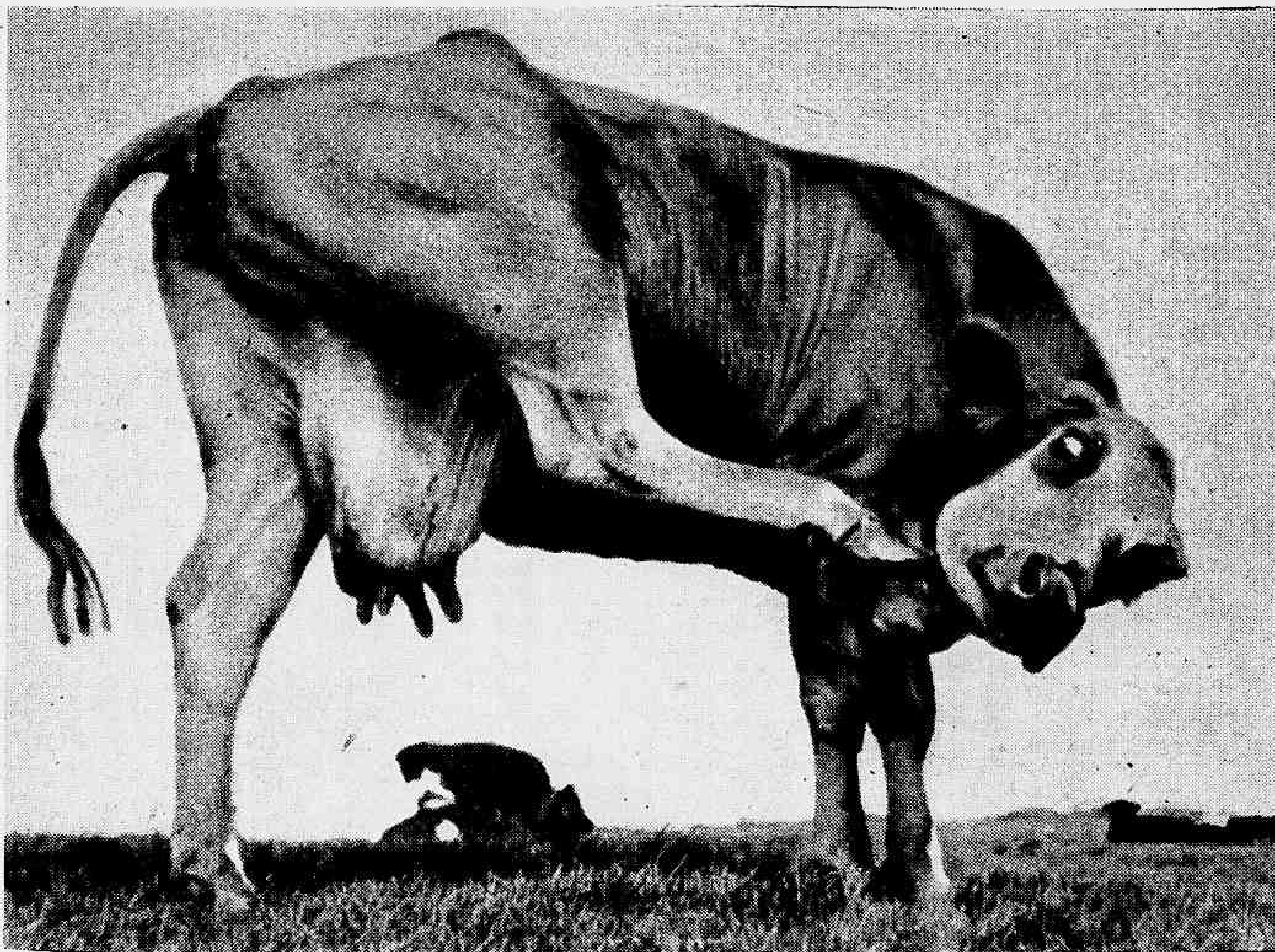
3 *Deixai vir a mim as crianças.*

4 *As conspirações no Oriente foram provocadas pelas profecias.*

5 *Sou monarquista, não ne envolvo nisto. Só voto em "branco".*

(Respostas na página 42)

● NO MUNDO atual desapareceram os chamados estados pequenos. Tôdas as nações são grandes perante o Direito Internacional. O mito da raça forte também desapareceu. O mundo de após-guerra encontra na reconstrução o climax ideal. Nações outrora ignoradas, hoje fazem parte ativa da comunidade internacional. Trabalham, opinam e colaboram na gigantesca obra de aproximação humana. E' o caso da Dinamarca. Gloriosa nação de grandes tradições, hoje se avantaja pelas suas realizações, chegando a rivalizar com as maiores pátrias. A Física moderna está muito adiantada na Dinamarca. O Estado dinamarquês pôs 200.000 coroas à disposição do físico dinamarquês Nielsbohr para lhe permitir prosseguir seus estudos nucleares e cósmicos. E a Dinamarca, assim, coopera para o mundo de amanhã.



ELEGÂNCIA DA VACA — Saibam todos que uma vaca se deita, em média, nove vêzes em vinte e quatro horas, rumina seis horas e um quarto e o resto repousa e dorme. Quando é mãe, aleita o bebé durante quinze minutos, três vêzes ao dia, com oito horas de intervalos, sem qualquer receita firmada por pediatras. O mais curioso, entretanto, é que uma vaca quando fica a mover o maxilar inferior naquele monótono movimento de ruminação, executa tal mastigação por 40 mil vêzes, num dia. Dizem que o «chewing-gum» foi uma inspiração das queixadas de uma vaca. Com certeza ela não exigiu indenização pela apropriação indébita, pois é de uma raça educada, tolerante e capaz de belas poses elegantes e estéticas, como vemos aqui.

NOSSA COLUNA DE TESTES

1—Que nome se dá no nordeste às primeiras vegetações rasteiras que nascem na terra após as primeiras chuvas:
— Babugem?
— Periperi?
— Jurubeba?

2—Qual o nome científico de xique-xique:
— Cereus mandacarus?
— Cereus squamosus?
— Cereus setosus?

3—Em que cidade nasceu a estrêla do cinema, Claudette Colbert:
— Paris?
— Bruxelas?
— Nova York?

4—Qual o país cujo hino nacional tem o nome de "Star Spangled Banner":
— Inglaterra?
— Os Estados Unidos?
— A Austrália?

5—De onde vem o nome de Botafogo, dado ao velho bairro carioca:
— De Manuel Bota de Fogo?
— De João Pereira de Sousa Botafogo?
— Do nome de um vagalume?

6—Em que Estado houve um movimento para libertar Napoleão da ilha de Santa Helena, trazendo-o para o Brasil:
— No Rio Grande do Sul?
— No Ceará?
— Em Pernambuco?

7—Qual o primeiro Prefeito do Distrito Federal na era republicana:
— Cândido Barata Ribeiro?
— Henrique Valadares?
— Ubaldino do Amaral?

8—Qual o Prefeito carioca que mais tempo se manteve na Prefeitura:
— Mendes de Morais?
— Pereira Passos?
— Henrique Dodsworth?

9—Quanto custou o grandioso monumento a Pedro II, na ex-Praça Tiradentes, hoje da Independência?
— Cr$ 334.710,00?
— Cr$ 881.900,00?
— Mais de um milhão de cruzeiros?

10—Quantos habitantes possui a ilha Formosa, sede do govêrno nacionalista chinês:
— 22 milhões?
— 15 milhões e meio?
— Pouco mais de 6 milhões?

11—A quem se deve o obelisco da Avenida:
— Subscrição pública?
— Oferta da colônia portuguêsa?
— Oferta da firma A. Jannuzzi, Irmãos & Cia.?

12—De onde procedeu o bloco de granito do obelisco da Avenida:
— Da pedra da Gávea?
— Do Morro da Viúva?
— De uma pedra do pico da Tijuca?

13—Que nome se deu à primeira locomotiva inaugurada no Brasil:
— Baronesa?
— D. Leopoldina?
— D. Pedro II?

14—Quem foi o criador do Museu Nacional:
— D. João VI?
— D. Luís de Vasconcelos e Sousa, 4º vice-rei do Brasil?
— O Presidente Afonso Pena?

15—Em que Estado foi descoberto o famoso meteorito do "Bendengó", exposto à entrada do Museu Nacional na Quinta da Boa Vista:
— Mato Grosso?
— Rio Grande do Sul?
— Bahia?

Resposta 0: estado primitivo — Homem-macaco.
De 1 a 3: cultura inferior — Selvagem.
De 4 a 6: cultura média — Estudante ginasial.
De 7 a 11: cultura superior — Universitário.
De 12 a 14: um sábio.
Tôdas as 15: um gênio em pessoa.

(Respostas na pág. 42)

PASSATEMPO

LIDERGRAMA N.º 42

	Conceitos							
A	Maneira de viver; dieta →	92	29	2	137	14	75	■
B	Rendimento paroquial; lucro gratuito →	48	32	18	78	28	129	119
C	Certificam; dão atestados →	1	12	133	54	34	72	61
D	Mofaram; escarneceram →	5	125	98	66	47	■	■
E	Iludem no jôgo, aparentando ter boas cartas →	110	8	27	69	73	85	■
F	Modo de ver; parecer →	94	24	13	63	84	51	31
G	Agarra; prende; firma →	60	20	10	101	132	7	■
H	Referir-se; fazer alusão →	100	58	3	26	86	112	■
I	Penetrem; passem para dentro →	35	21	127	115	70	44	■
J	Abano com varetas para agitar o ar →	74	17	117	135	68	■	■
K	Inflamação do ouvido →	41	19	128	93	65	■	■
L	Mímica; semblante →	106	43	79	87	23	■	■
M	Intimo; que está no lugar mais fundo →	49	76	25	■	■	■	■
N	Discursam; rezam →	109	36	122	130	■	■	■
O	Preposição indicativa de falta, ausência →	71	62	37	■	■	■	■
P	Arreios; jaez →	105	57	97	30	116	80	■
Q	Móvel para pendurar roupas, chapéus, etc. →	50	138	113	40	67	81	■
R	Segunda vértebra cervical →	46	33	99	82	■	■	■
S	Abomino; odeio →	77	9	64	107	89	123	131
T	Ligação; gavinha →	59	83	120	■	■	■	■
U	Fortificares; municiares →	56	118	39	11	124	88	95
V	Predominam; governam como soberanos de impérios →	55	16	121	91	6	45	102
W	Bebida feita com água adoçada com xarope de frutas →	90	111	134	38	104	53	■
X	Lese; injurie; magoe →	52	103	4	42	136	15	■
Y	Grande sala →	96	114	108	22	126	■	■

EXPLICAÇÃO: — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra em uma casa; depois se transportam para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras e, no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, leremos um trecho da obra referida. As casas pretas separam as palavras e indicam a pontuação.

C 1	■	A 2	H 3	X 4	D 5	V 6	G 7	■ ,	E 8	S 9	G 10	U 11
C 12	F 13	A 14	X 15	V 16	J 17	B 18	K 19	G 20	■ ,	I 21	Y 22	L 23
■	F 24	M 25	H 26	E 27	■	B 28	A 29	P 30	■	F 31	■	B 32
R 33	C 34	I 35	N 36	O 37	W 38	U 39	Q 40	K 41	■ ,	X 42	L 43	I 44
■	V 45	■	R 46	D 47	B 48	M 49	Q 50	F 51	X 52	■ :	W 53	■
C 54	V 55	U 56	P 57	H 58	T 59	G 60	C 61	O 62	F 63	S 64	K 65	■
D 66	■	Q 67	J 68	E 69	I 70	O 71	C 72	■ .	E 73	J 74	A 75	M 76
■	S 77	B 78	L 79	P 80	Q 81	R 82	■	T 83	F 84	E 85	H 86	L 87
U 88	S 89	■	W 90	V 91	A 92	K 93	F 94	U 95	■ ,	Y 96	P 97	D 98
R 99	H 100	■	G 101	V 102	■	X 103	W 104	P 105	L 106	S 107	Y 108	N 109
■	E 110	W 111	H 112	Q 113	Y 114	I 115	P 116	■ ,	J 117	U 118	B 119	■
T 120	■	V 121	N 122	S 123	U 124	D 125	Y 126	I 127	K 128	B 129	N 130	S 131
■ .	G 132	C 133	W 134	J 135	X 136	A 137	Q 138	■	■	Otaner-Rio		

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA Nº 47 — BERNARDES. NOVA FLORESTA. "Tudo pode o trabalho junto com a constância. E senão tiveres constância no trabalho de adquirir as virtudes, não lograrás a glória de seus frutos".

O JARDINEIRO

(Cont. da pág. 11)

suspeitados? Quantas vêzes não depôs na mesa, sôbre um prato, um aviso a um hóspede, um lembrete à patroa, uma censura ao senhor, compôsto sob a forma dum ramalhete? Ignorantes da língua do jardim riam-se êles da maluquice do Timóteo, incapazes de lhe alcançar o fino das intenções.

Timóteo era feliz. Raras criaturas realizam na vida mais formoso delírio de poeta. Sem família, criara uma família, de flores; pobre, vivia ao pé de um tesouro.

Era feliz, sim. Trabalhava por amor, conversando com a terra e as plantas — embora a copa e a cozinha se implicassem com aquilo.

— Que tanto resmugava o Timóteo? Fica ali, mamparreando horas a cochichar, a rir, como se estivesse no meio duma criançada...

E' que na sua imaginação as flores se transfiguravam em sêres vivos. Tinham casa, olhos, ouvidos... O jasmim do Cabo, pois não é que lhe dava a benção tôdas as manhãs? Mal Timóteo aparecia, murmurando, «A bênção, Sinhô», e já o velho, encarnado na planta, respondia com voz alegre: «Deus te abençõe, Timóteo».

Contar isso aos outros? Nunca! «Está louco!» haviam de dizer. Mas bem que as plantinhas falavam...

— E como não hão de falar, se tudo é criatura de Deus, hom'essa!...

Também dialogava com elas.

— Contentinha, hein? Boa chuva a de ontem, não?

— ...

— Sim, lá isso é verdade. As chuvas miúdas são mais criadeiras, mas você bem sabe que não é tempo. E o grilo? Voltou?, sim o ladrão... E aqui roeu mais esta folhinha... Mas deixe estar, que eu curo êle! E punha-se a procurar o grilo. Achava-o.

— Seu malfeitor!!... Quero ver se continua agora a judiar das minhas flores...

Matava-o, enterrava-o. «Vira estêrco, diabinho!»

Pelo tempo da sêca era um regalo ver Timóteo a chuviscar amorosamente sôbre as flores com o seu velho regador.

— O sol seca a terra? Bobice... Como se o Timóteo não estivesse aqui de «chovedor» na mão.

— Chega, também, ué! Então quer sòzinho um regador inteiro? Boa moda! Não vê que as esporinhas estão com a língua de fora?

— Esta bôca-de-leão, ah! ah! está mesmo com uma bôca de cachorro que correu veado? Tome lá, beba, beba!

— E você também, seu resedá, tome lá seu banho pr'a depois namorar aquela dona hortência, moça bonita do «zóio azul...»

E lá ia...

Plantas novas que abrolhavam o primeiro botão punham alvorôço de noivo no peito do poeta, que falava do acontecimento na copa, provocando as risadinhas impertinentes da Cesária.

— Diabo do negro velho, cada vez caducando mais! Conversa com flor como se flor fôsse gente.

Só a moça, com seu fino instinto de mulher, lhe compreendia as delicadezas do coração.

— Está aqui, Sinhá, a primeira rainha-margarida dêste ano!

Ela fingia-se extasiada e punha a flor no corpete.

— Que beleza!

E Timóteo ria-se, feliz, feliz...

Certa vez falou-se na reforma do jardim.

—Precisamos mudar isto — lembrou o moço, de volta dum passeio a S. Paulo. Há tantas flores modernas, lindas, enormes, e nós tôda a vida com estas cinerárias, esporinhas, estas flores caipiras...

Vi lá crisandálias magníficas, crisântemos dêste tamanho e uma rosa nova, branca, tão grande que até parece flor artificial.

Quando soube da conversa, Timóteo sentiu gêlo no coração. Foi agarrar-se à moça. Êle também conhecia essas flores de fora, vira crisântemos em casa do coronel Barroso, e as tais dálias mestiças no peito duma faceira, no leilão do Espírito Santo.

— Mas aquilo nem é flor, Sinhá! Coisas da estranja que o Canhoto inventa para perder as criaturas de Deus. Êles lá que plantem. Nós aqui devemos zelar das plantas de família. Aquela dália rajada, está vendo? E' singela, não tem o crêspo das dobradas; mas quem troca uma menina de sainha de chita côr-de-rosa por uma semostradeira da cidade, de muita sêda no corpo mas sem fé no coração? De manhã «fica assim» de abelhas e cuitelos em roda dela!... E êles sabem, êles conhecem quem merece! Se as das cidades fôssem de mais estimação por que é que êsses bichinhos de Deus ficam e não vão p'ra lá? Não, Sinhá! é preciso tirar essa idéia da cabeça de Sinhô moço. Êle é criança ainda, não sabe a vida. E' preciso respeitar as coisas de dantes...

E o jardim ficou.

Mas um dia... Ah! Bem sentira-se Timóteo tomado de aversão pela família dos «ora-pro-nobis»! Pressentimento puro... O «ora-pro-nobis» pai voltou, e estêve ali uma semana em conciliábulo com o moço. Ao fim dêsse tempo, explodiu como bomba a grande notícia: estava negociada a grande fazenda, devendo a escritura passar-se dentro de poucos dias.

(Cont. no próximo número)

Viaje

para

BELO HORIZONTE

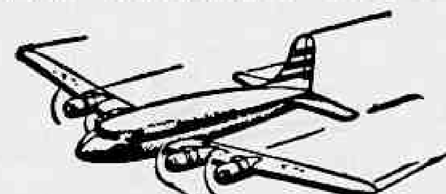
com

25%

de desconto

em confortáveis

DC-3 misto-luxo



Diàriamente

de São Paulo



Clínica Dr. Santos Dias

CONSULTAS: Cr$ 30,00

Tratamento e cura pela hormonioterapia e alta freqüência específica, da velhice precóce, da função sexual no homem e na mulher, irritabilidade, fadiga e insônia, nos casos indicados.

MOLÉSTIAS SEXUAIS — IMPOTÊNCIA

Rua São José, 50 — 9º andar — Conjunto 903. Tel.: 32-6230.

Enfermagem a cargo de técnico e profissional diplomado.

Horário: — Diàriamente, das 14 às 19 horas.

E FÊZ FRIO NA PRIMAVERA

(Cont. da pág. 14)

— Olhe aquela roseira junto ao muro... O vento da primavera vai despetalar suas rosas de todo o ano pelos canteiros... E o céu, como está alto e claro...

Mamãe de repente começou a chorar devagarinho e sua mão premia fortemente o meu braço:

— Meu filho, você está sofrendo... Eu como que sinto tangível o seu sofrimento...

Olhei-a desabado, num silêncio de morte. E seu olhar ergueu-se para o meu:

— Pepê... foi uma idiotice têrmos influído no rompimento daquele namoro... Tanto eu e seu pai... como êles...

Fêz com a cabeça um gesto significativo para os lados da casa de Cléia, na rua ao fundo de nosso quintal:

— Tanta desgraça podia ter sido evitada, meu filho... Êle hoje ainda gosta de você... E você, eu sei... também nunca se esqueceu...

Lembrando agora as palavras de minha mãe, ainda passo pela mesma impressão de catástrofe e de perda que me acometeu naquele momento. Só então eu podia enfrentar a enormidade de meus sentimentos para com Cléia, e compreendia o que o nosso romance de criançinha representado subconscientemente para mim, em minha vida. Agora eu sabia a razão daquela quase indiferença pelas pequenas que eu conhecera depois de Cléia, e que por instantes me haviam parecido interessantes. Agora eu sabia por que me deixava absorver tão intensamente pelo meu trabalho, enchendo tôdas as horas em ocupações, nessa vertigem que é o rádio atual.

Naquele momento, sem dizer palavra, apanhei o chapéu e saí para a rua agoniado. Pela primeira vez eu deixava que aquela saudade, esmagada por anos e anos, viesse à tona, e me fizesse sofrer, num só instante, tôda a angústia refreada daquela separação. Sem querer, passos me levaram à rua de Cléia e, quando me vi, estava parado diante de ... na calçada do lado oposto, como costumava fazer nos tempos de ... te. Então aconteceu algo de terrível que até hoje jamais consegui esquecer: sùbitamente, saindo não sei de onde, surgiu na calçada fronteira, uma senhora empurrando uma cadeira de rodas, que eu, estarrecido, reconheci ser a mãe de Cléia. E impelido por minha própria intuição, fui atravessando a rua ao seu encontro, na certeza de que iria me defrontar com Cléia. Recordo que, ao me reconhecerem, pararam, e enquanto a mãe de Cléia não podia conter forte emoção, a voz de minha antiga namorada levou-se até mim, num grito de alegria:

— Pedro! Pepê...

E sua cabecinha ergueu-se ternamente do travesseiro, um brilho doentio no rosto magro e pálido. Enquanto eu me aproximava, inventando à pressa um sorriso, esperando apenas um gesto para apertar-lhe a branca mãozinha, seus braços jaziam inertes dobrados em cruz sôbre o peito. E, nos dedos sem vida eu não percebia um só movimento. Só o rosto, ou melhor, os olhos ainda viviam, mostrando ainda, num fraco lampejo de alegria, uns restos daquela mocidade que se extinguia dolorosa e precocemente...

Foi a mãe de Cléia que se adiantou:

— Benvindo seja, Pedro. Cléia tem sempre falado muito em você. E nós todos mesmo, aqui em casa, não perdemos um só dos seus programas...

Agradeci polidamente ainda mal refeito de tantas surprêsas, e já Cléia reclamava minha atenção:

— Pepê... Você nem sabe... Meu maior prazer é escutar a sua voz... Conheço de cor o horário de todos os seus programas, e não saio do pé do rádio naqueles momentos... São sagrados para mim...

Percebi, naquela confissão tão simples, a enormidade da sua desgraça. Porque só as almas que passam pelo cadinho do sofrimento, saem assim purificadas, podendo enfrentar, com aquela serenidade que eu sentia em Cléia, as situações mais dolorosas da vida. E aquêle, eu sabia, era um instante terrível para nós...

Mais tarde, muitos dias depois, quando parti, eu levava no coração a ternura da amizade com que fôra recebido agora no seio da família de Cléia. E o que era mais cruel; a certeza do amor impossível de Cléia naquela confissão, uma tarde, à sombra das árvores de seu jardim:

— Pepê... estou aqui inerte, nesta cadeira, por sua causa...

E quando eu a encarava surpreendido:

— Não estou querendo culpá-lo, em absoluto, não seria capaz disso... Apenas afirmo que, se você não tivesse partido, eu não me teria casado com aquêle monstro.

Os olhos baixaram para as mãos frias e inertes cruzadas sôbre o peito, para as pernas inanimadas, e ela disse baixinho, conformada:

— Casei só de raiva de você... Era uma forma de vingança contra a sua renúncia...

Sorriu meigamente:

— Mas se eu soubesse que iria ficar nesse estado... que aquêle homem seria capaz de me deixar assim... inutilizada para o resto da vida...

Voltou a cabeça para o outro lado e eu percebi que, pela primeira vez a sua coragem periclitava. Mas foi tudo muito rápido, questão de segundos apenas, porque logo ela estava me olhando outra vez com aquê... le ar repousado de terna conformidade com as coisas, e já desabrochava os lábios para dizer:

— Pepê, você já viu? E' primavera... Mais uma primavera que chega...

E eu sorri para o jardim, e sem querer estabeleci uma comparação da sua florida juventude com a bela estação. E, tive piedade dela que trazia ainda a primavera no fundo das pupilas, e estava alí, diante de mim entrevada, com o inverno no coração... E eu, adulto, de espírito formado, homem de larga experiência sem ilusões, que já sabia enfrentar a realidade duramente, tive um instante de comovida saudade. Sem poder falar, afaguei-lhe suavemente as mãos mortas no peito, sentindo, no fraco alento de vida do seu sorriso reconhecido, uma vontade imensa de chorar. Mas de chorar livremente, sem peias, sem constrangimento, deixando que tôda a minha tragédia íntima — a minha e a dela — se extravasasse em lágrimas desesperadas. Porém nós, homens, somos orgulhosos demais para têrmos coragem de demonstrar publicamente as nossas emoções. E, creia, é êsse o espinho que trago no coração ainda: a tristeza de não ter sabido chorar naquela hora...

E Pepê consultou o relógio:

«Bem, preciso ir... Está quase na hora do meu programa...

E com um sorriso conformado:

— Não posso decepcioná-la... Sei que me estará escutando... E isso em parte, tem sido uma das grandes razões do meu sucesso...

E com o seu jeito amável, afastou-se pelo corredor, direto ao estúdio.

COMO APRENDER A DANÇAR

1ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 830 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRÁTICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares. Rua da Liberdade, 120 — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal 649 — São Paulo.

A venda também nas livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

A REVISTA há 50 anos

5-4-903

CHRONICA — Divirto-me ha alguns dias a percorrer as collecções do Diario do Congresso. A minha casa, que fica no mesmo quarteirão do palacio da presidencia — grande honra para a familia! — tem, na frente, um renque de arvores em cujas ramadas, sempre frondosas, se aboletam, á noite, todos os mosquitos das vizinhanças, incluindo aquelles a quem o sr. dr. Rodrigues Alves recusa cama e mesa no parque presidencial. Tendo a suprema ventura de fazer parte do jornalismo carioca, qualidade a que anda adstricto o cumprimento de graves obrigações plumitivas, sou forçado a accender o gaz da minha sala ahi por volta das dez da noite e desde essa hora até ao romper da manhã a minha intelligencia pertence ao Jornal do Brasil e á Revista da Semana e o meu corpo aos mosquitos do aristocratico bairro a quem engordo a pança e illustro a mente.

● E' claro que ao repontar das tres já o somno aperta, mas é essa precisamente a hora em que no triclinio do meu seio tripudiam os Neros pernilongos. Mosquitos patrioticos! exclamaria conhecido jacobino, vendo-me, estrangeiro e inerme, á mercê dos ferozes insectos. Patrioticos ou não, tenho de atural-os, recostando-me no meu leito e buscando uma leitura cujos effeitos, identicos aos da morphina, insensibilisem os meus nervos exhaustos até ao tiro das quatro, hora em que os mosquitos entram de palitar os dentes, retirando-se definitivamente ás cinco. Escolhi, como devem suppôr, o Diario do Congresso, preferindo, por motivos faceis de comprehender, o dos senhores deputados. Em toda a parte do mundo, o parlamento é o logar onde se falla peior a respectiva lingua e onde esta adquire um tom pastoso, pesado e suporifero, que substitue vantajosamente o opio. Fui roubado, ou antes, o paiz é roubado... E por quem? Pelos senhores redactores dos debates.

● Quasi todos os cavalheiros que exercem essas funcções são muito mais, mas mesmo muito mais intelligentes que a maioria dos paes da patria, sem fallar no quanto se lhes avantajam no ler e escrever. Dahi resulta que, ou por pudor mental ou por uma espécie de cumplicidade funesta, são elles quem fazem os discursos que os senhores deputados deveriam ter proferido, deixando, em troca, no tinteiro, todas aquellas cousas pittorescas que nos deliciam nas tribunas da Camara. E aqui têm os leitores a razão pela qual eu sou neste momento o mais infeliz dos homens, pois se nem no seio da representação nacional acho repouso — para quem appellar?... — **JACQUES BONHOMME.**

O VOLUNTARIO

Porque, a triste mãe, pranteia conquistada
..No humbral da habitação, feliz em paz, outr'ora?
— E' que partiu, o filho, desbrochar-se a aurora,
E ela o viu sumir-se, além, na longa estrada!

Já não o segue o olhar, a vista fatigada:
E' su'alma de mãe afflicta que nessa hora
Acompanha o bom filho, o qual se foi embora,
Ao ver que perigava a patria muito amada!

Elle pára... Contempla ao longe a habitação,
De vel-a mais sem ter presagio, e onde revel,
Sente preso ficar, de filho o coração...

Soluça, então, convulso... Após, fita o docel
Azul, de sua terra — a célica amplidão —
"Patria! Patria!" murmura, e parte em seu corcel!

ZILDA GAMA

Estando um dia na caça, o Imperador Francisco José não encontrou senão dois ovos cosidos numa estalagem erma.

O estalageiro pediu muito dinheiro pelos ovos e o monarcha pagou, dizendo com certa ironia:

— Parece que são raros os ovos aqui!

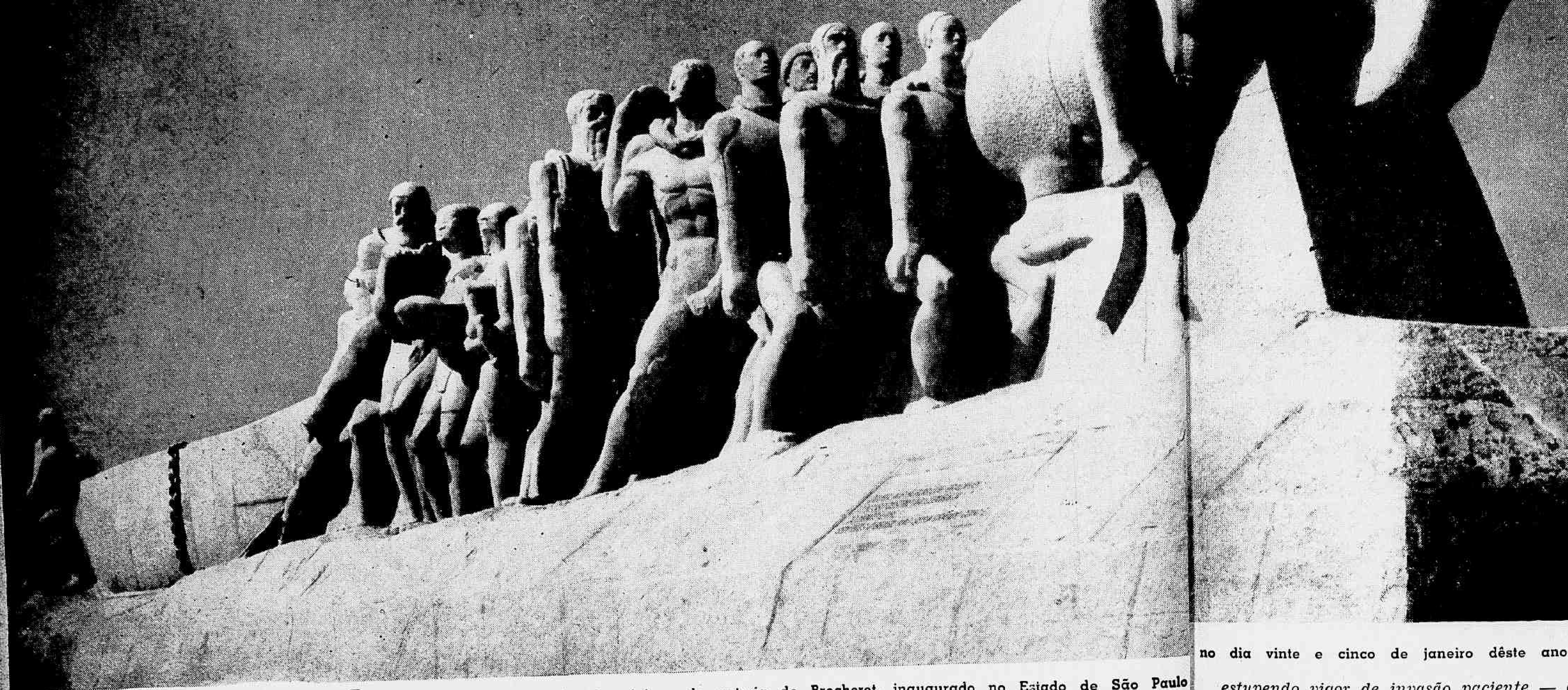
— Não, Real Senhor, mas rarissimos são os Imperadores.



Rio de Janeiro: Estação da Estrada de Ferro Central do Brasil.

A VOLTA DOS BANDEIRANTES

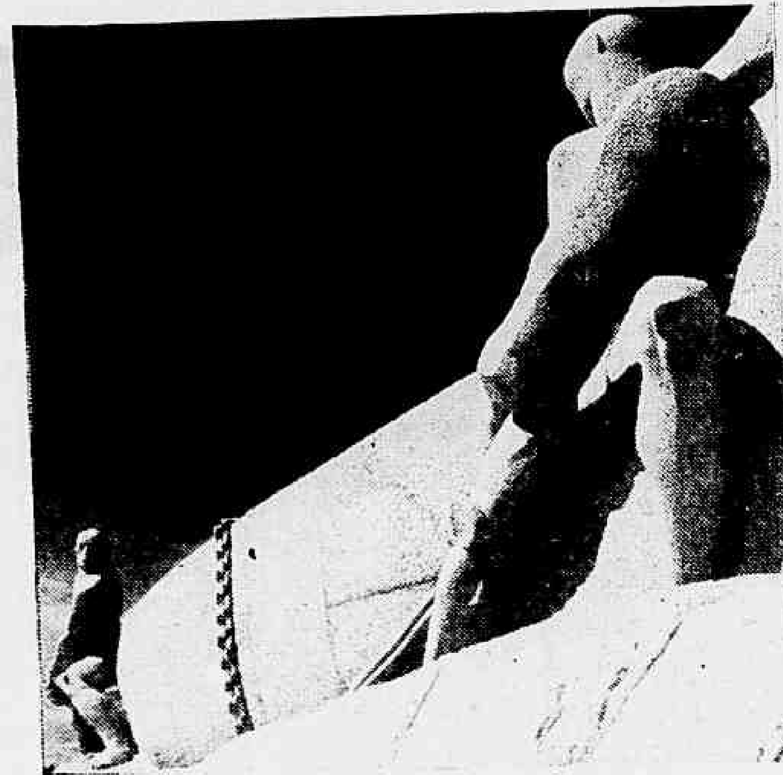
PEDRO CALMON (Da Academia Brasileira)



A fotografia que publicamos acima nos mostra o monumento das bandeiras, de autoria de Brecheret, inaugurado no Estado de São Paulo no dia vinte e cinco de janeiro dêste ano.



Os bandeirantes arrastam nesse batel das selvas a Nação; interpretam — numa representação fabulosa das fôrças primitivas do nosso continente — o milagre de Christophoro.



São os operários de uma construção ciclópica anterior à História: — os que transtornaram a Geografia, levando para o interior dos sertões desconhecidos os limites do império.

O MONUMENTO das bandeiras, que foi solenemente inaugurado em 25 de janeiro pelo governador Lucas Garcez, pertence à família grandiosa dos monumentos que simbolizam a glória de uma raça, a prosperidade de um país e a fôrça de uma cultura. O poema lido nessa ocasião por Guilherme de Almeida, tem a beleza, ou antes, a unção de um hino místico. É preciso ver na obra formidável de Brecheret, produto de trinta anos de estatuária superficial a quatro séculos de história, a personalidade e a pujança do povo. O que nela se comemora é o heroísmo sem nome dos sertanistas; é a massa como fator de civilização; é a corrente obscura das almas e dos acontecimentos que circula nos subterrâneos da evolução nacional; são os bandeirantes sem biografia, sem heráldica, sem títulos, sem testamento nem prosápia, saídos da rudeza da terra e da vastidão dos campos como fantasmas de bronze, espíritos silenciosos da mitologia silvestre...

Há em Montevidéu dois esplêndidos monumentos que celebram essa expressão robusta da pátria rural: a carrêta — com o estupendo vigor de invasão paciente — e a diligência, com a audácia gauchesca das viagens perigosas.

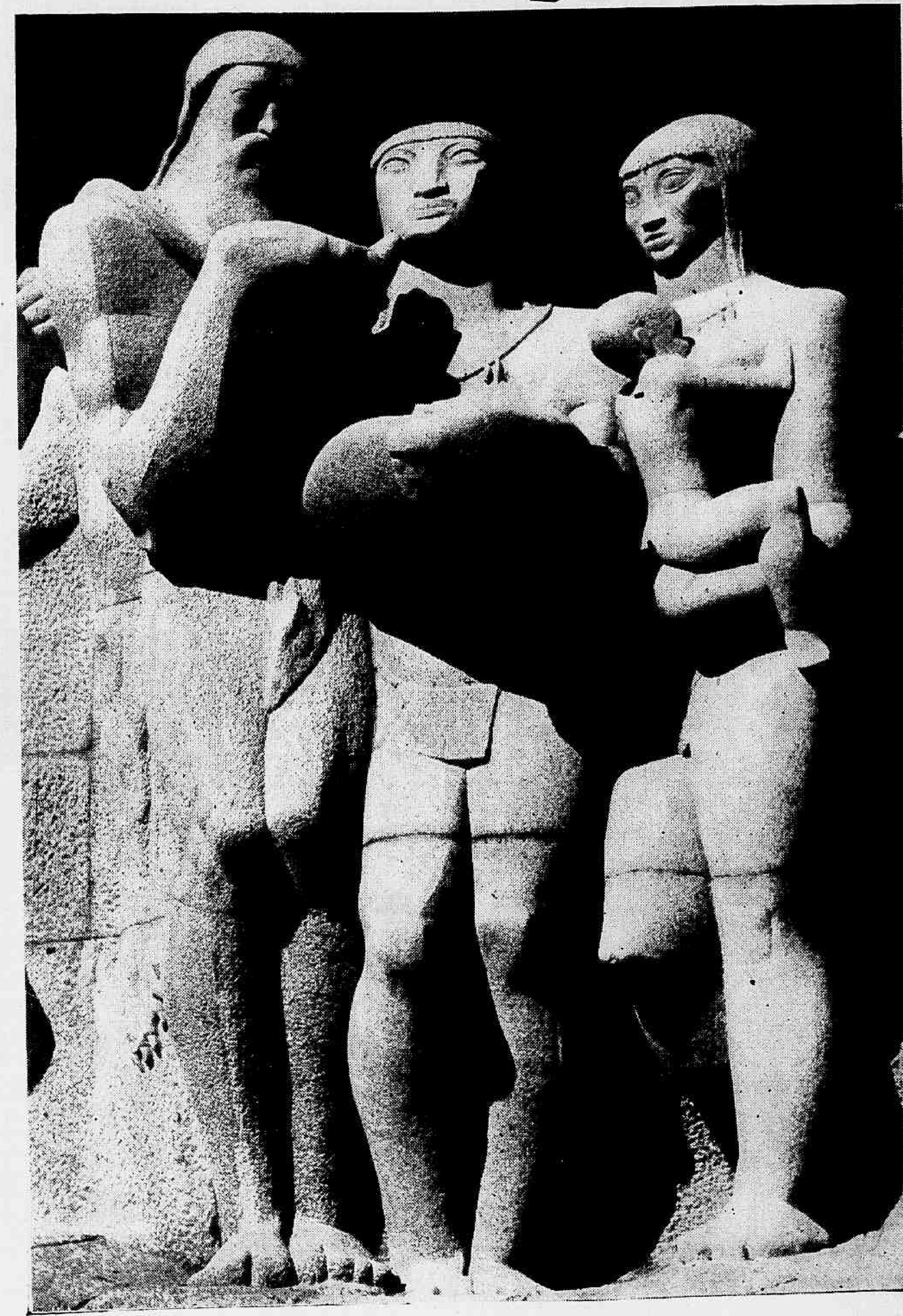
Admirávamos nessas imagens do drama platino o sentido cívico do anonimato.

Habituados, pelos padrões da escultura alegórica, ao louvor do homem célebre, essa homenagem aos instrumentos plebeus da conquista tinha para nós um significado poético especialmente delicado e verídico. Destacava dos equívocos da justiça dos tempos o peão da estância, o carreiro hercúleo, a bravura ignorada e o cavalo, e o boi, para amassar, com essas energias humildes o bloco monolítico da nação. Os bandeirantes de Brecheret, vazados em granito, falam uma linguagem semelhante. São brancos, índios e negros que arrancam da vaza do Tieté a canoa das menções, guiados pelo cavaleiro arrogante que indica o rumo, à frente do grupo, desleixadamente montado à moda mameluca, de pés nus, gibão aberto, cabeça erguida, espécie de centauro fabricado pelas mesmas contingências telúricas que reuniram aquêles gigantes e lhes animam a emprêsa... Não se procure nesse conjunto plástico a minúcia autêntica. O que descreve é o fenômeno central do bandeirismo, como o conceberam os seus sociólogos: a unificação moral da tropa que se lança para os desertos sob o comando intuitivo do chefe, numa sociedade democrática eletrizada pela comunhão espiritual.

Não conhecemos outra associação de interêsses em que fôsse mais perfeita a identidade de objetivos traduzida na cooperação ativa, no arranco harmonioso, na aliança total. São os elementos formadores da pátria que se associam para levar por diante a tarefa inaudita. Renuncia o caboclo a sua desconfiança, renuncia o africano o seu ressentimento, o português renuncia o seu orgulho, e a soma dessas dedicações cria o paulista da época de Fernão Dias Paes, de Raposo Tavares, do Anhanguera. Aquela canoa puxada a músculos de patriarcas, como um destino comum, atrelado a êsses escravos da fortuna, que foram os senhores do Oeste, equivale a uma responsabilidade, a um ideal concreto, a um preço. É o preço do bom êxito, quando, vencida a escarpa, atingido o vale, metido rio a dentro êsse lenho pesado, vogar triunfalmente em direção ao país encantado de ouro, às regiões incríveis da prata, das esmeraldas e dos tesouros indígenas, ao Eldorado americano. Os bandeirantes arrastam nesse batel das selvas a Nação; interpretam, numa representação fabulosa das fôrças primitivas do continente, o milagre de Cristophoro; carregam aos ombros o Brasil menino.

Nos monumentos uruguaios da Diligência e da Carrêta estremece o período romântico da fundação do Estado. Percebe-se, ao lado dessas sombras tempestuosas do passado, a presença encorajadora da História. Os bandeirantes que o gênio de Brecheret e o civismo dos governos paulistas instalaram no admirável bloco de pedra que fica sendo um dos brasões de Piratininga, ressentem-se de um isolamento soberbo. Chegaram antes da literatura, antes da crônica, antes da epopéia. São os operários de uma construção ciclópica anterior à História: os que transtornaram a geografia, levando para os sertões desconhecidos os limites do império.

Fotos de F. ALBUQUERQUE



São os bandeirantes sem biografia, sem heráldica, sem títulos, sem tratamento nem prosápia...



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS E DEMAIS AFECÇÕES DO COURO CABELUDO

Leiam

A CENA MUDA
Cinema e Rádio

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado modernissimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ....
RUA .... Nº ......
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

Respostas da pág. 36 e 37

PUXE PELO CÉREBRO

1—Babugem
1—Pilocerus setosus
3—Paris (13-9-905)
4—Estados Unidos
5—João Pereira de Sousa Botafogo (dono de terras em 1641)
6—Pernambuco, entre os revolucionários de 1817.
7—Cândido Barata Ribeiro
8—Henrique Dodsworth (8 anos, 3 meses e 8 dias)
9—334.710,40, na moeda de hoje
10—Pouco mais de seis milhões
11—Oferta da firma A. Jannuzzi, Irmão & Cia.
12—Do Morro da Viúva
13—Baronesa
14—D. Luís de Vasconcelos e Sousa, 4º vice-rei do Brasil
15—Bahia, em 1784.

QUEM DISSE ISTO?

1—Oscar Wilde
2—Confúcio
3—Cristo
4—Montesquieu
5—Carlos de Laet, para ferir o prof. Hemetério.

HOMENS INDOMÁVEIS!

(Cont. da pág. 53)

da família que ficou na roça à espera de alimentos. Ei-lo, novamente, em jornadas que começam de madrugada e acabam ao anoitecer, através de caatingas que se perdem de vista. Na estiagem de 1942, principalmente, na Paraíba, observamos que 85 % das populações estavam descalças. A caminhada, em busca da vida, parava das 11 às 15 horas, quando o sol esturrica tudo. Hoje ninguém pára. Com as alpercatas de couro e sola de pneumático, peça bastante pesada, porém, de incrível durabilidade, marcham dia e noite.

Enquanto o nosso carro era reabastecido, já com 1.600 quilômetros de viagem, encontramos duas procissões. Uma em êxodo, com os homens carregando espingardas para caça e todos, sem exceção, uma rêde, enqanto os jumentos transportavam as panelas. Nas cangalhas, os meninos e os papagaios. Os cães precediam o desgraçado cortejo.

A outra era de trabalhadores que iam passar o sábado e o domingo junto das espôsas e dos filhos.

Perguntamos ao velho que comandava o grupo em retirada:

— Para onde vão?

— A gente vai p'rá vasante do Catolé. Lá, pelo menos, os bichinhos — filhos — têm água e comida braba. Nesta terra amaldiçoada...

O ancião não terminou a blasfêmia, quando uma mulher cega, guiada por um molecote, gritou:

— Cruzes, três vêzes!

E a caravana continuou a andar, rumo às várzeas, onde poderia encontrar uma raiz de macacheira ou alguma batata que tenham ficado da última colheita. Durante algum tempo contemplamos a marcha. Apenas, o uivo de um cão quebrava o silêncio sepulcral.

Indagamos a Deus:

— Quem acabará primeiro, a sêca ou a família?

EXEMPLO

Depois de tanto desalento e pânico, São João do Cariri, com o seu casario todo branco, "uma noiva, como disse o poeta, a caminho do altar", iria oferecer algo que dignifica uma raça de fortes, justamente na região, sem favor, a mais sêca do nordeste e que tem servido de anedotas, como aquela da professora, que querendo dar uma demonstração aos alunos do que era uma chuva, derramou um copo d'água numa peneira.

Era dia de domingo e à missa, celebrada com tôda pompa, afluíram fazendeiros e suas famílias. Algumas moças ostentavam pequenas flôres prêsas aos cabelos. Cantadores de viola faziam desafio no adro, enquanto um camelot vendia uma beberagem que curava até bicheira... Rapazes tomavam refrigerantes no bar, o único com geladeira. Pagamos 12 cruzeiros por uma garrafa de guaraná e 20 por uma de cerveja.

Conversamos com pequenos comerciantes, fazendeiros, funcionários públicos e empregados no comércio, que não conhecem uma benfeitoria do Govêrno em matéria de assistência médico-social.

Não existe um só cinema, um Centro de Saúde, um ambulatório para fornecer vermífugos. O que salva é o clima bom e o estado sanitário ainda melhor. Estivemos em Serra Branca. O mesmo panorama. A mesma fibra! A mesma hospitalidade. A dona do hotelzinho nos ofereceu um banquete de marajá, com carneiro assado, ovos fritos, macarrão, carne verde, cuscus com leite quente, doce de abóbora, banana e café. Não quís pagamento e, apenas, pediu para não fazermos refeições na pensão visinha, cuja proprietária sua inimiga política, é do P.T.B. Ela é da U.D.N... Nem a sêca acaba com a política...

A colonização do Brasil, efetivada dentro do natural espírito de luta entre o branco colonizador e o nativo, teve, no nordeste, outros aspectos. A expulsão dos holandeses serviu para mostrar o espírito indomável do nordestino, que não foi apurado, para glória do Brasil, no decorrer dos séculos. Herdeiros de uma tradição guerreira e castigados por tôda sorte de reveses, sem destacar a sêca, o Homem passou a conhecer os esplendores dos combates vitoriosos e o amargo das derrotas.

As lutas internas sempre se revestiram de características próprias, numa união perfeita entre a Terra e o Homem. Desta junção nasceu uma escola de bravos, sem dúvida, a que ensinou bravura aos sertanejos: os coronéis. Êles marcaram uma época e revelaram a vitalidade do nosso matuto. O coronel não era, apenas, o senhor de terras e de homens. Era todo aquêle que exercia uma parcela de poder ou de prestígio pessoal, fôsse o juiz, o farmacêutico, o próprio vigário. Assim vamos encontrar Isaías Arruda, Floro Bartolomeu, Anastácio Braga, Padre Cícero, no Ceará. José Pereira, os Britos, os Gaudêncios, Dino da Nóbrega, Amado Travassos, Elias Ramos, Miguel Sátiro, Suassuna e os Honoratos José Brandão, na Paraíba. Zé Abílio, Chico Romão, os Dantas e tantos outros em Pernambuco.

No nordeste o homem aprendeu a lutar contra as vicissitudes provocadas pela estiagem. Sabe onde está o bom xique-xique para comer e conhece à palma, todos os recursos da várzea, de onde arrancam a água, garantindo a subsistência da família.

Aparentemente abatido pela desgraça, o Homem ainda não perdeu o amor ao chão e a fé inabalável em Deus. Certa noite, perto de Cajazeiras, passamos por um acampamento, pedaços de galhos de árvores sôbre estacas, com rêdes armadas e panelas cosinhando feijão prêto. Os retirantes estavam andrajosos e comiam farinha com rapadura. O chefe do grupo, um sexagenário, resava em voz alta, como fazem os padres católicos e pastores protestantes, antes e depois das refeições abastadas, regadas com vinho. Êles agradeciam o pão nosso de cada dia...

Foi por isto tudo, certamente, que Euclides da Cunha escreveu: "Há um notável traço de originalidade na gênesis da população sertaneja, não diremos do norte, mas do Brasil subtropical.'

O HOMEM E O SEU MENU DA FOME

A luta do sertanejo para vencer a sêca é árdua. Da Era Atômica volta à Idade da Pedra, comendo raízes de pau e fabricando farinha de xiquexique, facheiro e macambira. O menú da fome, com impressionante documentação fotográfica, será a próxima reportagem, à base de exames feitos pelo Instituto de Nutrição da Universidade do Brasil com diversos cactus dos sertões do nordeste, alimento das populações flageladas.

VIDA PAIXÃO E...

(Cont. da pág. 28)

Brasil, superando em muito a existente no Rio e em São Paulo. O Drama de Cristo representado pelos leprosos de Santa Catarina constitui uma realização teatral das mais empolgantes que se poderia conceber. Para encontrar algo semelhante teremos que nos referir mais uma vez a Obergamenrau e até mesmo aos grandes coros da tragédia clássica, cuja memória repercute ainda vivamente na história da cultura greco-romana.

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Av. Rio Branco, 117 — Sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

INSPIRADOS NA COROAÇÃO





Em cima, à esquerda, copa de arminho, corpa de pedras multicores e vistosa "aigrette" branca, compõem êste modêlo de Mr. John; à direita, a condêssa Betty von Furstembèrg, com uma bela tiara de pedras contornando o solidéu de arminho; em baixo, a sr.a Cornelius Vanderbild Whitney e a estrêla da televisão norte-americana Clyde Newhouse com dois belos modelos.



UM novo tipo de enfeites para chapéus foi apresentado num recente desfile em Nova York. Inspirando-se nas próximas festas da Coroação da Rainha Elizabeth II, da Inglaterra, um dos mais famosos chapeleiros norte-americanos criou modelos belíssimos, todos êles encimados por tiaras refulgentes de pedras preciosas ou pérolas de fantasia.

● O tema agradou — e muito — ao mundo feminino. A coroa é o emblema que, mais do que qualquer outro, fala ao romantismo e à vaidade da mulher, que, ao menos uma vez na vida terá sonhando em ser rainha... rainha de um coração... rainha de um lar... rainha de beleza... rainha de um conto de fadas da meninice...

● Democràticamente Mr. John distribuiu coroas a granel, em chapéus de arminho, de veludo, de aigrettes e outras penas vistosas. A coleção desfilou apresentada pelos elementos mais representativos da alta roda de Nova York. Muitos dos modelos foram [illegible]ridos especialmente para serem ostentados em Londres.

Elegância original



Um tecido de algodão de listras largas, numa combinação harmoniosa, é o que se exige para êste vestido com blusa transpassada e mangas japonêsas de Jonathan Logan.



Gracioso modêlo combinando tecido mescla com xadrez bem grande, numa associação muito original. Esta é uma das mais interessantes criações de David Crystas, no gênero ligeiro, para a atual estação.



Três modelos formados por peças independentes que podem ser combinadas de várias maneiras, em lonita e tecido xadrez. Criação de Serbin para os fins de semana.



Uma blusa em lonita para acompanhar as calças três quartos, abotoadas perto dos joelhos e um cinto branco vistoso constituem êste interessante conjunto desenhado por White Stag.

WEEK-END NA COZINHA

ALMÔNDEGAS À AMERICANA

250 gramas de carne picada
2 fatias de pão
1/4 de xicara de leite
1 ôvo
1 cebola pequena, picada
2 colheres das de sopa de banha ou azeite
1 pitada de orégano em pó
1 pitada de sal (1/2 colher das de chá)
1 pitadinha de pimenta
1/2 xicara de queijo Parmezão, ralado
Farinha de rôsca.

1. Misture a carne com o pão, que deve ter sido embebido no leite e partido em pedacinhos pequenos. Adicione o restante do leite e os ovos.

2. Refogue a cebola em gordura ou azeite, até que fique macia. Junte-a, assim como os temperos, à mistura de carne. Acrescente o queijo ralado.

3. Forme pequenas bolas e passe na farinha de rôsca. Frite no óleo ou na banha, muito quente, até ficarem levemente tostadas.

4. Ponha as almôndegas no môlho para spaghetti cuja receita foi dada a cima e deixe cozinhar, nesse môlho, cêrca de 1/2 hora.

Sirva-as com o spaghetti e o respectivo môlho de orégano. Complete o cardápio com uma boa salada e terá uma refeição completa.

MÔLHO DE ORÉGANO PARA SPAGHETTI

1/4 de xicara de cebolas picadas
1 colher das de chá de salsa picada
1/2 xicara de aipo picado
2 colheres das de sopa de azeite de oliva
1 pitada de alho moido
2 colheres das de sopa de pasta de tomate
1 fôlha de louro
1 colher das de chá de orégano em pó
1 pitada de sal
1 pitada de pimenta
1 xicara de tomates cozidos
1 xicara de caldo de carne ou de galinha
1/4 de xicara de queijo Parmezão, ralado.

1. Frite as cebolas, a salsa e o aipo até que fiquem tenros. Junte os ingredientes restantes e deixe cozinhar perto de 1 hora.

2. Sirva com almôndegas ou bolinhos de peixe, sôbre um prato de spaghetti.

CONSELHOS ÚTEIS

- ***Ponha o tabuleiro ou a forma de bôlo para aquecer, antes de colocar a massa. Obterá assim biscoitos e bolos mais fofos e mais delicados.***
- ***Aproveite o pó de café que ficou velho por estar guardado muito tempo na lata. Ponha no forno, num tabuleiro, durante alguns minutos. Quase todo o sabor voltará.***
- ***Se você comeu metade de um abacate e vai guardar o restante na geladeira, passe sôbre o mesmo uma leve camada de manteiga que a fruta não ficará escura.***
- ***Será muito mais fácil descascar o abacaxi se você cortá-lo em fatias com uma faca afiada e depois descascar cada fatia por sua vez.***

CASAMENTO CIENTÍFICO?



Três franceses encontram o "segrêdo" da felicidade conjugal e fundam o "Instituto de Orientação Nupcial"...

INFELIZMENTE os males de um casamento mal sucedido não se manifestam apenas no meio familiar. Também a sociedade dêles participa, sendo esta uma das causas da instabilidade que caracteriza os tempos atuais. Estudos de deliqüência infantil provam que 80 por cento dos criminosos provém de famílias onde os pais não vivem em bons têrmos. Foi isso que mais impressionou o sr. Louis Jentel e convenceu-o a dedicar sua vida à procura de um meio de tornar «todos» os casamentos felizes.

Porque existem desinteligências entre casais? Seria possível que a Ciência, com tantos progressos no campo da psicologia e da compreensão da alma humana não encontrasse uma solução?

As estatísticas são alarmantes. 22% dos casados são muito infelizes no lar. 11% se agüentam, sabe Deus como, e os outros 11% se separam, sabe-se lá, também, de que jeito... por pretextos fúteis que ocultam motivos mais sérios.

«O motivo fundamental das separações é que as pessoas se casam mal. Nenhum dos dois cônjuges conhece o outro. Levados pela paixão ou pelo entusiasmo, nenhum dêles nota no companheiro defeitos que, no entanto, são evidentes. Unem-se, sem saber se têm suficientes pontos de vista em comum para se compreenderem e bastante pontos diferentes para se completarem. A lua de mel termina. O amor cega-os um pouco menos cada dia. Eis os primeiros choques. Marido e mulher tornam-se sùbitamente incompatíveis: Não apreciam os mesmos divertimentos, não escolhem os mesmos amigos, não lêm as mesmas revistas, não chegam a um acôrdo quanto à maneira de educar os filhos ou de equilibrar o orçamento familiar...»

Êstes são os sinais de um casamento feito às escuras...

ATÉ então faltava uma organização que orientasse os casamentos, assim como existem, de há muito, institutos científicos de «orientação profissional» que selecionam candidatos aos diversos empregos da administração ou de empreendimentos privados.

Louis Jentel — que já tinha grande experiência em orientação profissional — associou-se a dois outros franceses e fundou o I.O.N. (Institut d'Orientation Nuptiale). Decidiram os três que haviam de pôr fim aos casamentos infelizes, substituindo o atual processo de seleção de maridos e espôsas por um outro processo «científico», de forma que os cônjuges se harmonizem de corpo e alma no sentido literal da expressão.

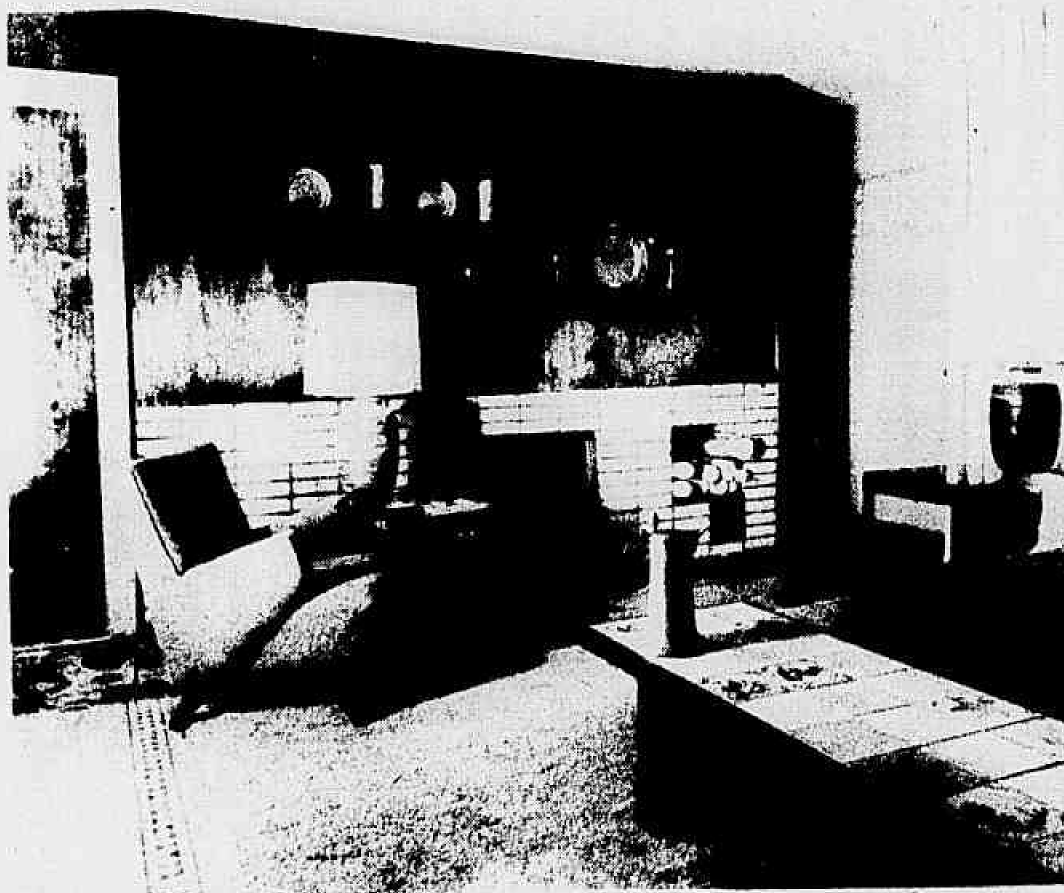
EIS como funciona a organização. O candidato ao casamento submete-se a uma análise completa de seu caráter e de suas capacidades físicas e intelectuais. Os defeitos e qualidades do paciente são determinados pelo morfólogo, dr. Dugas Rouillé, de acôrdo com a forma do corpo, dos músculos, do rosto, etc. Determina-se, em cada um, a proporção exata de bondade, inteligência, generosidade, seriedade, fidelidade, amor ao trabalho, capacidade sexual, saúde e outros atributos que surpreendem e que nem se poderia imaginar...

Completa-se o estudo pela análise da escrita, realizada pelo grafólogo, o sr. Noble. O paciente é, então, classificado segundo o sistema tipológico de Jung, que determina as características dominantes do indivíduo estudado. Depois de feita a ficha dos dois pretendentes ao casamento, os especialistas aconselham ou desaconselham a união, pelo estudo comparativo das mesmas.

As finalidades do I.O.N., porém, vão mais longe. Pessoas que ainda não encontraram a «alma irmã» podem, também, se submeter a uma análise e deixar a ficha no Instituto. Dentro de 3 a 4 meses, no máximo, garantem os especialistas «casamenteiros», ser-lhes-á indicado o companheiro ideal com o qual poderão viver em harmonia a existência inteira.

A fila de candidatos é grande, principalmente do sexo feminino, pois as exigências das jovens que querem se casar são hoje em dia muito sérias. Os casais que se uniram segundo o «antigo processo», sem um teste científico pre-nupcial, também apelam para o I.O.N., em caso de divergência. O Instituto sugere solução, mas... o que está bàsicamente errado não pode ser concertado. Quem se casou no escuro jogou numa loteria... para ganhar ou para perder. (L.J.)

Sugestões para o lar



Madeira em côr natural, tapête cinza, cerâmica rosa imitando tijolos, azulejos azuis no tampo da mesa, poltronas bege e sofá castanho, constituem os elementos desta sala de estar, que foi idealizada pelos decoradores Hoffmann & Heidrich.

A vontade de ter uma lareira existe no íntimo de quase tôdas nós. Habitamos um país tropical, mas temos n'alma, profundamente enraizadas, as origens européias de nossa civilização que molda-nos o espírito, fazendo-nos suspirar por contrasensos como uma lareira em Ilhéus, um casaco de peles no Rio e outras coisas no gênero. Por isso, esta sugestão para uma sala rústica pode ser adotada por qualquer pessoa que deseje ter uma lareira, mesmo que não more no Sul, onde o inverno é rigoroso, ou nas montanhas, onde as noites são quase sempre frias...

● A lareira, objeto de todo êsse filosofar, constitui o ponto central da bonita sala que a fotografia apresenta. Tôda ela é revestida de cerâmica rosa claro, no feitio de tijolos. Possui uma cortina de tela que pode ser fechada e, de um lado, uma abertura apropriada para se guardar lenha e carvão. A cerâmica rosa contrasta de maneira agradável com o revestimento em madeira da parte superior da parede, onde, em duas prateleiras, se vê uma coleção de canecas e pratos de cobre.

● A indispensável poltrona para a leitura está junto à lareira, perto de uma mesinha moderna, com abajur de linhas simples. Um abajur idêntico e uma mesinha um pouco diferente, pois quadrada, se vê ao lado do sofá, de que só divisamos um canto. A mesa de centro é outra peça original dêsse conjunto. Em madeira com tampo de azulejos, é baixa e sólida. Repousa sôbre um tapête cinza, felpudo e lavável. Quebre a rigidez de linhas do sofá moderno colocando sôbre o mesmo uma porção de almofadas coloridas. (L. J.)

Homens indomaveis!



A Caravana da Fome! Homens, mulheres, velhos e crianças, irmanados na desgraça, abandonam o roçado em busca de um pedaço de várzea, atrás de um pedaço de macacheira esmirrada com que possa se salvar da inanição.

OS SERTANEJOS ENFRENTAM A SÊCA COM ESTOICISMO ★ SUPERSTIÇÃO ★ GERAÇÃO INFELIZ ★ A ESCOLA DOS CORONÉIS ★ O AMOR AO TORRÃO NATAL ★ EMIGRAM PORQUE NÃO ESTÃO FIXADOS À TERRA ★ CARIRI VELHO

Reportagem de EDMAR MOREL

Fotos de ADIR VIEIRA

FALAM que "os animais do nordeste alteraram os seus hábitos em busca de alimentos, acossados pela fome e pela sêde. Os cães já não dormem mais de noite atrás de um osso".

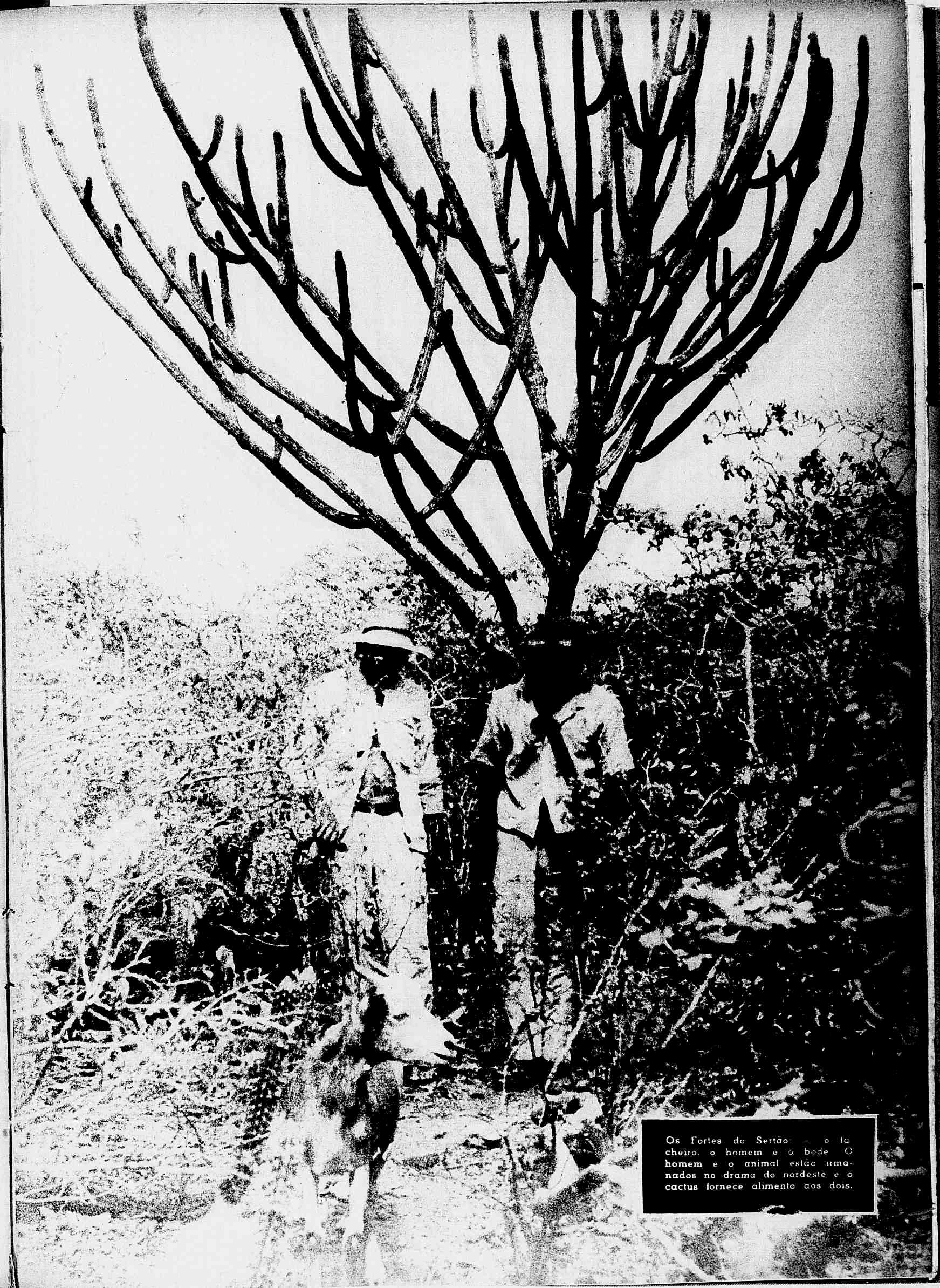
E' um espetáculo, sem dúvida, de menor proporção do que foi presenciado por cientistas da Smithsonian Institution, quando no Transval Africano, perto de Waterberg, em 1913, viram "muitos carnívoros noturnos caçando de dia e os leopardos atacando de tarde os acampamentos"...

Certos animais podem ter transformado a fisionomia do nordeste. Mas o homem, êsse indomável, continua inalterado.

Não existem dados objetivos sôbre o deslocamento de massas para o sul. Um fato diz da sua intensidade. Pela cidade de Juázeiro passavam nos últimos tempos, em média, diàriamente, em trânsito para São Paulo e Paraná, 1.500 pessoas. Com outras informações da Paraiba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, chega-se ao cálculo, nada exagerado, de que, em seis anos, três milhões de pessoas sairam da região. Mas o Censo de 1950 apurou o contrário, verificando um aumento de população em quase 30 %. Em 1940, era de 9.973.642 habitantes, contra 12.652.264 em 1950.

Há uma diferença fundamental nas emigrações verificadas no início e no meio do século. Para a Amazônia, sob o fascínio da borracha, foram rapazes ou chefes de proles numerosas que abandonaram as famílias, certos de que mandariam buscá-las, quando conseguissem uma economia nos seringais do Madeira ou do Purus.

Não houve o deslocamento da família, que permaneceu intata. Dos que partiram,



Os Fortes do Sertão — o facheiro, o homem e o bode. O homem e o animal estão irmanados no drama do nordeste e o cactus fornece alimento aos dois.

HOMENS INDOMÁVEIS!

a metade regressou, embora arrasada. Saíram fortes e cheios de esperanças, voltaram doentes e rotos. A outra metade ficou prêsa no barracão do desalmado seringalista. Nos dias de hoje, com a presença do "Pau de Arara", a paisagem humana está completamente modificada. Dentro dos caminhões, como sardinhas em lata, viajam famílias inteiras, quase tôdas especializadas em trabalhos agrícolas. Daí encontrarmos, ao longo dos sertões, centenas de choupanas fechadas e vilas em plena decadência.

Quando acontece chover, os campos estão despovoados e a miséria continua. O êxodo tem sido tão nocivo quanto a sêca. Os que deixam o torrão natal, em busca de melhor sorte, são indivíduos que não estão fixados à terra, trabalhando pelo sistema colonial do têrço ou meia. A sua economia é a mais precária possível, conseqüência do abandono dos poderes públicos pelo homem do campo. Ei-lo, sem crédito bancário, sem escola para o filho, sem um pôsto de saúde, enfim, sem assistência de espécie alguma. Ademais, o nomadismo está lactente na sua alma e, em particular, no cearense, influência de Moacyr, o primeiro cabeça-chata que emigrou numa jangada...

O espírito de resignação do gentio humilde que não tem raízes no chão está encerrado nesta frase:

— Si hei de morrer aqui sem esperanças, vou morrer lá esperançado."

OS FORTES

Nem todos partem. Milhões não arredam o pé do chão e enfrentam a calamidade, vencendo-a, o que é de espantar. Agora, nesta triste emergência, pelas rodovias, principalmente a Transnordestina, o maior sorvedouro de vidas, depois da Central do

Cruzes, três vêzes! — foi o grito da ceguinha ao ouvir a blasfêmia proferida pelo chefe do grupo: — Terra amaldiçoada! — Os flagelados, apesar de tudo, têm amor ao torrão natal.





«A mesa do pobre é escassa, mas o leito da miséria é fecundo» — diz o adágio popular.

Brasil, os caminhões não passam mais superlotados de gente, mas de caroço de algodão, raízes, palma forrageira. Todos os recursos naturais estão sendo mobilizados para salvar o homem e o gado esquelético. E' uma luta desigual. O homem, mergulhado nas trevas do analfabetismo e vivendo num mundo de superstições, não encara a calamidade como um fenômeno meteorológico. Nunca houve uma educação nesse sentido. Tentam resolver o angustiante problema com procissões e mudanças de santos de um canto para outro, padecendo, neste mister, as imagens de S. José. Alguns, — dizem os antigos — amarraram um S. José no tôpo de uma jangada e soltaram rio afora, aos gritos:

— Vai buscar água com S. Pedro, danado!

Houve uma enchente e morreu gente que nem formiga, dizem os velhos... E enquanto a chuva não vem, o sertanejo, que não guardou nenhuma reserva de gêneros alimentícios colhidos nos anos de bonança, ao anoitecer, promove ladainhas. E ao vozeiro das comadres, todos os santos do céu são louvados.

Acontece que caíram pequenas chuvas zenitais, as chamadas chuvas de manga. Esperaram em vão pelas pancadas d'água de Santa Luzia, em fevereiro, mas o céu continuou limpo, com nuvens enganadoras. Já não há mais pastagem para o gado e as cacimbas, nos leitos dos rios, vão secando. E' cortada a última rama para o gado não morrer de fome. E' o prelúdio da desgraça. Resta a derradeira esperança: 19 de março, quando os sertões são varridos



Mãe e filhos com fome, em Arcoverde, localidade no interior do Estado de Pernambuco.



Mesclado de Raças! Um pouco de holandês, prêto e índio. Quem acabará primeiro? A sêca ou a família nordestina? Tem a palavra os podêres públicos. Só êles podem dar a resposta.

por imensas procissões. Homens, mulheres e crianças, maltrapilhos e famintos, percorrem as igrejas e fazem preces fervorosas a São José. Poucos sabem que naquele dia é a passagem do Equinócio, geralmente, precedido de chuvas torrenciais.

Se não chover a 19 de março, aí o espetáculo é dantesco. Há um pânico generalizado. Verifica-se, então, uma comunhão perfeita entre abastados e miseráveis. Surgem os fortes, os velhos fazendeiros fixados à terra por interêsses econômicos e, sobretudo, por amor ao torrão natal. Com êstes homens convivemos alguns dias.

GERAÇÃO INFELIZ

Às proximidades do Jaguaribe oferecemos passagem a um jovem que, com as suas alpercatas de couro, trazendo uma trouxa aos ombros, .fizera sinal para o carro parar. Quase imberbe, com 17 anos incompletos, viajava desde madrugada e só chegaria à noite ao serviço, onde os seus irmãos, fugindo do flagelo, conseguiram trabalho na estrada. Disse-nos. — O negócio tá feio, mas a gente não sai daqui não. Perdemos um pedaço de gado — algumas rêses — o açude secou, o pai ficou em casa tomando conta das mulheres e os homens caíram na vida.

— E se você conseguisse um emprêgo em São Paulo ?

A resposta, longe de se raquêle resignado "si hei de morrer aqui sem esperanças, vou morrer lá esperançado", foi diferente e decisiva:

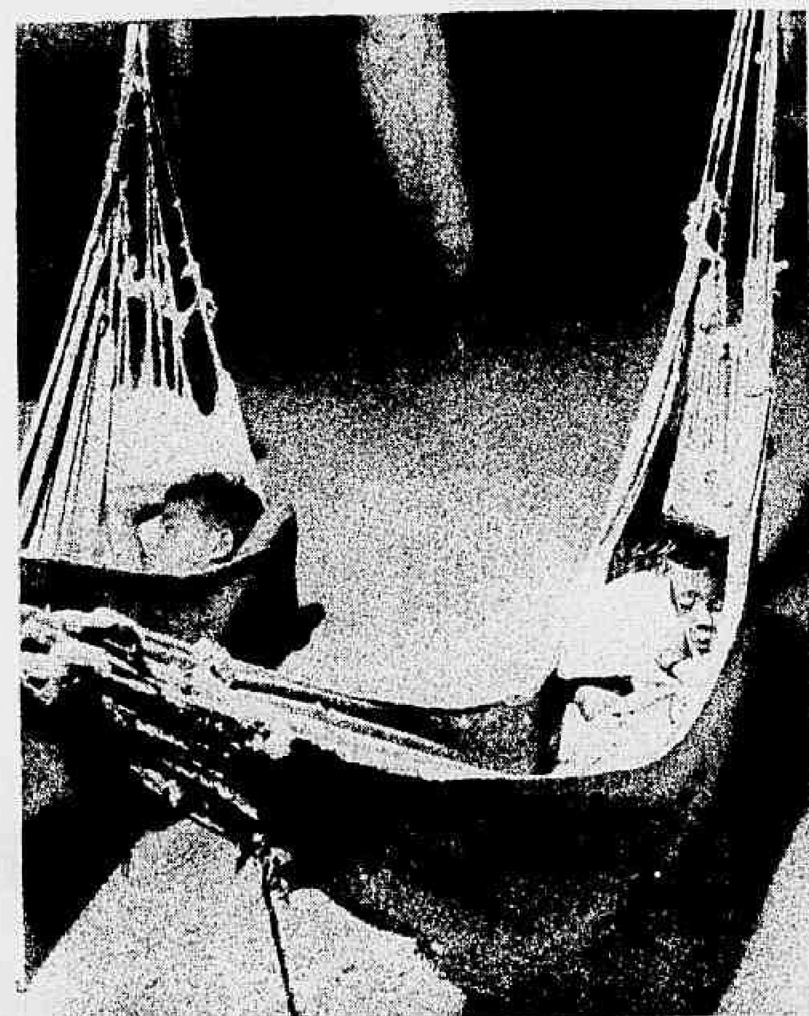


O rio secou. Mas ninguém, neste mundo, pode viver sem o precioso liquido. E os nordestinos sabem arrancá-lo das entranhas da terra, num trabalho insano, digno de um Hércules.

HOMENS



Água, a qualquer preço, nas cidades sertanejas, onde os açudes secaram. Um barril custa dois cruzeiros e uma família precisa, por dia, no mínimo, de cinco barris do precioso líquido.



O sono inocente! A rêde é suja, como sujas são as vestes. Dormem com o estômago vazio e comem apenas uma vez em toda o dia.

— Daqui a gente não arrasta o pé, não senhor!

Êle falava por todos que estão presos ao chão, os donos dos roçados. O rapaz não sabe ler, nem escrever, cousa comum na juventude espalhada por êste Brasil afora. Dos nove irmãos, quatro morreram. Não existe uma só família nos sertões que não tenha perdido de uma a três crianças na idade de zero a três anos. Foi por isto que um pediatra bradou:

— No Brasil a criança nasce para morrer!

Dura verdade para vergonha de um povo.

Morrem, anualmente, em nosso país, 720.000 crianças, 85 % no interior, por carência alimentar e assistência médica.

O rapaz, um tipo que encarna perfeitamente a mocidade sertaneja abandonada, tem os dentes estragados, trabalha de sol a sol para ganhar 15 cruzeiros, salário de qualquer chefe de família nos serviços do Govêrno Federal. Que podem comer um homem e sua família com 15 cruzeiros?



Três infelizes gerações que sofrem os horrores da estiagem: avô, pai, filho.



O jumento e a criança, companheiros nas caminhadas em busca da vida.

INDOMÁVEIS!



Fazendeiros e trabalhadores, lutam contra os efeitos da calamidade. Ei-los aqui saltando um passadiço, atrás de alimento para o gado.

Acontece o esperado: o trabalhador rural, que necessita de 3.000 calorias, só consegue 1.200. Com êste espantoso deficit calórico é fácil prever o futuro da raça.

— "A gente só come uma vez, — disse-nos José da Silva Nonato. De domingo em domingo aparece o caminhão da água e a gente esfrega o sujo do corpo."

Milhares e milhares de José da Silva Nonato estão escrevendo uma página épica no nordeste, partindo do princípio de que "nenhuma calamidade é capaz de desagregar tão profundamente e num sentido tão nocivo a personalidade humana, como a fome".

Tôda a capacidade de resistência tem um limite. E' possível que ela seja esgotada, com os técnicos recolhidos em seus gabinetes com ar refrigerado, traçando um plano nacional de combate às sêcas...

De um modo geral, o flagelado não passa o sábado e o domingo no acampamento, preferindo o convívio da

(Cont. na pág. 42)



O Contraste! — Dois nordestinos que saíram de suas terras torradas no Estado de Pernambuco, contemplam o desperdício de milhões e milhões de litros d'água no Estado da Paraíba.

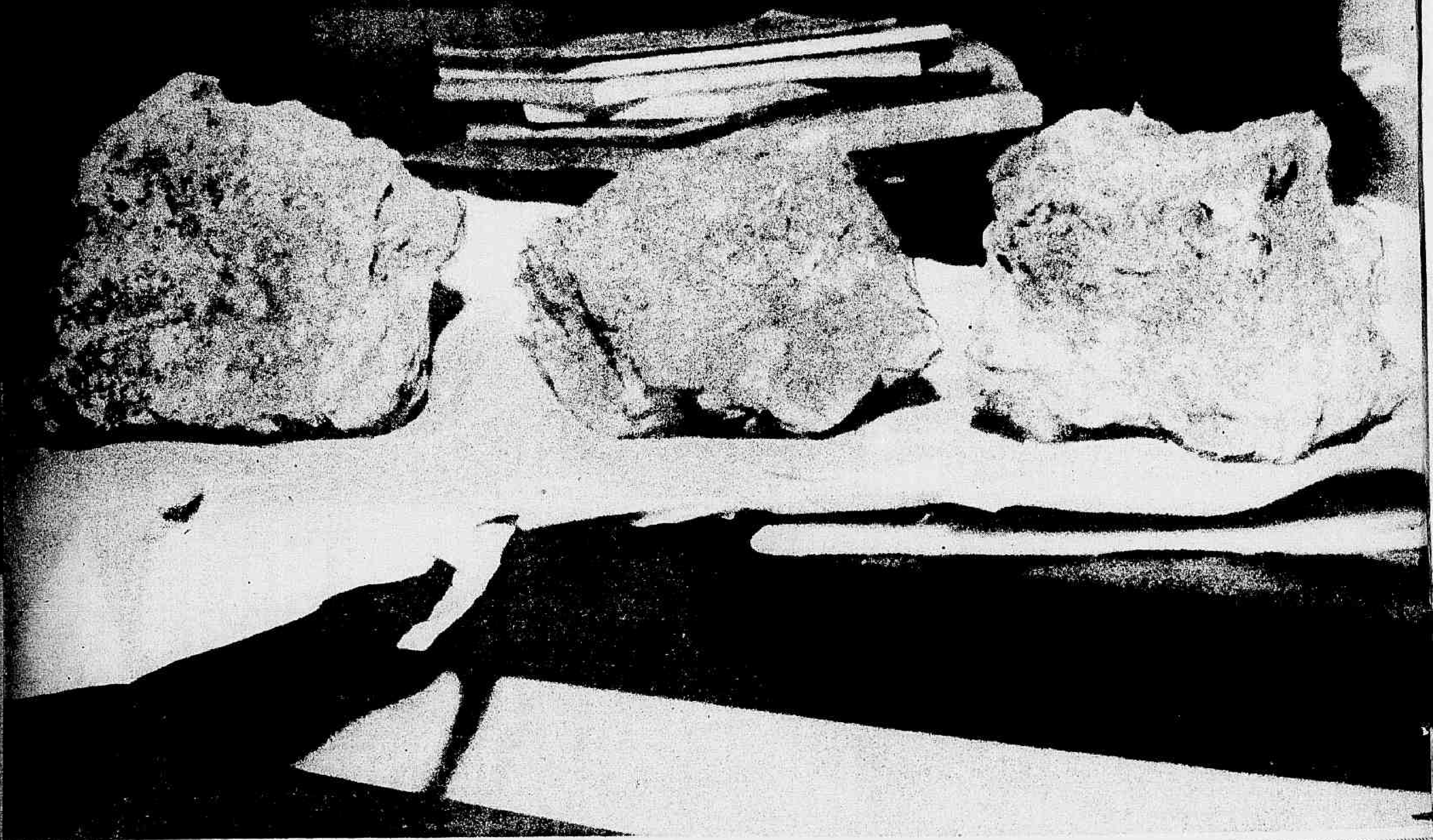


Pés que rasgam sertões e caatingas, em caminhadas, fugindo à morte.



O pai, vítima da sêca, procura a cidade para salvar a filha enfêrma

ÚLTIMO FLASH



URÂNIO! TÓRIO! NIÓBIO! Três nomes de eleição para as novas exigências do mundo na conquista da energia nuclear. Antigamente, país respeitável e respeitado, capaz de impor-se perante as maiores potências era aquêle que dispusesse da trindade: ferro, petróleo e carvão. Com a marcha do progresso, das necessidades da segurança coletiva, dos novos engenhos da guerra moderna e das indústrias, os minérios que fornecem energias atômicas passaram adiante dos três soberanos do mundo. Ninguém duvidava de que no solo do Brasil havia ricas jazidas de urânio e de outros armazenadores de fôrça atômica; êste país é um celeiro de tudo o que há de mais precioso na grande Natureza. Mas, onde situar essas fontes preciosíssimas? Coube a Minas Gerais, mais uma vez, classificar-se como seara de riquezas incalculáveis, descobrindo-se em seu maravilhoso solo, minas de Urânio, Tório e Nióbio. Nesta página apresentamos aos leitores uma fotografia apanhada em Belo Horizonte, no Instituto Tecnológico de Minas Gerais, mostrando os minérios recentemente descobertos na região de Araxá e examinados pelo dr. Djalma Guimarães, do mesmo Instituto, que encontrou o seguinte teor em cada um dêsses minérios: no Urânio, de 1 a 3 por cento, e no de Tório e Nióbio, até 6 por cento. (Foto de José Maria Naves).

MÓVEIS — TAPÊTES — CORTINAS



projeto da CASA NUNES para CURITIBA — Estado do Paraná



Tapêtes e passadeiras

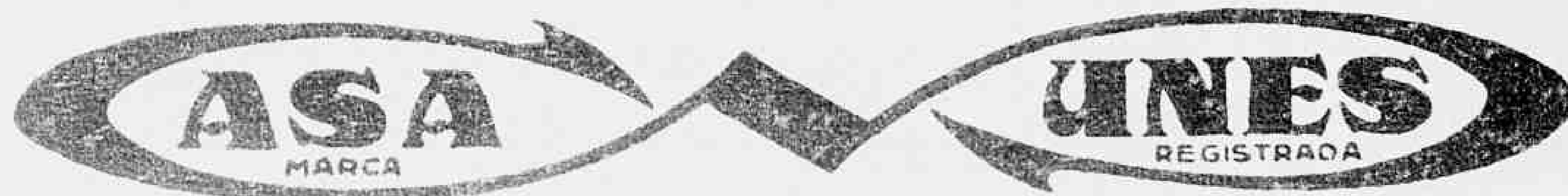
de forração em côres lisas e com flores

Grupos estofados

especialidade de nossas oficinas

Tapêtes feitos à mão

de grande beleza e originalidade



65 - RUA DA CARIOCA - 67 - RIO

Nada supera
o prazer
de fumar
Hollywood

CIGARROS

hollywood



UMA TRADIÇÃO DE BOM GÔSTO

UM PRODUTO SOUZA CRUZ